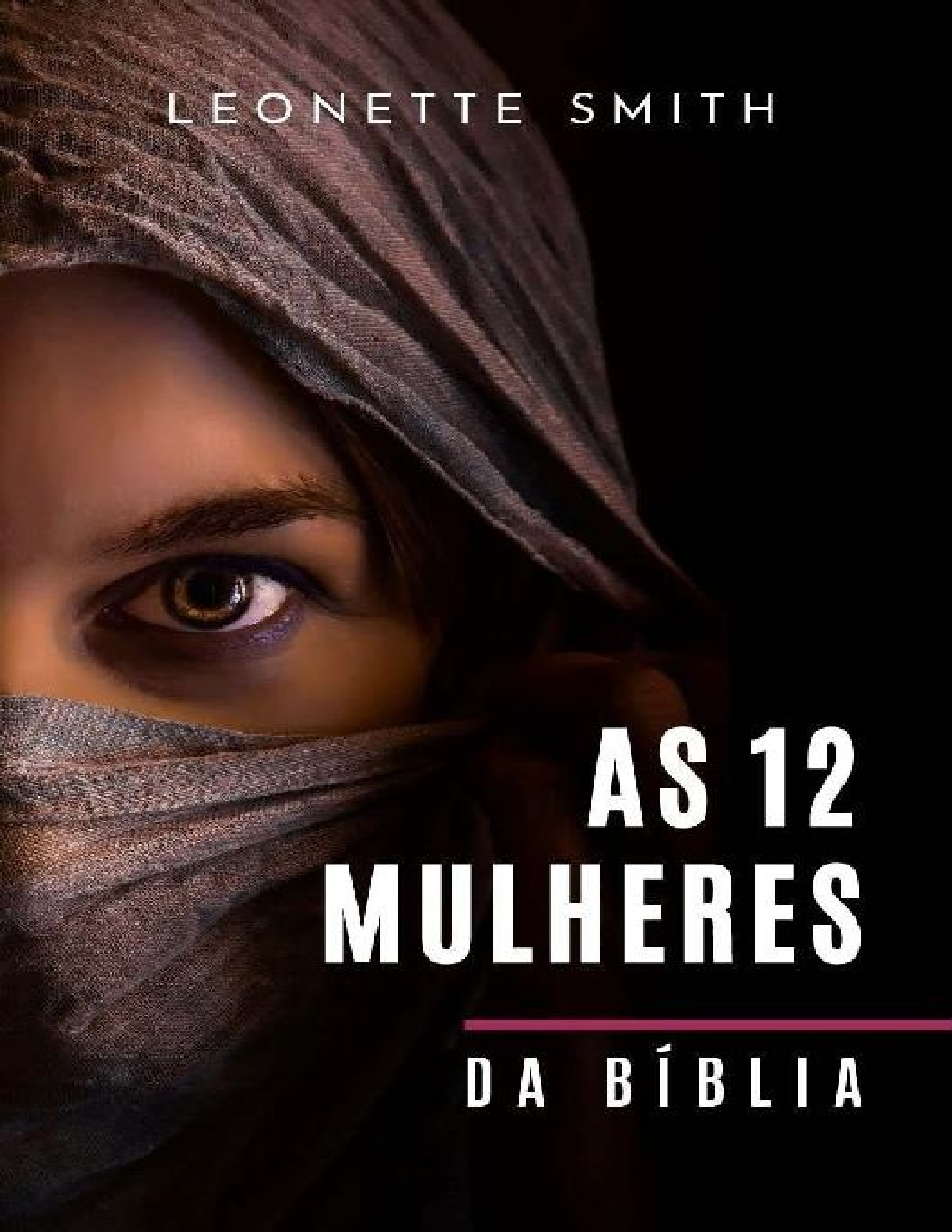

LEONETTE SMITH
AS 12
MULHERES
DA BÍBLIA

Índice

Capítulo 1 - O Riso de Sara
Capítulo 2 - A Dança de Miriam
Capítulo 3 - A Maternidade de Débora
Capítulo 4 - A Fidelidade de Rute
Capítulo 5 - O Choro de Ana
Capítulo 6 - A Ousadia de Ester
Capítulo 7 – A Paixão da Sulamita
Capítulo 8 - A Entrega de Maria
Capítulo 9 - O Cérebro por Inteiro
Capítulo 10 – A Adoração da Samaritana
Capítulo 11 - A Liberdade de Madalena
Capítulo 12 - O Empreendedorismo de Lídia
Dedicatória
Agradecimentos
Prefácio
Bibliografia
Contactos
iDream

Capítulo 1 - O Riso de Sara

Sara apresenta-nos o perfil de mulheres ousadas que enfrentam o desconhecido e ainda se riem das adversidades.

Panorama Histórico

Esta história data de 2000 a 1500 A.C..

Ur foi uma cidade da Mesopotâmia localizada a cerca de 160 Km da grande Babilónia, junto ao rio Eufrates, habitada na Antiguidade pelos Caldeus e

considerada a maior metrópole da época. De acordo com o livro de Génesis, foi a terra natal do patriarca dos hebreus Abraão, o qual era casado com Sara, a primeira das doze mulheres que vamos conhecer.

Os habitantes de Ur moravam confortavelmente em casas vistosas e em nenhuma outra cidade da Mesopotâmia foram descobertas habitações tão esplêndidas e confortáveis como aquelas. Comparadas às de Ur, outras habitações que se conservaram da Babilónia pareciam pobres, até mesmo miseráveis.

Para termos uma ideia de como os cidadãos de Ur viviam, já 1.500 anos antes de Cristo, habitavam em construções maciças em forma de vilas, a maioria de dois andares, com treze a quatorze divisões. O andar inferior era sólido, construído de tijolos cozidos num forno; e o superior, de barro, com paredes caiadas de branco.

O visitante transpunha a porta e entrava num pequeno vestíbulo onde havia pias para lavar a poeira das mãos e dos pés. Daí passava ao grande e iluminado pátio interior, cujo chão era lindamente pavimentado. Em volta dele se agrupavam a sala de visitas, a cozinha, as demais salas e quartos dos criados e o santuário doméstico para uma escada de pedra, sob a qual se escondia a *toilette*, subia-se a uma antecâmara circular para onde abriam os quartos dos membros da família e dos hóspedes.

A Ur dos Caldeus do segundo milénio antes de Cristo, era uma capital poderosa, próspera, colorida e industriosa.

Foi deste contexto que Abraão partiu.

Observando o ambiente requintado em que passou a sua juventude, até à vida adulta, podemos ter uma conceção de como era a cabeça deste patriarca hebreu. Enquanto cidadão de uma grande cidade, herdou a tradição de uma civilização antiga e altamente organizada.

Para entendermos a sua cultura, o primeiro código de leis de que se tem notícia foi criado por *Ur-Nammu.* Representante em lideranças de Ur, este código vigorou durante 300 anos, até ser substituído. Atualmente, Ur é uma Estação de Comboios, 180 Km ao norte de Baçorá, perto do Golfo Pérsico, uma das muitas estações da célebre linha férrea de Bagdade, capital do Iraque.

Hoje, o viajante que aí desembarca é envolvido pelo silêncio do deserto.

Sara– Nome de origem árabe e significa "PRINCESA"

Aqui começa a *saga* do patriarca.

Foi Abrão para a terra de Canaã, porque Deus o mandou ir.

Uma pessoa que ouve e obedece a este tipo de comando, com certeza tem uma conexão diferente dos comuns mortais, no relacionamento com o divino. Há uma relação de conhecimento e vivência onde o grau de obediência incondicional, é consequência de companheirismo e reconhecimento da presença de Deus na vida da pessoa.

Então, firmado nesse relacionamento, sem saber o destino, Abrão foi.

As coisas hoje são diferentes. Quando decidimos viajar podemos consultar um mapa, a internet e encontrar informações sobre o local para onde se vai. Ao planear uma viagem procura-se saber onde é o *"onde"* que se está indo. É possível conhecer e ver lugares em tempo real com a tecnologia hoje. Porém essa não era a realidade do casal Sarai e Abrão, porque quem deu a ordem queria dependência e confiança total. Foi clara a indicação: *vão e eu mostrarei onde será*.

Os únicos que se conseguem expor a uma obediência assim, são crianças em desenvolvimento e, mesmo assim, as crianças de hoje são questionadoras, o que não é mau, mas a educação recebida por vezes deixa-as decidir sem recurso à aprendizagem da obediência… (mas isso seria assunto para outro livro!). Não é contudo normal que pessoas tomem decisões importantes baseadas apenas num comando indizível, de um Deus que não se deixa ver, através de sentimentos e verdades se comunicam na linguagem do coração.

Muitas questões podem vir à cabeça sobre a personalidade e o comportamento deste casal, mas não nos compete olhar sob o viés psicológico, nem a inteligência emocional, nem um entendimento embotado, mas de uma compreensão bíblica da narrativa do patriarca dos hebreus.

Segundo reza a história, eles deixaram *o mundo civilizado da época*, simplesmente para obedecer a uma ***chamada*.**

Abrão não foi sozinho. Além da sua mulher Sarai, decidiu levar o sobrinho, Ló, para acompanhá-los na viagem. No quotidiano de Sarai, encontramo-la repartindo a companhia do marido com esse sobrinho e o grupo que viajava com eles. Criados, ajudantes, servos, animais, tendas, enfim, uma pequena *comunidade atrelada ao casal*. Não sabiam para onde iam, nem quanto tempo duraria a viagem, não era propriamente uma viagem de passeio e muito menos umas férias.

Foi uma viagem definitiva (ou decisiva).

Em momento algum nos apercebemos que Sarai tenha contestado a jornada

ou querido ficar em Ur, até porque, na época, tal hipótese estava fora de questão! A mulher era pertença do marido e devia ir atrás dele, onde quer que ele fosse.

Vamos imaginar como poderia ser o dia a dia de Sarai.

Ela era vistosa e cuidava-se certamente. Pelas referências bíblicas sabemos que era bela e bem tratada.

> *"Quando Abrão chegou ao Egito, os egípcios logo perceberam que a mulher dele era linda. Os membros da corte elogiaram Sarai diante do Faraó. Em consequência disso ela foi levada para viver com ele."*
> Génesis 12:11,14

Logo que saíram de *Ur dos Caldeus, a sua* cidade natal, passaram pelo Egito. Nessa ocasião, o seu marido, pediu que ela se apresentasse como sua irmã para que o rei do Egito não o matasse por causa da beleza de Sarai. Estamos diante de uma situação inusitada e um tanto ou quanto absurda, pois que marido omitiria a identidade da sua esposa, fazendo-a passar por sua irmã e a entregaria de mão beijada a outro homem – mesmo sendo um rei - para livrar a sua pele da morte?

Não é a intenção deste livro ressaltar as falhas de Abrão, mas convenhamos que foi uma atitude nada cavalheira e arriscou-se a perdê-la.

Se ambos viajavam com uma missão específica, porque ele não protegeu a sua esposa?

Compreendo a preocupação de Abrão, mas faltou-lhe inteligência e intrepidez, num momento crucial, onde a história nos mostra que foi necessário a intervenção divina para não atrapalhar os planos originais para o casal. Deus enviou pragas aos egípcios e a Faraó para que o rei entendesse que algo estava errado e, quando ele se apercebeu, devolveu Sarai apressadamente ao seu marido.

Mas voltemos à nossa protagonista Sarai, e falemos da sua aparência física, o motivo que levou Faraó a cobiçá-la.

As mulheres investem tempo e dinheiro para se sentirem bem, completas, bonitas, jovens e realizadas. Protegem-se quando se expõe ao sol, ao frio ou em qualquer outra situação. Hoje não vivemos uma vida nómade, mas mesmo assim temos esses cuidados. Seguramente que Sarai tinha maiores dificuldades em cuidar da sua beleza física, em pleno deserto e em constante movimento.

Se fosse hoje precisaríamos de produtos com proteção solar e beneficiaríamos das mais modernas tecnologias, mas a nossa protagonista não estava num safári pelo deserto, ela estava numa calorenta e poeirenta jornada que talvez afetasse a sua pele, os seus cabelos, mas enfim essas conjeturas são

nossas. Embora a história não diga como Sarai ultrapassou os seus dilemas femininos, contudo esta narrativa inspira e motiva.

Certamente o seu corpo físico foi beneficiado pelas caminhadas diárias, pois era impossível reclamar ou dizer: "*hoje não estou com vontade de andar!"*. Ela tinha de ir. Era a sua rotina diária.

Como pertencia à classe privilegiada da época, é evidente que conhecia os segredos de beleza para as mulheres, que hoje nem imaginamos como seriam. Numa civilização onde possuíam técnicas para embalsamar faraós, deveriam ter excelentes produtos de beleza!

Entenda-se que Abrão era um homem de posses e recursos materiais, logo Sarai possuía os melhores óleos, as mais caras especiarias e as fragâncias de elite, para os seus cuidados de beleza diários. Apesar do desconforto de andar com a casa às costas, tinha criados e a sua *necessaire* de produtos de beleza.

Mesmo sem registos destes componentes, os resultados confirmavam. Sarai era uma mulher formosa e elegante, que se vestia do melhor que existia na época.

A beleza pode não ser tudo - mas cá para nós mulheres - é um belo cartão de visita!

A sua rotina não era fácil. Levantava-se cedo, provavelmente antes do nascer do sol e organizava todo o dia inteiro pela frente, e outro dia pela frente, e outro dia...

Até chegar ao destino.

Contudo Sarai não era só uma figura bonita. Ela estava naquele contexto para cumprir uma missão. Ela sabia da promessa que Deus tinha dado ao seu marido: para o descendente nascer, ela era uma parte indispensável desse plano. Seria a mãe do filho de Abrão, segundo a promessa de Deus.

Sarai vivia os seus dias auxiliando o seu marido e os *trâmites* divinos que ele fazia na parceria com Deus. Observava como Deus agia com Abrão, e a *graça* que este alcançava diante dos reis por causa da obediência a Deus. Sarai conheceu múltiplas culturas viajando pelo mundo de então, sempre com porte de rainha, sabendo estar à altura do *bem-estar da sua casa.*

Eram cúmplices.

Há outra característica de Sarai realçada na narrativa bíblica.

A praticidade para encontrar soluções.

O modo como procedeu quando seu marido a entregou a Faraó, percebemos que ela não queria atrapalhar. Ela queria ajudar. Assim procedem as mulheres práticas, lidam com as adversidades e situações da vida, de maneira a encarar o

que for preciso, sem melindres.

Mas na narrativa bíblica, o tempo corria.

Já decorriam dez anos de vida nómade, desde que saíram de Ur dos Caldeus. Deus prometeu a Abrão que faria dele pai de uma grande nação, no entanto as tentativas de terem descendentes eram frustradas, pois Sarai era estéril.

Como Abrão tinha um empregado de confiança, o leal Eliezer, pensou na possibilidade deste servo ter um filho e adotá-lo como seu, assegurando assim uma descendência, mas Deus não aprovou essa ideia.

Procurando formas de resolver a situação, encontramos na narrativa bíblica, comportamentos, atitudes e decisões de Sarai para ajudar Abrão a ultrapassar a sua esterilidade e, consequentemente, ajudar a Deus a cumprir o seu plano de dar descendência ao seu marido.

As mulheres de maneira geral, tomam a dianteira e vão resolvendo as coisas à sua maneira, ainda mais quando sabem que existe uma promessa que Deus deu, e se porventura demorar a acontecer, como foi aqui o caso de Sarai, lá vão as mulheres, dar *uma mãozinha*, *uma ajudinha,* a Deus.

Sarai matutou e resolveu intervir e ajudar.

Não sei se é bom ou mau, mas como o marido demorou a tomar uma atitude (no caso, dez anos após a promessa), Sarai, sempre pronta a auxiliar, achou, com a melhor das intenções, que era preciso dar um empurrãozinho.

Esta é uma característica feminina, que faz parte da função *ajudadora* no inconsciente da mulher, e acentuada hoje devido à educação recebida da sua ascendência.

Consigo presumir uma assertividade de Sarai num hipotético diálogo do casal:

"Abrão faça alguma coisa marido… Já se passaram dez anos, contestava Sarai."

Sarai deve ter concluído que se Deus ia dar descendência a Abrão e ela não podia gerar filhos, então encontraria uma solução. Já que a semente tinha de ser do marido, e ela era o *útero seco* logo, uma escrava faria a sua vez.

Abrão obviamente concordou, deitou-se com Hagar, a escrava egípcia de Sarai, e assim a semente seria dele e a descendência estaria assegurada.

Promessa dada, promessa cumprida.

Plano arquitetado, plano executado.

Sarai agiu como uma mulher prática e resolvida procurando soluções. Mais uma vez a parceria e cumplicidade de Sarai apareceu aqui, cedendo o marido à sua escrava para um *bem maior*.

Hoje pode-se fazer uma fertilização num laboratório, mas na época de Sarai, só existia o método tradicional.

Quem sabe se a melhor alternativa não era mesmo esperar o milagre de Deus?

Diante das impossibilidades de uma idade biológica para uma possível gestação já terminada, sem óvulos fecundados, agora era hora de encontrar soluções e resoluções. Sarai agiu segundo uma prática permitida nas culturas da antiguidade para as mulheres estéreis: entregarem as escravas para terem filhos como se fossem seus.

Dessa "boa intenção" nasceu Ismael, o filho de Hagar e Abrão.

Já se tinham passado dez anos, Sarai só queria ajudar, e como seu útero não podia gerar, então que outro útero gerasse com a sua permissão.

Uma barriga de aluguer.

Um nobre propósito.

O relacionamento entre Sarai e Abrão não era de aparências. Era autêntico e havia uma cumplicidade conjugal. Foram anos de convivência e parceria. Precisaríamos de outro capítulo para analisar o comportamento de Sarai. Diante da situação o lema dela era *tudo pelo propósito*.

O que aconteceu desta relação de Abraão com *Hagar*, a escrava egípcia, trouxe sérias consequências até aos nossos dias, pois Ismael tornou-se o pai dos árabes, e dessa descendência decorrem conflitos no oriente médio até hoje. Sarai não tinha a mínima ideia do que a sua sugestão iria causar, um futuro de genocídios e guerras, para a sua família e para o mundo.

O tempo ia passando e Sarai envelhecia, pela lei natural da vida. Já não era jovem. A vida nómade já lhe pesava nos ombros. Era uma mulher madura e sabia o que estava a propor ao seu marido.

É curioso ver que não houve interferência de Deus, nem quando Abrão pediu que Sarai se passasse por sua irmã no Egito, nem quando Sarai fez a proposta de entregar a sua escrava ao marido.

Ah! Como muitas vezes seria bom se Deus interferisse com as nossas decisões. Se Ele gritasse: parem com essa loucura! Estão a fazer as coisas de maneira errada.

Consigo imaginar Deus observando enquanto construímos sozinhos os nossos próprios caminhos.

Aqui está uma mulher como qualquer outra mulher. Com um objetivo na cabeça, procurando solucionar *o "quebra cabeças" da vida* e ao mesmo tempo, ser fiel ao seu marido, à sua família e ao seu propósito de vida.

Ismael nasceu da relação de Abrão e Hagar, porém o maior milagre ainda estava por vir. Teria de ser sobrenatural; de um *ventre seco* ainda nasceria vida, todavia Sarai não sabia.

Ninguém sabia. Só Deus podia fazer o *novo* quando todas as possibilidades se esgotaram.

Então Deus executou o seu plano sem quaisquer intervenções humanas.

Primeiro Deus mudou-lhes os nomes e disse que passariam a ser conhecidos como Abraão e Sara, ao invés de Abrão e Sarai.

Essa intervenção foi a maneira mais significativa que Deus usou para mudar a vida do casal. Os nomes têm significado e quando as pessoas chamam alguém pelo nome, a identidade da pessoa é reforçada. Era necessário eles proferirem e ouvirem o que realmente se tornariam: pai e mãe das nações, pois o nome Abraão significa: Abraão, *"pai de muitas nações"* e Sara, *"princesa, mãe de muitas nações"*.

Estamos diante de um processo de *reprogramação mental* [1]. Mudar os seus nomes era ajustar a sua identidade para que o *novo* pudesse chegar. Enquanto pensassem e se vissem da mesma forma e consequentemente se dirigissem um ao outro com os seus nomes antigos, acreditariam no *antigo*. Agora com novos nomes e nova identidade, poderiam trazer o *novo* com mais facilidade. Afinal os nomes têm a força da personalidade da pessoa e da sua verdadeira identidade.

Outra intervenção divina foi o *método da visualização*. Deus chamou Abraão para fora da tenda, à noite e pediu-lhe que contasse as estrelas. Como obviamente ele não conseguiu fazer isso, Deus explicou-lhe que, da mesma que as estrelas eram incontáveis, assim seria a sua descendência com Sara. E fez-se um clique! Todas as noites que Abrão contemplava o céu estrelado e ativava a promessa que lhe fora dada, através da visualização.

O que me leva a crer que até a virilidade de Abraão, apesar de idoso manteve-o forte na sua intimidade com Sara, pois Isaque, o filho da promessa, foi concebido naturalmente. Para haver uma sexualidade ativa de ambos, Abraão e Sara deviam ter bons momentos íntimos.

Um belo dia surgiu um anjo que disse que Sara seria mãe.

Diante de tal extravagante declaração, a reação espontânea de Sara foi rir. Ela riu diante do impossível.

Quando discutimos um assunto, ainda queremos dialogar com a questão. Quando choramos ainda imploramos por resposta. Quando nos calamos ainda acreditamos que a questão pode ter resposta, mas quando já rimos, estamos a dizer: *"Isso é um absurdo! Já vivi o suficiente para saber que não dá"*.

Já ouvi muitas pessoas dizerem que esse riso foi um riso incrédulo porque Sara não cria nas promessas de Deus. Prefiro acreditar que ela cria sim, pois havia andado vinte e cinco anos com Deus no deserto e certamente O conhecia.

Simplesmente estavam diante de uma impossibilidade.

Podia *parecer* incredulidade, mas quando Sara foi descoberta pelo anjo, que a ouviu rir, ela ficou com receio e negou. Apenas tinha achado graça.

Qual de nós não acharia também a situação ridícula?

Esta mulher ouve há anos que o seu marido teria uma descendência inumerável; oferece a sua escrava ao marido como um atalho, e agora o anjo afirma que ela própria é que a barriga que vai gerar o prometido!? Parecia uma anedota, por isso ela riu-se.

Não creio que esta tenha sido uma atitude de uma pessoa incrédula, no sentido de não crer em Deus, mas no sentido de, o que mais veria a acontecer? Ela andou com Deus durante anos no deserto, mas as próprias expetativas frustradas trouxeram a incredulidade, pois de maneira natural, não havia mais nada que pudesse ser feito.

Permitam-me dizer aqui que Deus usou uma prática antiga.

Hipócrates, o pai da medicina no século IV A.C. utilizava animações e brincadeiras na cura de pacientes. A terapia do riso é usada ainda hoje até em pacientes terminais. Não sou especialista no assunto, mas considerei pertinente abordar isto.

> *"Ao rir a pessoa terá uma proteção não só a nível cardíaco como a nível cerebral. Porque o riso permite um relaxamento que ajuda a normalizar a respiração arterial. Se as pessoas tivessem o hábito de rir várias vezes ao dia, estariam amenizando a descarga de adrenalina no organismo e permitindo uma descarga de endorfinas."* (Lambert, 1999)

Acredito que o riso de Sara pode ter sido um riso de CURA. Não havia mais nada em seu corpo que permitisse viver a beleza da maternidade. Um corpo estéril e idoso, tinha forçosamente que passar por transformações para poder experimentar o milagre da gravidez. Quando ela se riu, algo mudou.

O seu nome já tinha sido mudado para *MÃE de muitas nações*, ou seja, a sua mente já ouvira tantas pessoas nomeando-a assim que, interiormente, ela acreditava. Agora só faltava o seu corpo ter a mudança necessária para desenvolver um feto. Quando o seu corpo foi curado, ganhou um novo vigor para gerar vida.

A essência criadora de Deus usa os métodos que melhor se Lhe fazem sentido. Ele faz às coisas à sua maneira. E foi o que aconteceu com Sara.

Quando rimos muitas vezes perdemos a *compostura*, não estamos preocupados com nada, apenas achamos graça e nos entregamos a esse momento.

Nesses segundos em que rimos não carregamos nada connosco. Nem preocupações, nem indagações, nem medos, nem conselhos, nem perguntas, nem respostas, apenas rimos.

Precisamos rir mais nos nossos dias.

Sara disse: *"Deus me trouxe riso e todos que ouvirem também rirão comigo."*

O milagre da juventude no deserto não chegou perto do milagre operado pelo próprio Deus num corpo já sem vida para gerar vida.

Trazendo de forma comparativa para situações pessoais que talvez estejamos a carregar, quantas vezes precisamos gerar os nossos *"Isaques*", porém o nosso útero está seco, e acabaram-se as possibilidades. Por vezes gastamos todas as nossas tentativas de resolver seja lá o que quer que seja, mas os resultados são dececionantes.

Talvez a sugestão seja rir.

Gosto de ver *"Isaque" como analogia* àquelas situações que duram há eternidades e parece que nunca se vão resolver.

Quem não tem situações difíceis que se *arrastam* e parecem insolúveis?

Conjunturas onde se faz tudo de forma correta para obter os resultados desejados, contudo parece que todas as tentativas são frustradas.

O nome *Isaque* significa riso.

Sara tinha feito tudo que ela podia fazer e fez tudo o que estava ao seu alcance, para ajudar o seu marido. Se dissermos que ela errou em ter oferecido sua escrava para dar descendência ao seu marido, logo a perdoaremos, pois ela só queria ajudar.

Os nossos esforços, por melhores que sejam, nunca chegarão a nada que se compare ao que Deus pode fazer para nos surpreender.

Quando Sara ficou sem ideias naturais para ajudar, porque todas as possibilidades humanas, tinham-se esgotado, foi quando o milagre aconteceu.

Agora ela estava totalmente despreocupada.

Ela podia rir porque já não dependia dela, podia rir porque não devia explicações a ninguém. podia rir porque não precisava fazer mais nada, podia rir porque não era ela que ia fazer, podia rir porque podia abandonar-se no colo de quem lhe deu a promessa.

Se alguém precisava e podia cumpri-la era Deus, então ela descansou e riu, pois já havia feito coisas mais difíceis.

Agora não havia mais nada a fazer!

AGORA EU ACHO GRAÇA!

Quer experimentar o milagre do riso?

Ria, rir faz bem, porque quando esse riso é de dentro para fora, e não é forçado, acontece quando tudo dentro de nós está curado, tudo dentro de nós está pronto para *gerar* novas vidas, novas respostas.

Depois de todas as possibilidades se esgotaram e chegamos ao limite humano, é a vez do ***Todo Poderoso*** cumprir sobrenaturalmente a promessa.

Ainda temos *Isaques* que precisam nascer.

Então vamos rir e gerar os nossos *Isaques.*

Capítulo 2 - A Dança de Miriam

Em Miriam encontramos o tipo de mulheres que encaram os desafios da vida com ousadia, graça, leveza, harmonia e *bailam* as suas vitórias.

Panorama Histórico

Estamos no ano de 3200 A.C., no período dinástico egípcio.

Ainda não tinham sido escritos os dez mandamentos, nem as leis que determinariam a conduta do povo judeu. A região do Antigo Egito situava-se

entre a primeira catarata do Nilo e o seu delta. O historiador grego Heródoto, chamou ao Egito "a dádiva do Nilo" pela extrema importância que o rio tinha para os egípcios. O rio era utilizado como meio de transporte (através de barcos) de mercadorias e pessoas. As águas do Nilo também eram utilizadas para beber, pescar, irrigar e fertilizar as margens, nas épocas de cheias, favorecendo a agricultura.

A sociedade egípcia estava dividida numa pirâmide social, sendo o *Faraó* a autoridade máxima, chegando a ser considerado um *deus* na Terra. Abaixo do monarca a "classe do saiote branco" como os *nomarcas* e *vizires*, os quais, como classe dominante, administravam as províncias e a sociedade em geral. E abaixo destes os sacerdotes e os escribas organizavam a religião, as leis e a escrita. Só depois vinham os militares, os artesãos, os camponeses e abaixo de todos, os escravos. Estes, estranhamente, aprendiam a escrita.

A civilização egípcia destacou-se muito nas áreas das ciências, desenvolveram conhecimentos importantes na área da tecnologia e matemática, usados na construção das pirâmides e dos templos, tornando por exemplo as *Grandes Pirâmides de Gizé* do Império Antigo, uma das Sete Maravilhas do Mundo.

Na medicina, os procedimentos de mumificação, proporcionaram importantes conhecimentos de anatomia e os seus conhecimentos empíricos de maleitas e tratamentos, produziram a primeira farmacopeia conhecida.

Miriam a nossa protagonista, pertencia à classe dos escravos. Trabalhavam muito sem nada receber além de água e comida.

O povo hebreu, como era chamado, tinha chegado ao Egito na época de José e tinham-se instalado para se dedicarem à agricultura e à pecuária.

> *"José faleceu e todos os seus irmãos, e também toda aquela geração. Mas os filhos de Israel multiplicaram-se e aumentaram muito, e foram fortalecidos grandemente, de maneira que a terra se encheu deles.*
>
> *Depois disso, levantou-se um novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José, e disse ao seu povo: "Eis que o povo dos filhos de Israel é muito e mais poderoso do que nós. Então usemos sabiamente para com ele, para que não se multiplique, e aconteça que, vindo a guerra, ele também se ajunte com os nossos inimigos, e peleje contra nós, e suba da terra.*
>
> *Assim decidido, os egípcios puseram sobre os hebreus maiorais de tributos, para os afligirem com suas cargas. E edificaram para Faraó cidades de tesouros, chamadas Pitom e Ramessés."* Êxodo 1:6-11

Vamos contar a história.

Não, esta história não é para ser contada. E quem ouvir, não pode ficar sentado. Esta história é para dançar, vamos bailar esta história.

A personagem desta história é uma menina que nasceu escrava, e cresceu vendo o seu povo ser humilhado e torturado. Viu os meninos hebreus nascerem e serem mortos, enquanto ela, a pequena escrava, cresceu cheia de privações, sem poder ter o que desejasse porque era uma escrava, filha de escravos.

Esta menina marcou a história do povo hebreu. Ela fez a diferença e aprendeu a correr riscos para vencer.

Miriam, era o seu nome, a filha mais velha da dona Joquebede. Joquebede tinha dois filhos. Miriam e Arão. Acabara de dar à luz a outro menino, quando uma lei de Faraó foi decretada apenas para o povo escravo hebreu. A lei dizia que as crianças hebreias do sexo masculino deveriam ser mortas ao nascer. As meninas seriam poupadas, mas os meninos não. Ao saber da lei, Joquebede negou ver o destino do seu bebé, igual ao dos outros meninos hebreus assassinados, e pensou numa estratégia para salvar a vida do seu filho.

Matar as crianças do sexo masculino era a estratégia egípcia para exterminar os hebreus nas terras faraónicas. Com tal infanticídio, num futuro próximo, não haveria homens adultos para gerar filhos e, consequentemente, esse povo deixaria de existir.

Joquebede traçou um plano e partiu para a execução. Primeiro escondeu o menino por três meses e quando achou que ele poderia sobreviver, colocou-o num cestinho de vime, impermeabilizado com betume e deixou a corrente do Nilo levá-lo. Essa mãe foi corajosa, porque ao colocar o menino no rio, só podia contar com a sorte.

Alguém teria de observar o percurso do cestinho.

Entra o segundo passo. Deu a Miriam, a irmã mais velha do bebé a incumbência de segui-lo pelas margens, para ver onde o cestinho ia parar.

Posso imaginar o coraçãozinho desta adolescente palpitando enquanto o cestinho com o seu irmãozinho ia sendo levado pelas águas. Os riscos ela deve ter passado para vigiar a sobrevivência do irmão, afinal alguém poderia vê-la e ser descoberta.

Por providência divina, o cestinho de vime navegou até onde filha de Faraó estava a tomar banho e ela encantou-se com o pequeno hebreu, resolvendo

adotá-lo e dar-lhe o nome de Moisés que significava "*tirado das águas"*.

Mas ainda não era o fim do plano para *Miriam*. Havia um terceiro passo, e ela precisava finalizar a sua tarefa, correndo mais um risco de ser descoberta.

Joquebede deveria conhecer bem o Deus a quem servia, e deve ter agido por instruções divinas, porque como seria o desfecho se o rio levasse o bebé para bem mais longe?

Miriam precisava que o passo um e dois dessem certo, para encaixar o terceiro passo, pois a mãe já a tinha instruído de como ela abordaria a princesa. Estava à espera do bebé chegar ao lugar onde a filha de Faraó se banhava e então apareceu do seu esconderijo e ofereceu-se prontamente para arranjar uma ama para cuidar do bebé e acabar de desmamá-lo. A ama seria obviamente a sua própria mãe. O terceiro passo foi executado sem falhas, a princesa egípcia aceitou, e o plano deu certo.

O prometido libertador de Israel, que ninguém sabia de quem se tratava, era esse bebé, e foi salvo com vida, enquanto todos os meninos hebreus da sua idade foram mortos. Um atroz genocídio infantil cometido pelos egípcios.

A providência divina acompanhou os planos da mamã *Joquebede* e da menina *Miriam* e assim *Moisés* foi criado pela sua própria mãe, até ser levado para o palácio e aprender a viver como um príncipe.

Alguém precisava correr o risco para intermediar este *"trâmite legal divino"*, e a menina que se tornaria mais tarde uma líder de mulheres, foi corajosa o suficiente para esta façanha.

Esta experiência fez com que Miriam nunca mais fosse a mesma pessoa, a sua confiança e força interior cresceram. Quando um indivíduo passa por situações de risco, o cérebro dele já não é mais o mesmo. As pessoas mudam e amadurecem conforme as suas vivências. As circunstâncias difíceis pelas quais as pessoas passam, capacitam-nas a subirem a outros patamares. É como se um teste fosse feito e a pessoa passasse a ser habilitada emocionalmente para outros desafios ainda maiores. E com Miriam também foi assim. A sua perigosa missão foi concluída com êxito, e os hebreus ganharam o seu futuro libertador, por causa de uma adolescente destemida e de uma mulher valorosa e conhecedora de um Deus de estratégias, milagres e destinos.

As mulheres aprendem a ser resilientes e vivem muitas realidades em circunstâncias adversas. Ao observarmos a história contemporânea, em países em guerra, o "treino emocional" é espinhoso e as estratégias precisam ser eficientes e funcionais, pois as situações são de vida ou morte. Ouvimos histórias de muitas mulheres valorosas que fizeram a diferença para a sua

família e para a sua nação.

Mas até nem precisamos recorrer a histórias tão distantes de nós; quantas vezes, no quotidiano, na vida real do dia a dia, traçam-se planos e espera-se a providência divina ajudar. Cabe ao ser humano a execução e colocar o plano em prática, pois a providência divina não se move enquanto a pessoa não fizer a sua parte.

É curioso e tão evidente que, quando há posicionamento sobre algum assunto, Deus se move e começa a alinhar as coisas para que os resultados convirjam a favor dos interessados.

Nesta mulher da bíblia, a ideia foi de Joquebede, mas lá estava a pequena Miriam para cumprir textualmente o desejo da sua mãe.

E se falhasse por algum motivo?

A sorte foi lançada e o Deus do Universo convergiu a favor destas duas mulheres, mãe e filha.

Podem chegar dúvidas e receios à cabeça de quem está envolvido, porém, na maioria desses momentos, nunca se pondera os prós e os contras.

O certo é que para conseguir alcançar resultados é preciso arriscar. Determinação e ousadia são palavras que impulsionam, e são atitudes internas, porque acontece de dentro para fora e não de fora para dentro. Para que as mudanças exteriores aconteçam é necessário mudar o interior primeiro e os resultados aparecerão no exterior. Contudo, determinações e atitudes são resultados desse processo interno.

Temos uma parceria, somos nós e Deus. Mulheres que não desistem enquanto não chegam ao destino. Mesmo que não seja para seu próprio benefício, mesmo que seja para cumprir a missão que só cada mulher sabe qual é no fundo do seu coração.

Miriam viu Deus proteger o seu irmãozinho quando outros meninos foram mortos, viu o seu irmão crescer como um príncipe por causa da sua ousadia em cuidar dessa *encomenda* até chegar ao destino, presenciou a ação de Deus de maneira escondida.

Que história ela tinha para contar!

É curioso ver como Miriam tinha alegria para viver, apesar de ser uma menina escrava. A confiança que ela tinha no coração, tornava-a forte independente da vida difícil que levava.

Miriam era uma mulher *livre por dentro* apesar da condição de *escrava por fora*. Aprendeu a dançar e a celebrar mesmo quando a situação era contrária.

Muitos anos mais tarde, quando atravessaram o Mar Vermelho, depois que

Moisés cresceu, envelheceu e amadureceu para ser o libertador dos hebreus, a narração bíblica nos conta que Miriam pegou no seu tamborim e começou a dançar. Esse era seu instrumento e com certeza já o tinha usado noutras ocasiões.

Refletindo sobre escravatura e adversidades horrendas, sabemos que os oprimidos usam a arte e a música como fuga emocional e como consolo na vida dura que levam, diante do jugo e domínio do opressor.

Miriam possuía esta marca, pois aprendeu no sofrimento a alegrar-se independente das circunstâncias. Incapaz de mudar a sua condição de escrava, mas vivendo na esperança de um dia alcançar a liberdade, Miriam nutriu-se das festas hebraicas, pois o seu povo era um povo alegre que dançava e cantava. Eles insistiam para que a alegria estivesse no seu meio, e que a sua cultura não morresse a despeito da dor do cativeiro.

O etólogo Michael Tomasello afirmou o seguinte: *"crianças crescem em meio a artefactos e práticas culturais que contém toda a sabedoria acumulada do seu grupo social."*

Se, após a travessia do Mar Vermelho, Miriam dançou num ímpeto, é porque essa prática fazia parte da sua vida. A dança é uma maneira de festejar e celebrar, a dança é uma forma de libertação da alma, a dança liberta mesmo quando estamos cativos. Podem limitar o seu espaço físico, mas ninguém pode prender o seu corpo, os seus movimentos ou a sua alma.

Será que, apesar das dificuldades, vivemos como mulheres escravas ou como mulheres livres? Esta resposta é pessoal e cabe a cada uma de nós auto analisar-se para alcançar qualidade de vida no seu dia a dia.

Miriam estava lá, vendo e vivendo a história.

Ela viveu sempre na esperança da liberdade.

Enquanto menina ela teve a missão de proteger Moisés, para que ele vivesse para libertar o povo hebreu. Ela não ouviu simplesmente falar da história; ela viveu a história e presenciou os milagres das pragas, juntamente com todo o povo.

Sim, ela tinha histórias para contar... e no momento exato, quando eles deixaram o Egito e atravessaram o Mar Vermelho, ela pegou no tamborim e dançou para celebrar a história, e as outras mulheres pegaram nos seus tamborins e dançaram juntamente com ela.

Miriam dançou a história!

Dentro das mulheres existe uma *porção* de Miriam.

As circunstâncias da vida e os obstáculos estão aí, todos os dias, para que as

mulheres possam contar as suas histórias e viver os seus desafios pessoais.

Eis alguns episódios da história dos hebreus que Miriam viveu:

As Dez pragas do Egito.

- ☐ A praga do sangue
- ☐ A praga das rãs
- ☐ A praga dos piolhos
- ☐ A praga das moscas
- ☐ A praga da peste dos animais
- ☐ A praga das úlceras
- ☐ A praga da saraiva
- ☐ A praga dos gafanhotos
- ☐ A praga das trevas
- ☐ A praga dos primogénitos

Miriam estava lá vivendo e vendo a história acontecer.

Junto com a praga dos primogénitos encontramos a referência da primeira Páscoa celebrada pelo povo. Uma festa comemorada até os dias de hoje. Nessa última praga os hebreus tiveram de colocar o sangue de um cordeiro morto na porta da sua casa, para que, quando o anjo da morte passasse, e encontrasse o sangue aspergido, nada aconteceria aos primogénitos naquela casa. Quando o anjo da morte passou, na porta dos hebreus havia o sangue do cordeiro aspergido e na porta dos egípcios não havia, então houve morte na casa do rei e na casa dos egípcios. Com essa décima praga Miriam viu que o sangue do cordeiro morto foi trocado pela vida e liberdade do povo hebreu.

Ela viveu essa primeira Páscoa, como uma ilustração do que o Messias viria fazer mais tarde: Jesus foi o cordeiro sem mácula, que derramou o seu sangue para trazer vida e liberdade, não só aos hebreus, mas a toda a humanidade. Miriam conheceu o Deus que fazia os milagres e que libertou o seu povo do cativeiro.

Ela teve motivos para dançar.

Ela não era uma dançarina profissional. Era uma mulher normal como outra mulher qualquer, mas que soube usar essa arma tão poderosa da dança para se sentir bem e para cultuar o seu Deus, para comemorar um grande feito, e celebrar a história da sua vida e do seu povo.

Deveríamos aproveitar os benefícios da dança sempre que vivêssemos momentos de libertação. Os terapeutas recomendam a dança como terapia para pessoas que carregam problemas emocionais, porque a dança ajuda a libertar o corpo, a alma e ajuda a viver bem. A dança não resolve problemas,

mas a dança ajuda-nos a encaramos a vida com outra postura, diante dos problemas.

A isto chamamos de qualidade de vida.

A dança é uma das três principais artes da antiguidade ao lado do teatro e da música. A dança usa o corpo, pode ser com movimentos previamente estabelecidos, coreografias, ou com movimentos improvisados, uma dança *espontânea,* provavelmente como esta que Miriam dançou.

Estudos comprovam que a dança traz cura para a alma, a dança liberta-nos dos temores da alma.

Mesmo que Miriam não soubesse disso, diante do momento de uma *carta de alforria* do Egito ela dançou euforicamente a liberdade conquistada.

A maior liberdade do ser humano começa na sua própria cabeça. Já vi gente com *pé pesado* para dançar, e que consegue libertar-se quando começa com passos desajeitados, e depois começa a soltar-se e a flutuar e assim a desfrutar dos benefícios da dança.

Na vida que levamos, com pressões e *stress* diários deveríamos soltar mais o corpo e nos libertar através da dança. Em tempos de doenças emocionais e síndromes de pânico, depressões, e tantas idas a psiquiatras e psicólogos, porque não usar a alternativa terapêutica da dança, como terapia tão antiga e tão eficaz?

Miriam usou essa terapia e, quando cantou e dançou, ativou as hormonas da felicidade.

Cuidamos do corpo, com dietas, cremes e exercícios físicos. Cuidamos do espírito, acreditando no sobrenatural e no divino, alimentando-nos com orações, devocionais, cânticos, leituras da bíblia e meditando, para termos uma vida equilibrada.

Porque não cuidar da alma?

A alma, onde residem as emoções, os pensamentos, e tantos sentimentos, também deve ser alimentada, para que consigamos equilíbrio emocional. Se, por vezes é precisar *matar um leão por dia*, deveríamos cantar mais, e dançar mais.

A dança pode proporcionar-nos momentos de libertação e de cura.

Miriam ensina-nos a enfrentar a vida de outra forma.

Diante de uma ação humana, sempre haverá providência divina para nos levar a bom termo. Depois de atitudes de ousadia, vem em nós o sentimento de realização e alegria e então conseguimos dançar.

Dançar é desfrutar momentos de liberdade.

Ninguém pode escravizar uma alma livre, a liberdade conquistada mesmo nos pequenos detalhes da nossa vida merece sempre uma comemoração.

As pessoas que trabalham muito, precisam aprender a parar, de vez em quando, para comemorar pequenos resultados, para dançar, para bailar.

Pesquisas sobre terapia através da dança têm comprovado que essa atividade proporciona cura para a alma. Quando se dança aumenta-se a consciência do corpo e entende-se melhor o relacionamento com o outro. A espontaneidade e a confiança pessoal é ativada. Tensões tanto físicas como psicológicas podem ser aliviadas através da dança, pois ela permite um melhor autoconhecimento corporal, dos seus sentimentos e ter expressões com movimentos espaciais.

Existe uma relação entre a dança e o cérebro.

> *"A aprendizagem em dança está relacionada a prática propriamente dita como pela observação, pois ambas utilizam circuitos neurais semelhantes que suportam a organização de ações complexas. Esse tipo de aprendizagem feito pela observação também poderá ser utilizado para outras atividades cognitivas."* (Gazzaniga, 2018)

É claro que Miriam não sabia disso, mas Deus sabia, e essa dança foi o momento de libertação da escravatura.

A alma agradeceu e eles estavam prontos para a nova etapa.

Depois da saída do Egito, o povo que não estava acostumado a depender de Deus, começou outra etapa da sua vida. Tirá-los do Egito foi um processo e um *trâmite* entre Deus, Moisés e Faraó. Tirar o Egito do coração dos hebreus é que foi uma tarefa bem longa e um processo demorado. Ficaram às voltas no deserto por quarenta anos, quando podiam tê-lo atravessado numa dezena de dias.

Por vezes, não se consegue libertar a alma, porque a cabeça está presa. Não é o corpo que pode limitar, mas uma mente presa a costumes, a uma constituição cultural, familiar ou geracional.

O povo hebreu tinha uma mentalidade de escravo e não sabiam ser pessoas livres, apesar de terem sido libertos da escravatura e do domínio de Faraó.

Miriam, também dançou porque a sua cultura hebreia tinha rituais fortes e demonstrações de alegria em momentos festivos. Mas depois disso, vemos um povo que murmurou e reclamou e morreu no deserto.

As festas findaram e a dança acabou.

Há práticas que não se deve parar.

Queremos liberdade.

Queremos qualidade de vida emocional.

Desejamos saúde mental equilibrada.

Precisamos então dançar, mesmo quando a mente não esteja disposta e quiser focar-se nos problemas e nas circunstâncias adversas. A dança não paga contas, a dança não resolve relacionamentos, a dança não traz respostas, mas a dança nos liberta emocionalmente, aumenta a frequência cardíaca, ajuda o coração a bombear mais sangue para o corpo e para os músculos, melhora o ritmo, a flexibilidade, a agilidade e a coordenação motora. Em pouco tempo, nota-se que os benefícios vão muito além do bem-estar físico.

Os medos, os preconceitos, os tabus nos aprisionam, mas a dança nos liberta deles, ajuda a combater o stress, pois diminui a tensão e relaxa a musculatura, controla a ansiedade, além de estimular a concentração, a dança acalma e tranquiliza. Estimula a circulação do sangue, melhora a capacidade respiratória e queima calorias.

Melhora a flexibilidade, dá elasticidade e melhora a postura ao caminhar e tonifica os músculos.

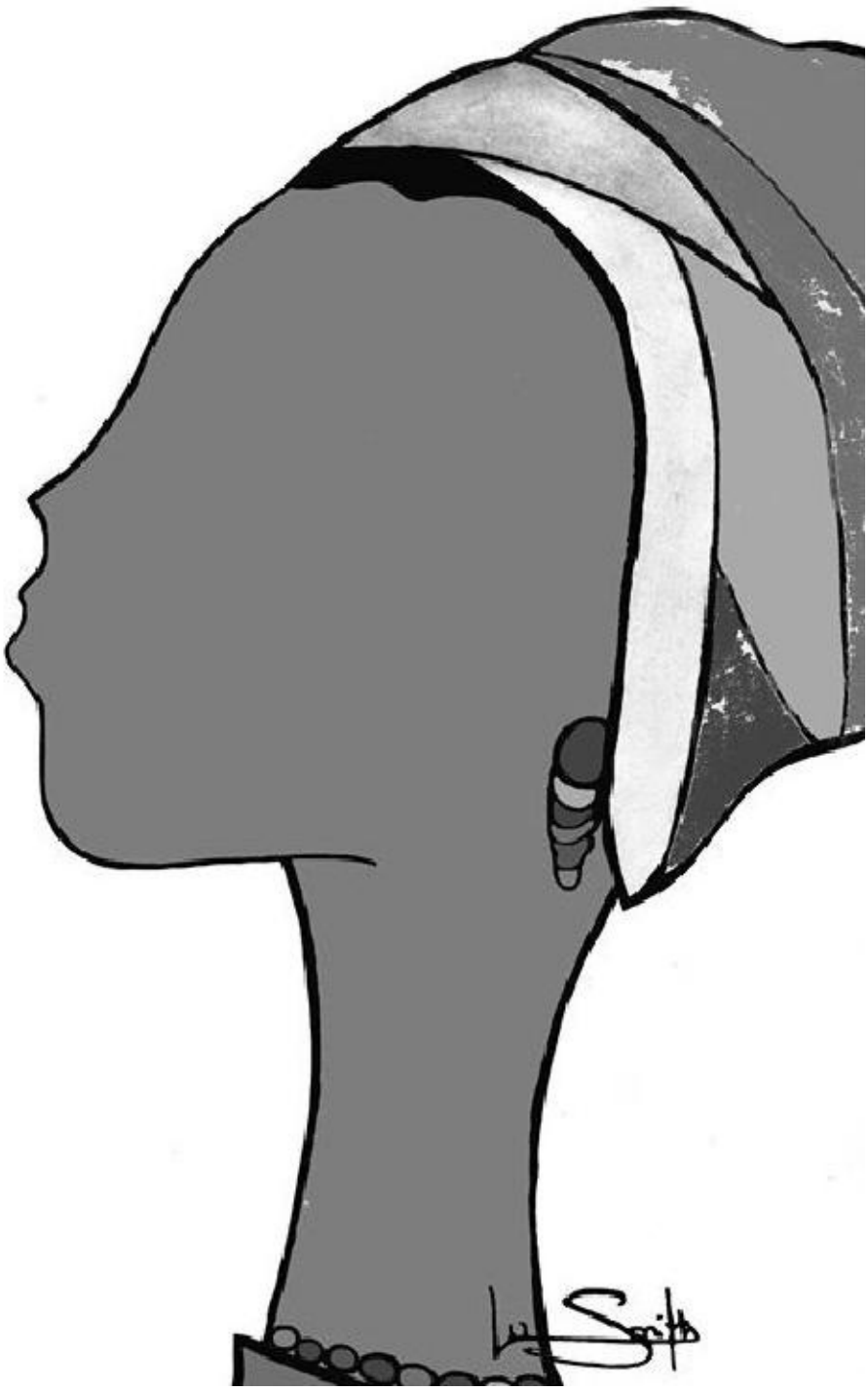
Sente-se para ouvir a história?

Não, não. Não se sente.

Dance e celebre a história da sua vida!

Capítulo 3 - A Maternidade de Débora

Débora tipifica as mães que vão à luta sem medo e guerreiam para que a paz e a estabilidade da sua casa sejam constantes.



Panorama Histórico

Débora viveu na época de Juízes, um período de grande violência no Antigo Oriente Próximo. O Livro de Juízes decorre entre a morte de Josué e a instituição da monarquia. A data real da composição do livro é desconhecida.

No entanto, evidências internas indicam que terá sido escrito durante o período inicial da monarquia que se seguiu à coroação do Rei Saul. Juízes cobre um período caótico na história de Israel: cerca de 1380 a 1050 A.C..

Sob a liderança de Josué, Israel conquistou e distribuiu-se pelo território de Canaã, porém, após a morte do sucessor de Moisés, grandes áreas ainda permaneceram por conquistar individualmente pelas tribos. Isolados nos seus territórios, cada tribo começou a corromper-se com os costumes pagãos dos povos vizinhos, até praticarem continuamente o que era mau aos olhos de Deus. Como não havia rei em Israel que unificasse as tribos, cada um fazia o que entendia.

Ao servir de forma deliberada a deuses estranhos, o povo de Israel quebrava a sua aliança com o Senhor. Em consequência, Deus os entregava nas mãos dos opressores. Cada vez que o povo clamava a Deus, Ele levantava um juiz a fim de prover libertação para o povo. Estes juízes eram militares e civis.

É neste contexto que aparece uma heroína bíblica que foi juíza, profetiza e esposa. Temos a informação de que o seu marido se chamava Lapidote, que significa “Trovão”.

Podemos considerar Débora como uma brilhante luz, o que certamente descreve um trovão, durante o período escuro dos Juízes. Débora assentava-se para julgar as causas do povo, debaixo das “palmeiras de Débora”, entre Ramá e Betel. Não só aplicava a justiça, como os seus dons proféticos valeram-lhe grande influência num tempo de desespero e aflição, tornando-se uma verdadeira “mãe de Israel”.

A descrição do seu “tribunal” é semelhante ao encontrado num épico texto do século XIV A.C., encontrado em Ras Shamra, na Síria, a *História de Aqhat*, que cita o rei Danil assentado em frente aos portões da cidade, julgando os casos das viúvas e dos órfãos. Este fundo histórico é útil para podermos apreciar como era ímpar o papel de Débora na liderança, naquele tempo, ainda mais por ser mulher. Ela exerceu um tipo de liderança que não foi atribuído a outros, no livro de Juízes.

A sua “sala de audiências” situava-se entre Ramá e Betel. Ramá, em terras da tribo de Benjamim, fica aproximadamente 5 km ao norte de Jerusalém, e até Betel são mais 7 km para o norte, ao longo da estrada dentro do território Efraimita. Era uma rota bem conhecida, e seria um lugar provável para um juiz, ou profeta, se assentar para julgar. Temos também o Monte Tabor, um ponto natural, militarmente estratégico, para se reunirem as tropas das tribos de Israel.

Sísera, general cananita, oprimia Israel cruelmente havia já 20 anos, quando recebeu os relatórios do desenvolvimento das forças do Efraimita Baraque no Monte Tabor. Então, ordenou a retaliação às suas tropas e 900 carros de guerra, enviando-os para o leste, pelo Vale de Jezreel. O exército cananeu passou provavelmente pela região do Megido (que ainda não estava ocupada) e por Taanaque, quando se dirigiram a Quisom. Foi nesse momento que a estratégia de Sísera desmoronou. As fortes chuvas transformaram as planícies num pântano, os carros ficaram atolados e o seu exército foi derrotado. Deus usou meios naturais, bem como os sobrenaturais, para executar os seus planos. A estratégia de Israel foi única e historicamente importante.

Aparentemente, a tática comandada por Débora, e levada a cabo por Baraque, era reunir as forças tribais no Monte Tabor, um ponto na periferia dos territórios, de onde poderiam ter uma visão clara da área. Isso garantiu-lhes proteção. Atraíram o exército de Sísera pelo Vale de Jezreel; na planície perto do rio Quisom. Uma vez chegados os inimigos, os israelitas fizeram um ataque surpresa, aproveitando-se do momento em que tropeçaram na lama e na água do vale transbordante.

Essa estratégia só deu certo porque foi totalmente dependente da intervenção divina, neste caso, uma grande tempestade. A ordem recebida para golpear o inimigo, foi dada no momento exato, pela representante do Senhor: a profetisa Débora.

A Bíblia conservou também um dos cânticos de Débora, uma das peças literárias mais antiga e a mais famosa que nos veio dos velhos tempos. A juíza e profetisa foi também poetisa. Mulher admirável!

Os críticos da Bíblia detêm-se junto deste monumento literário, para render as suas homenagens a uma mulher israelita.

Este cântico, escrito sem dúvida por ela mesma, foi preservado integralmente, até ao tempo quando foi redigido o livro de Juízes e foi incorporado ao mesmo, além de reter um dos períodos mais críticos da experiência israelita, dá-nos a medida da cultura de uma época tida como Idade Média dos Judeus.

Débora- Nome de origem hebraica significa

"ABELHA DOMEL"

Uma história peculiar do antigo testamento, de uma mulher que vivia numa

sociedade onde homens dominavam e tomavam decisões, deixou a marca feminina na história do seu povo apenas pela ousadia de tomar atitudes diferenciadas.

Débora foi para a guerra.

São poucas as mulheres que vão para a guerra, no sentido literal da palavra. Apesar das conquistas femininas hoje permitirem ousadias que são ainda atribuídas a um universo masculino, já encontrarmos mulheres que se destacam em qualquer área da sociedade, seja na política, na saúde, no mundo empresarial ou até em decisões mundiais; mas 1125 anos antes de Cristo, tal não era comum.

Débora a ganhou confiança e o respeito para ser ouvida e consultada. Apesar de ser uma mulher com afazeres domésticos que certamente lhe ocupavam boa parte do seu dia, pois sabemos que ela tinha um esposo, Lapidote e uma família e uma casa para cuidar; ainda assim Débora encontrava tempo para exercer o seu ministério e a sua responsabilidade social.

Débora foi a única mulher, na época dos Juízes, que, de facto, atuou judicialmente em Israel: ela ouvia as pessoas, interpretava as novas leis que o povo de Deus desenvolvia durante esse período da história e decidia casos. Mas o seu papel primário era o de profetisa. Por definição, um profeta é um porta-voz de Deus, aquele que prediz o futuro por inspiração divina, ou a pessoa que faz previsões em relação ao futuro, antigamente chamado de vidente.

Além de atuar como Juíza, debaixo da árvore, a sua óbvia competência atraía as pessoas a procurarem-na para saberem os seus destinos. Acreditavam na sua palavra, e a sua clientela aumentava a cada dia. Era uma mulher diferenciada.

Débora tinha um relacionamento de conhecimento e vivencia com Deus, que fazia com que as suas palavras trouxessem vitória. Grandes feitos, não surgem do nada, eles sucedem-se a façanhas anteriores e a batalhas conquistadas no dia a dia. E vencer o dia a dia depende de constância e de vida compartilhada.

Débora liderou, sem correr riscos de perder a batalha, porque a batalha foi vencida com a mão do próprio Deus. A natureza e a tempestade, conduzida por Deus, foram os maiores aliados de Israel.

Débora possuía requisitos que faziam dela profetiza e juíza que começaram seguramente na sua própria casa. Fazem falta essa classe de profetas que profetizam para filhos e familiares, dentro de casa.

Para adquirir esse “status” há que ter uma vida diferenciada, com treino sobrenatural, há que ter uma vida de meditação e conhecimento profundo da palavra de Deus e há que ousar usar o poder sobrenatural desse DEUS.

Profetiza é uma porta-voz, não fala o que quer nem pode inventar, tem de falar apenas aquilo que lhe foi mandado falar.

Débora mantinha esse relacionamento com Deus, para poder ouvir o que Ele tinha a dizer às pessoas, ela ouvia e falava os planos de Deus para os que necessitavam. Era uma mulher sábia.

Para falar em nome de alguém é necessário ouvir desse alguém. Para falar em nome de Deus é necessário ouvir Deus, e para ouvi-lo é preciso aprender a calar-se. Olhar para dentro de nós onde o Espírito habita e é o requisito para encontrar e ouvir a voz de Deus. Práticas como meditar e refletir na Bíblia são primordiais. Para calar a mente e ouvir a voz de Deus é preciso uma prática aprendida individualmente e com disciplina.

Só depois de ouvir é que se pode falar.

A voz profética precisa de uma fonte de alimentação, e a fonte sempre é sobrenatural, é a vida com Deus fluindo dentro de cada pessoa.

Resultados diferentes aconteceriam se fossemos divinamente avisados em determinadas situações de nossas vidas. Às vezes precisamos apenas ouvir uma palavra de incentivo de uma mãe. Uma palavra carregada de força e divinamente enviada pode mudar a vida e trazer resultados inovadores.

Débora era profetiza, e trazia a direção de Deus para o povo, e conquistou assim, a confiança das pessoas de Israel.

Precisam-se de Déboras hoje, mulheres que começam com pequenos feitos dentro dos seus lares, que conquistam primeiramente a família, depois os amigos, a comunidade, e por aí fora, até assumirem a direção de uma nação, se for esse o seu propósito, como Débora.

Débora foi Juíza.

Ser juíza, não é apenas apontar o dedo e dizer o que este ou aquele tem que fazer. É preciso o conhecimento de leis, ordenanças, discernimento e bom senso para não cometer erros. Maturidade e experiência também são fundamentais para julgar casos. E, no caso das mulheres, a intuição pode ser uma boa aliada. A intuição é o ato de perceber, discernir ou pressentir as coisas, independente de um raciocínio ou de uma análise.

Dizem que as mulheres têm a intuição bem aguçada.

Fiz umas pesquisas para perceber se isso realmente era verdade. A nomenclatura usada pouco importa porque estamos a falar de sinónimos que nos remetem à mesma coisa: à intuição, aquela coisa que chamamos de perceção e que não sabemos de onde vem, mas sabemos que existe.

Às vezes falamos que é um estalo, uma voz, um eco interior, um sexto sentido feminino, sim, e por incrível que pareça, estudos afirmam que isso não tem nada de sobrenatural. A ciência tem conseguido explicar o porquê dessa característica estar atrelada ao adjetivo, feminino.

Nós temos cinco sentidos conhecidos como *visão, audição, paladar, gustação* e *tato*, e aqui podemos trazer um sexto sentido: a *intuição* que seria uma sexta maneira de sentir algo, como eu gosto de dizer: seria uma outra porta de informação.

A intuição é a integração de todos os cinco sentidos, segundo Martin Portner, médico neurologista especialista na mente humana, e Mestre em Neurociências pela Universidade de Oxford, afirma que os estados internos do organismo e da mente racional estão voltados para nos dar uma informação preciosa. Eu diria mais uma porta de entrada de informação para o corpo, tal como os restantes cinco sentidos.

O fator determinante para que a intuição seja uma característica feminina, com nome e sobrenome, é feito por uma ponte chamada de corpo caloso o qual é a ligação entre os dois hemisférios do cérebro. Cientistas de vários países já verificaram que nas mulheres, o tráfego de impulsos nervosos por esse canal é maior.

Exemplificando, atentemos como funciona, por exemplo, a cabeça de uma mãe: Algumas mulheres integram os circuitos cerebrais quando detetam a possibilidade de que um dos filhos, que mora longe, pode estar a precisar dela naquele instante. Isto pode ser chamado de um mecanismo da intuição.

A intuição pode-se entender como uma capacidade do cérebro que envolve o cruzamento de informações dos dois hemisférios: o esquerdo, que é racional, e o direito, emocional.

Outro exemplo é quando uma pessoa se aproxima de outra, e sente um aperto no coração, porque pressentiu uma má notícia, e se esta pessoa conseguir acoplar o sentimento de aperto com informações mentais, poderá "saber" que a notícia, por exemplo, pode ter relação com a saúde de alguém da família, como descreve o Dr. Portner.

A questão é saber interpretar os recados.

Relacionar dados objetivos e subjetivos requer bastante atenção. Geralmente, o lado racional tende a ignorar as emoções e aí fica mais difícil unir fatos que não têm nenhuma ligação prévia aparente.

Descobri também nas minhas pesquisas que há maneiras de desenvolver a intuição, com alguns exercícios. Vinte minutos de calma, introspeção, e voltar-

se para dentro, duas vezes ao dia, percebendo a respiração e a harmonia do organismo, é uma boa receita para desenvolver a intuição.

Acredito que Deus sabia bem mais do que os cientistas de hoje e por isso escolheu Débora, uma mulher diferenciada e predisposta a caminhar com Deus para usar o seu cérebro e o seu sexto sentido, a favor do seu povo.

Pelos relatos de Débora, percebemos que ela agia com sabedoria, e, naturalmente, em várias ocasiões usando a sua intuição, e também a comunhão vinda de seu andar com Deus. Ela não julgava de acordo com seu coração. Confiava em Deus, e quando recebeu a direção de importunar um exército inteiro para levar Israel à vitoria, ela teve certeza do que estava a fazer.

Não podia correr riscos.

Débora, foi chamada de Mãe de Israel.

Além da famosa intuição de mãe, quero falar um pouco da influência da mãe na vida de uma pessoa, para entendermos a influência que Débora teve na vida do povo hebreu.

A formação da personalidade de um indivíduo sofre influências multifatoriais provenientes do meio familiar, da sociedade, da escola, da crença religiosa, da herança genética, e de outros fatores, porém uma grande parcela é da responsabilidade materna.

Quando falamos em mãe, entendemos que essa palavra carrega consigo uma biblioteca de significados, isso porque o filho recebe da mãe, desde a vida intrauterina, impressões, sensações e sentimentos que são registos e marcas que ficam para sempre, e podem ser repletos de amor, mas também de medos, inseguranças e outras emoções que influenciam diretamente na formação e desenvolvimento dos filhos.

Por essa razão, apelidar Débora como mãe, faz-nos pensar na forte influência de raiz, na essência estrutural que ela teve, durante quarenta anos influenciando a personalidade da nação de Israel. Pois a influência de uma mãe não só ocorre na infância, mas também na vida adulta.

Se foi chamada de mãe, certamente a reconheciam como tal.

Mãe pondera riscos. A intuição materna costuma ser um bom guia. A vida dos filhos é muito preciosa.

Débora também foi uma Guerreira.

O papel principal de Débora, nesta guerra em particular, foi reunir as tropas e colocá-las na direção desejada por Deus.

Uma mãe nunca põe pesos em apenas num lado da balança, no que respeita aos filhos, porque todos são amados com o mesmo amor, pelo menos deveria ser assim, sem dois pesos nem duas medidas.

A história conta que certo dia, Débora chamou Baraque para ser o comandante do exército de Israel e instruiu-o para acabar com a opressão de Sísera.

Baraque, era um estrategista influente, naquela época em Israel. Débora pediu-lhe para formar um exército com dez mil soldados das tribos de Naftali e Zebulom, e reuni-los ao pé do Monte Tabor, nas Planícies de Esdrealon. Com este exército ele deveria atacar os opressores cananitas.

Sísera era o comandante do exército do rei cananita Jabim e tinha a reputação de ser invencível. Os seus carros de ferro davam-lhe a vantagem tática. Quando soube da revolta liderada por Baraque, conduziu o seu imenso exército contra os israelitas. Naturalmente, os soldados cananitas, bem treinados e bem armados, não previam qualquer dificuldade e marcharam orgulhosos.

Querer libertar um povo opresso por vinte anos, certamente não era uma tarefa fácil, e Débora reconhecendo as estratégias militares de Baraque, convidou-o para tal feito, mas Baraque só iria à batalha, se ela fosse com ele.

Débora tinha-lhe dado as coordenadas recebidas de Deus, mas o povo de Israel estava em desvantagem bélica e numérica diante dos opressores de Canaã.

Ao invés de se intimidar ou fugir, por ser mulher, Débora enfrentou o inimigo corajosamente e venceu, pois, ela sabia quem estava dirigindo essa guerra. Ela acreditava no sobrenatural de Deus e sabia que isso faria toda a diferença para a sua vitória.

Deus que é especialista em efeitos sobrenaturais e trovejou confusão nas fileiras dos soldados cananitas. O temporal transformou o campo de batalha em lama, e a cavalaria inimiga ficou atolada.

Assustados pela súbita reviravolta nos eventos, os poderosos guerreiros de Sísera fugiram em todas as direções e os soldados judeus os perseguiram até a cidade do rei Jabim, e não escapou um único soldado cananita.

Por vezes nos encontramos diante de uma luta e nos acovardamos, preferimos acomodar-nos e deixar o opressor vencer. Até nos lastimamos *“Porquê eu? Não poderia ir outro no meu lugar? Porque aconteceu isto à minha família?”*.

Para uma mãe, a sua família é seu tesouro e deve ser o seu motivo de guerra,

se for preciso. Aqui temos uma mulher que nos inspira a confiar em Deus e a crer que Ele dá a vitória. Ela também precisou crer que o condutor da batalha contra o inimigo era o próprio Deus.

A história de Débora apresenta-nos uma aplicação importante de liderança para as mulheres. Débora não esperou que Baraque aceitasse a convocação para conduzir o povo de Deus. Ela chamou a si a responsabilidade de liderar o seu povo, e quando viu a necessidade de liderança, supriu esta carência. Apesar de homem, e estratega, Baraque não quis ir à guerra sozinho. A presença de Débora inspiraria as tropas israelitas.

Alegra-me muito saber que existem mulheres que têm fibra e não se intimidam diante de guerras, homens ou exército algum, pois quando se trata de família, as mulheres precisam ser Déboras.

Se Deus é por nós ninguém poderá ser contra nós, isto diz respeito a homens e a mulheres também.

Os soldados cananitas deste período tinham mais condições de ganhar a guerra, mas não esperavam pelo maior aliado de Débora, que usaria uma das suas armas poderosas, a natureza, a favor de Débora e dos filhos, Israel.

Esta é uma história inspiradora.

A vitória de Débora garantiu quarenta anos de paz em Israel.

Ela combinou a autoridade de uma juíza, o dom profético, a coragem dos valentes e, acima de tudo, a dependência de Deus.

Voltando à feminilidade de Débora, o desfecho da história termina com um cântico. No cântico de Debora, encontramos uma poetisa-guerreira que não perde a sensibilidade e a beleza dos detalhes.

Não poderia encerrar este capítulo sem colocar o cântico de Débora para que leiamos a sua poesia, podemos ver nesta poesia a gratidão a Deus pela vitória conquistada. Ela conta os feitos, mas nunca se esquece de louvar a Deus.

Débora ensina-nos a despertar do sono da indolência e do conformismo, a fazer o que tem de ser feito, para que nossos filhos tenham paz.

Se os homens não forem à guerra, haverá uma Débora para fazê-lo, sem passar por cima de ninguém, mas não se conformando com as situações.

Está na hora de defendermos e cuidarmos dos nossos filhos. Débora: mãe, juíza, guerreira e profetiza.

Muitos filhos têm perdido as batalhas das suas vidas porque faltam mães para assegurar o sobrenatural. Mães que profetizam, julgam com sabedoria e até dão as estratégias de guerra; mães que ouvem o sobrenatural de Deus para garantir a vitória. É Deus quem executa, porém precisa do representante legal

para isso, e uma mãe, é a melhor representante dos filhos.

Deliciemo-nos com uma parte do cântico de Débora, uma mulher que deu vitória aos seus filhos, só porque ousou ser mãe, não apenas gerando, mas lutando e vencendo juntamente com eles.

O CÂNTICO DE DÉBORA

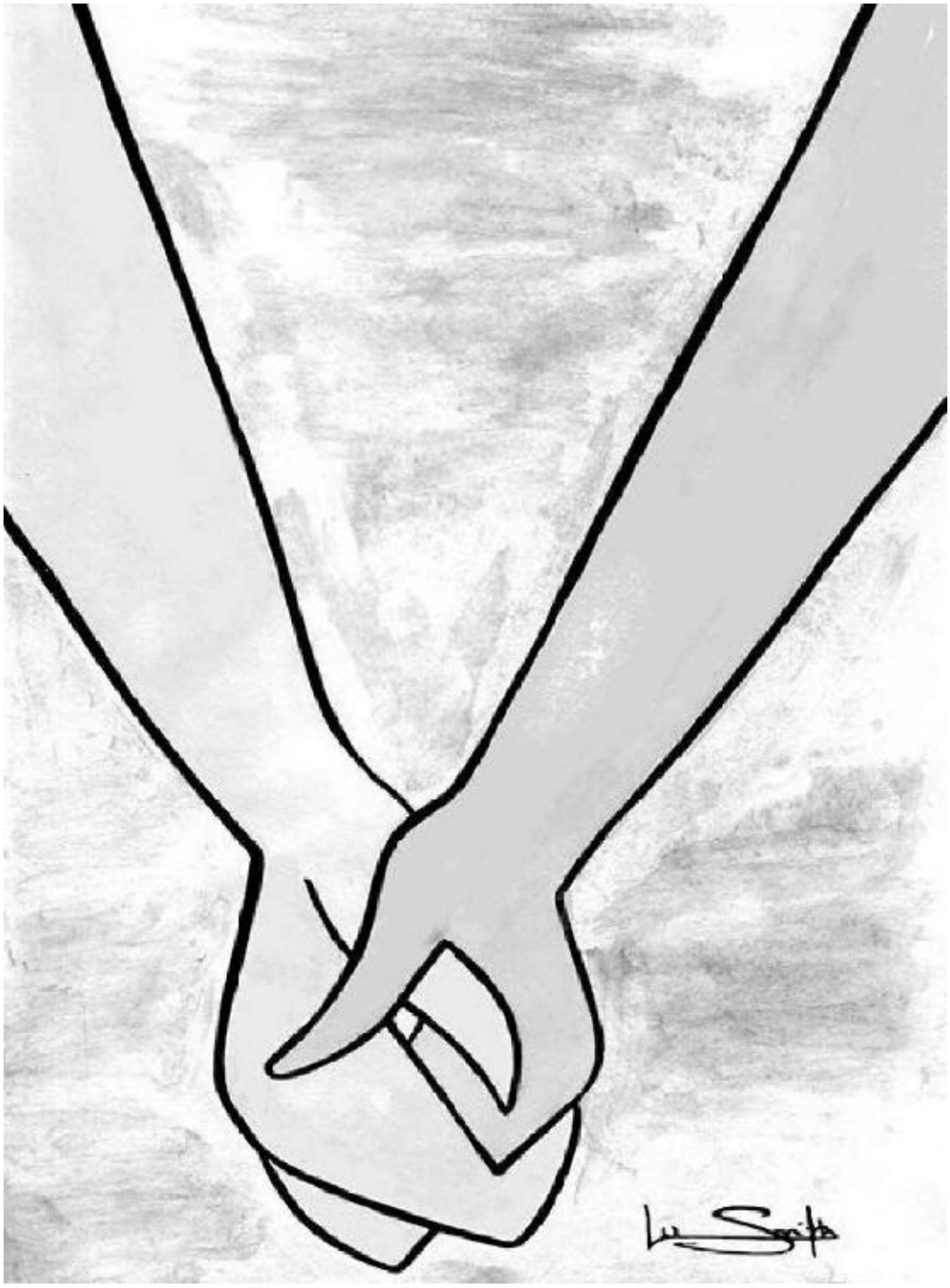
Naquele dia, Débora e Baraque, filho de Abinoão, entoaram este cântico:

"2 Consagrem-se para a guerra os chefes de Israel.
Voluntariamente o povo se apresenta.
Louvem o Senhor!
3 Ouçam, ó reis! Governantes, escutem!
Cantarei ao Senhor, cantarei; comporei músicas ao Senhor,
o Deus de Israel.
4 Ó Senhor, quando saíste de Seir, quando marchaste
desde os campos de Edom,
a terra estremeceu, os céus gotejaram,
as nuvens despejaram água!
5 Os montes tremeram perante o Senhor, o Deus do Sinai,
perante o Senhor, o Deus de Israel.
6 Nos dias de Sangar, filho de Anate,
nos dias de Jael, as estradas estavam desertas;
os que viajavam seguiam caminhos tortuosos.
7 Já tinham desistido os camponeses de Israel,
já tinham desistido, até que eu, Débora, me levantei;
levantou-se uma mãe em Israel.
8 Quando escolheram novos deuses, a guerra chegou às portas,
e não se via um só escudo ou lança
entre quarenta mil de Israel.
9 Meu coração está com os comandantes de Israel,
com os voluntários dentre o povo.
Louvem o Senhor!
10 Vocês, que cavalgam em brancos jumentos,
que se assentam em ricos tapetes,
que caminham pela estrada, considerem!
11 Mais alto que a voz dos que distribuem água junto aos bebedouros,
recitem-se os justos feitos do Senhor,
os justos feitos em favor dos camponeses de Israel.
Então o povo do Senhor desceu às portas.
12 Desperte, Débora! Desperte!
Desperte, desperte, irrompa em cânticos!
Levante-se, Baraque!
Leve presos os seus prisioneiros, ó filho de Abinoão!'
(…)
29 As mais sábias de suas damas respondiam,
e ela continuava falando consigo mesma:
30 'Estarão achando e repartindo os despojos?
Uma ou duas moças para cada homem,

roupas coloridas como despojo para Sísera,
roupas coloridas e bordadas, tecidos bordados
para o meu pescoço, tudo isso como despojo?'
31 Assim pereçam todos os teus inimigos, ó Senhor!
Mas os que te amam sejam como o sol
quando se levanta na sua força.
32 E a terra teve sossego por quarenta anos.”

Capítulo 4 - A Fidelidade de Rute

Rute tipifica as mulheres estrangeiras
que aprendem a amar a cultura de outros povos e a tomam como sua.



Panorama Histórico

Originalmente, o Livro de Rute, fazia parte do Livro de Juízes, mas após a definição do cânone, ficou entre os livros históricos do Velho Testamento. A história refere-se a um período talvez cerca de cento e vinte e seis anos antes

do nascimento do Rei Davi.

O autor do livro, provavelmente tenha sido o profeta Samuel. Com apenas quatro capítulos, breve, mas com uma belíssima história, é particularmente rico em exemplos de fé, paciência e bondade, assim como os cuidados de Deus trazem àqueles que põem a sua confiança nele.

Josefo, historiador judeu, opina que Rute é do tempo do sacerdote Eli, da época de Ana e Elcana, pais do profeta Samuel. A narrativa mostra como Rute se tornou uma ancestral do Rei Davi por meio do "casamento de cunhado" com Boaz, em favor da sua sogra, Noemi. Excetuando-se a lista genealógica, os eventos relatados no livro de Rute abrangem um intervalo de cerca de onze anos, no tempo dos juízes, embora não se declare exatamente quando é que ocorreram.

Na história do Livro de Rute fica confirmada a genealogia de Jesus Cristo, apresentada no evangelho de Mateus, a qual alista Boaz, Rute e Obed na linhagem de ascendentes. É impossível que um escritor hebreu tivesse inventado deliberadamente um ancestral materno estrangeiro para o Rei Davi, o primeiro rei da linhagem real de Judá.

Há evidências de orientação divina na preservação da linhagem que levava ao Messias, bem como na escolha de indivíduos particulares para essa linhagem.

Às mulheres israelitas casadas com um homem da tribo de Judá apresentava-se a possível perspetiva de contribuir para a linhagem terrestre do Messias. Conta a história que Noemi e Elimeleque e os seus dois filhos, emigram para Moabe por causa da fome.

Em textos egípcios o nome Moabe aparece como Mib. O nome parece ser uma combinação entre *Mô* (min), "do" e *ab*, "pai", sendo uma referência ao fato de o antepassado da tribo ter nascido de um incesto, do sobrinho de Abraão, Ló, com uma das filhas, após a morte da mãe [2]. A tribo desenvolveu-se no sudeste da Transjordânia, onde Ló poderá ter vivido depois da destruição de Sodoma.

Foi no período dos juízes, durante uma fome que assolou o oeste da Palestina, que Elimeleque de Belém, se mudou para Moabe e casou mais tarde, os seus dois filhos com duas mulheres moabitas: Orfa e Rute.

Tendo o marido e os filhos morrido, Noemi, decidiu regressar ao seu país. Rute acompanhou a sogra e instalaram-se em Belém, onde Rute veio a tornar-se esposa de Boaz, um hebreu influente e, surpreendentemente, bisavó do Rei Davi.

Depois de 105 D.C., o antigo reino moabita tornou-se parte da província romana da Arábia. A religião moabita era politeísta. A língua moabita era parecida com o hebraico, contendo algumas variantes dialéticas em relação ao hebraico bíblico.

De morar na terra dos outros e ser estrangeira eu posso dizer que entendo. Esta foi sempre a minha realidade de vida, desde pequena. Saí com onze anos da minha terra natal, Moçambique e tornei-me estrangeira no país para onde minha família se mudou, o Brasil. Por causa da descolonização do meu país, eu tive de aprender a gostar de outras coisas, de outros povos, de outros costumes e ter outros amigos. Quando se sai de uma África colonial, que hoje já não existe, e se vai para a América do sul, há quarenta e cinco anos atrás, poucas coisas se tem em comum, a não ser um clima semelhante, húmido e quente, e talvez o mesmo tipo de comida, cozinhado de maneira diferente. Até a língua mãe da metrópole colonizadora, tinha outro sotaque. Melhor seria, se tivesse sido outra língua, talvez assim a diferença fosse mais justificada. Para uma pré-adolescente sem preparação psicológica, a mudança foi radical.

A minha família foi morar no litoral de São Paulo e eu lembro-me que, no colégio onde nós estudávamos, algumas crianças saíam das salas para verem "as meninas que vieram da África", se se pareciam com macacos. A diferença do nosso sotaque denunciava-nos, apesar de ser português. Imaginem a sensação de rejeição e a dificuldade de ser aceite.

As zombarias, as provocações, as brincadeiras de mau gosto, as pessoas não sabiam que isso deixa marcas para a vida.

Hoje existe um nome: *bullying*. [3]

Quem procede desta maneira são os companheiros da mesma idade e, a não ser que haja intervenção de adultos, não há muito a fazer.

Esta foi a minha realidade de vida, quando chegamos ao Brasil. Foi um choque para mim, eu era estrangeira e não podia voltar atrás, a decisão foi tomada por meus pais, mas tratava-se da minha vida.

Mais tarde, já adulta, decidi morar no país da minha nacionalidade, Portugal, pensando que encontraria o meu povo e que finalmente não seria mais uma

estrangeira, porém a realidade foi novamente cruel. Os portugueses apelidavam aos conterrâneos que voltavam das colónias africanas de "retornados". Como poderia ser retornada num país onde nunca tinha morado?

Senti-me outra vez estrangeira.

Tive a oportunidade de voltar ao meu país de origem, Moçambique, quarenta e quatro anos depois, um país que sofreu tantos processos de adaptação durante a guerra civil e na sua independência, que encontrei um país novo para mim, e, apesar de ter família lá, senti-me novamente estrangeira.

Então decidi que onde quer que eu morasse, tinha de aprender a viver com esta minha realidade e não mais lutar contra ela. O sentimento de não pertencer a um lugar, deu-me espaço para construir o meu lugar, conquistar o meu povo e aprender a amar o novo. Tenho um passado, mas vivo o presente construindo o futuro, o meu futuro.

Por isso identifiquei-me com Rute.

Rute não podia ficar a chorar a morte do marido para sempre. Voltar para a casa de seus pais, era um retrocesso e estava fora dos seus planos, precisava perseguir seu futuro e construir esse futuro. Arriscar, seguir em frente, construir novos caminhos foi a decisão de Rute: libertar-se do passado para viver uma nova história no presente. O novo poderia ser incerto, mas possivelmente surpreendente. O amanhã poderia ser misterioso e desconhecido, porém desafiante.

Com as pontes quebradas, não havia maneira de voltar atrás, e Rute partiu para o desconhecido. Seguir em frente.

Ela tinha ouvido falar do Deus de Israel, a família do seu marido era judia e era costume dos judeus, comemorarem as festas e contarem sobre os feitos de Deus, um Deus surpreendente e fazedor de milagres.

Moabe já não era mais lugar para Noemi, a sogra de Rute. Em Belém [4], a escassez já havia cessado.

E como foi a fome que levou Noemi e os três falecidos para Moabe, não fazia sentido ficar e morrer na terra dos outros. Pelo menos os judeus tinham leis que amparavam as viúvas idosas. Regressar ao seu povo, era a única solução.

A normalidade já tinha voltado e havia pão na casa do pão, então Noemi preparou-se para voltar a casa, para o seu parentesco.

Rute voltou com a sua sogra por vontade própria, esta foi a sua decisão depois de também ficar viúva. Não sabemos do seu passado, nem quem era a sua família, algumas biografias dizem que ela era princesa moabita, mas a essa altura de que lhe valia a majestade?

E porque não voltou para os seus?

A sua escolha naquele momento fez toda a diferença.

As escolhas que fazemos, com justificativas ou não, direcionam os caminhos que iremos trilhar, a partir de momentos pontuais, como esse de Noemi, cujas perdas e dificuldades apareceram sem terem sido programados. São os momentos decisivos e marcantes que farão diferença para o resto da vida.

Orfa era o nome da outra nora de Noemi. Também ela era uma moabita viúva de um judeu. Orfa teve a mesma opção de Rute, mas escolheu ficar com o seu povo e refazer a sua vida em Moabe. A história nunca mais soube de Orfa.

Não há nada de errado com as escolhas, mas devemos ter consciência que vamos ter resultados e outras consequências conforme as decisões que tomarmos.

Nunca se sabe o que pode acontecer nem como será o resultado de uma escolha, mas aí reside o grande desafio da escolha. Por isso, escolher, implica analisar bem os prós e os contras de uma decisão. Com certeza Rute sabia muito bem o que estava decidindo ao voltar com a sua sogra. Antes Noemi foi estrangeira em Moabe, agora Rute seria estrangeira em Belém.

As escolhas marcam para sempre a vida das pessoas.

Um casamento, uma profissão, um país diferente para morar, qualquer que seja a questão. Por vezes encaramos as nossas escolhas, e até as questionamos, e achamos que são verdadeiras loucuras: *"Como ….?" "Como pude fazer isto com a minha vida? Se eu soubesse não teria feito desta forma, mas agora é tarde, não dá mais volta a dar."*

As escolhas fazem toda a diferença, por isso elas precisam ser conscientes, pois sendo acertadas ou não, podem alterar para sempre o rumo das nossas vidas. Foi assim com Noemi e a sua família quando resolveram sair de Israel à procura de dias melhores, à procura do pão. A família de Noemi fez a escolha de emigrar para Moabe, porque havia fome na sua terra natal. Após o marido ter morrido e os seus dois filhos casados com moabitas morrerem também, ela fez outra escolha; voltar para a sua terra, pois ouviu falar que lá a fome tinha acabado.

Noemi dispensou as noras para que ficassem com a parentela delas, porque não tinha mais nada para lhes oferecer, mas Rute recusou abandoná-la.

Agora veja: se Noemi não teve êxito no estrangeiro, o que levou Rute a pensar que com ela poderia ser diferente? Agora ela seria a estrangeira. Porquê essa determinação em não deixar a sogra ir sozinha? Fidelidade ou teimosia?

O que mudou em Rute foi o seu coração. Rute conheceu no meio do luto e

das dificuldades um Deus diferente, um Deus provedor, um Deus que ela não conhecia em sua terra natal.

Diz a história que os moabitas possuíam vários deuses sanguinários [5], até que Rute teve o privilégio de conhecer o Deus de Israel e se converter a Ele. Ela não queria mais deixá-Lo, e se ela ficasse em Moabe teria de voltar à sua velha vida e abominável religião. Voltar com a sua sogra fazia parte da sua nova identidade.

Está muito claro que a conversão de Rute a levou a fazer isso, foi a sua escolha. Quando ela diz: "*me faça assim o Senhor* [6]" ela fala como alguém que já está submissa a esse Senhor e não apenas à sua sogra.

Uma escolha sempre vem agregada a responsabilidades e a consequências. É imaturidade achar que não haverá consequências e resultados, depois da escolha feita, por isso dever ser bem pensado. Mesmo que não haja como voltar atrás, há que ter convicção. Rute regressava com a sua sogra não como amiga num passeio, mas como uma filha. Foi feita uma aliança, um pacto de fidelidade, o que sua sogra passasse ela também passaria.

Infelizmente, o conceito de aliança nos nossos dias está profundamente adulterado, porque quebra-se a palavra na primeira dificuldade, como se já não existisse noção de compromisso. Rute sabia o que lhe esperava, ou pelo menos imaginava, pois sabia que sua sogra não possuía nada. Assim, para o bem ou para o mal, a escolha estava feita. Deixou o seu povo, e optou em seguir com a sua sogra e assumir os desfechos da sua escolha.

A primeira necessidade era a sobrevivência. Então, há que arranjar o que comer. As duas viúvas chegaram a Belém na época das colheitas. Prontamente Rute ofereceu-se para procurar sustento. Como filha e mais jovem, era o que se esperava dela. Certamente não era Noemi que iria sustentar a nora. Pela ordem natural das coisas, seria Rute a sustentar Noemi, por isso lá ela foi trabalhar.

Teve sucesso logo no seu primeiro dia de trabalho, como conta a história. Segundo as leis judaicas que favorecem os estrangeiros, Rute voltou para casa suprida e com alimentos para a sogra.

Rute colheu o que plantou. Ela plantou bondade para com a sua sogra e colheu bondade da parte de Boaz, o homem que deixou que ela colhesse no seu campo e ainda providenciou para que ela fosse respeitada e suprida. Este é um princípio que funciona sempre. Colhemos o que semeamos.

> *"Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará."*

Está escrito em Gálatas 6:7, mas é um princípio, e princípios não devem ser

quebrados, porque funcionam sempre.

Quando fazemos escolhas e assumimos as consequências delas, estamos sujeitos a ter resultados inesperados, mas quando a pessoa tem caráter e responsabilidade, sempre colhe o lado bom da generosidade que plantou. Esta é uma lei inevitável que funciona tal como a lei da gravidade, se atirar alguma coisa do alto, ela sempre será atraída para o chão, não ficará suspensa.

A lei da semeadura e colheita também é assim: tudo o que é semeado vai ser colhido, por isso, nossos atos têm de ser bem ponderados, porque um dia os resultados nos alcançarão. Na história de Rute também chegou o desfecho e, cá entre nós, em muito boa hora.

Havia também outra lei social judaica que permitia o casamento de uma viúva com um parente próximo [7]. Para haver resgate da família sem descendência e para que a viúva não ficasse desprotegida, visto que na época, a vida para mulheres sem nome, sem posses e sem família era extremamente difícil.

Isso pode parecer estranho para a nossa cultura, mas naquela altura, era a forma de proteger as mulheres, e não as largar à sua própria sorte quando ficavam viúvas e ainda eram jovens. Como viúva de um hebreu, Rute beneficiou destas leis criadas para o povo israelita, ainda que fosse moabita.

Boaz, aquele que deixou Rute colher no seu campo, no primeiro dia de trabalho dela, era um parente próximo de Noemi e ele resgatou Rute. Casou-se com ela, garantiu a estabilidade de Noemi e ainda lhe deu um neto. Para quem chegou sem nada, Rute foi muito bem-sucedida, e ainda foi incluída na genealogia do próprio Jesus Cristo [8].

A sua lealdade à sogra, ao povo do seu marido e ao Deus de Israel rendeu-lhe honra. Fez a escolha certa, assumiu as suas consequências, manteve o seu caráter íntegro, não quebrou o pacto com a sua sogra, e teve o melhor resultado que uma mulher poderia esperar para a sua vida, no seu contexto.

Esta história para o Cristianismo tem uma representação muito profunda, mais do que uma história com final feliz.

Boaz tipifica a remissão de Jesus Cristo para os gentios, que são muito bem representados por Rute, uma mulher não judia. Rute, uma moabita encontrou no meio do povo Hebreu o seu direito à vida e a honra, assim como os gentios, povos que não são judeus, podem encontrar em Jesus a dignidade e a honra da salvação e da vida eterna, isto faz parte do plano de salvação para a humanidade.

"Jesus veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a

todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aqueles que creem no seu nome." João 1:11-12

Assim como Rute que não era hebreia e entrou na genealogia de Jesus.

Conheço muitos estrangeiros que vivem noutros países, e os adotam como seus, conquistando, a cada dia, uma vida abundante e próspera. Sempre haverá um escape.

Não é o acaso, mas obra da eterna providência e cuidados divinos, de um Deus que tem prazer em nos amar, cuidar e abençoar.

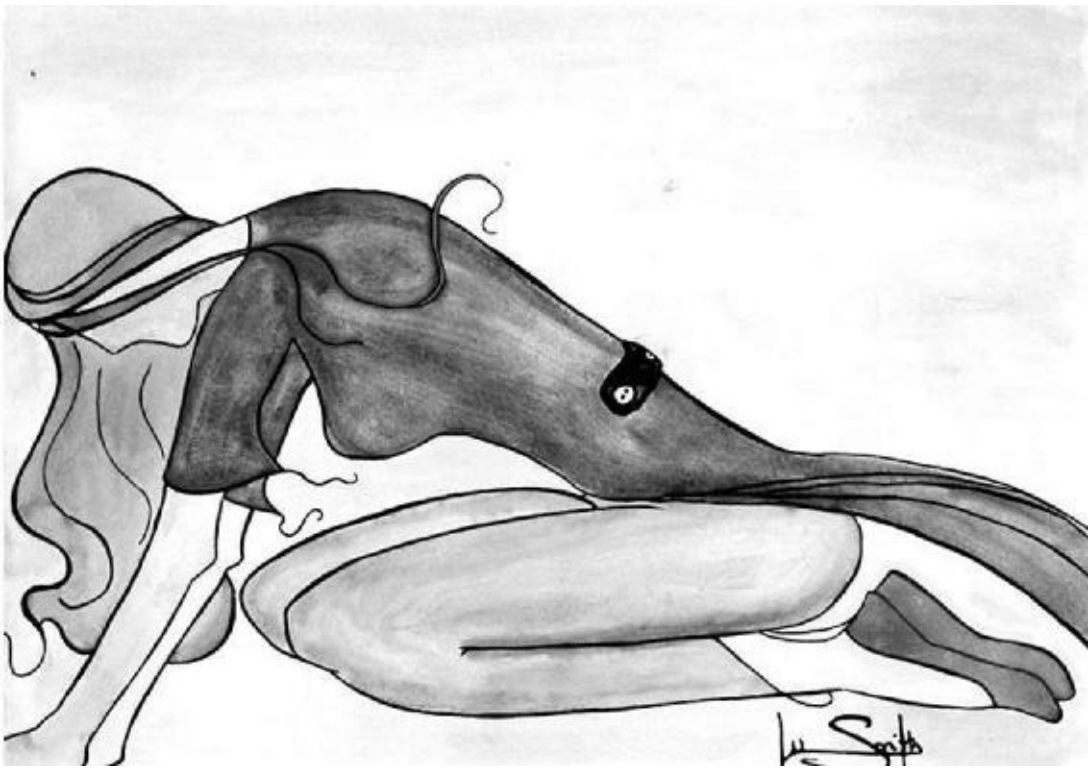
Deus cuidou de Rute, uma moabita.

Deus cuidou de mim, uma africana.

Deus cuidará de todos, independente da sua nacionalidade ou do seu país de origem.

Capítulo 5 - O Choro de Ana

Ana representa mulheres determinadas,
persistentes e que não abrem mão daquilo que é seu por direito.



Panorama Histórico

Nos últimos anos do período dos Juízes, encontramos um período caótico na história de Israel: cerca de 1380 a 1050 A.C.. A Arca da Aliança, símbolo da

presença de Deus no meio do seu povo, era guardada em Siló pelo sacerdote Eli, e pelos seus filhos Hofni e Finéias. Além de sacerdote, Eli foi juiz por 40 anos. Eli foi também o único naqueles dias da história de Israel a usar duas coroas, pois era tanto Juiz quanto Sumo Sacerdote. Ele se tornou juiz aos 58 anos, mantendo este cargo durante quarenta anos, até à sua trágica morte aos 98 anos.

Naquele tempo o Santuário ficava em Siló, o centro da vida religiosa do povo. Ali era também a residência de Eli, o Sumo Sacerdote.

Foi ali, no Santuário de Siló, que Ana, esposa do levita Elcana, foi orar a Deus pedindo um filho. Por ser estéril, Ana fez um voto que se Deus a abençoasse com um filho, ela o consagraria ao serviço de Deus por toda a vida. Eli viu-a orando no templo e até achou que ela estava bêbada, mas, quando ela declarou o seu desejo, Eli abençoou o seu pedido.

Dentro de um ano ela deu à luz um filho, a quem chamou Samuel, e estava destinado a ser um grande profeta, seria o sucessor de Eli como juiz de Israel. A alegria de Ana não tinha limites. Depois de desmamá-lo, fiel à sua promessa, ela levou-o a Siló e entregou-o a Eli, para que fosse criado pelo sacerdote.

Sob a orientação de Eli, Samuel cresceu numa atmosfera completamente religiosa, e logo demonstrou que era um “pupilo” digno do mestre.

No panorama político e segundo o relato bíblico em Primeira de Samuel 4, os filisteus invadiram a palestina, derrotando o exército israelita próximo à localidade de Ebenézer. Os israelitas, vendo-se em situação adversa, apelaram para a Arca, e a trouxeram de Siló. A maldição sobre Eli teria tido lugar, pois a Arca não surtiu efeito na batalha: os israelitas sucumbiram e a Arca foi capturada. Ambos os filhos de Eli foram mortos e Eli, ao saber da notícia, caiu da sua cadeira e morreu com o pescoço quebrado.

Então, o Profeta Samuel assumiu a liderança do povo. Ele trouxe um grande renascimento espiritual, julgando e instruindo as tribos, e restaurando a paz, união e segurança para toda a nação.

Ana - Nome é de origem hebraica significa
“CHEIA DE GRAÇA”

É difícil imaginar como uma mulher consegue dividir o seu marido com outra mulher no casamento. Na nossa cultura ocidental, isso é crime de bigamia e as

situações em que um trio exista, fora do casamento, ainda são exceções.

Mas era assim que a protagonista deste capítulo vivia. Não era um casal, era um triângulo e, nem um pouco amoroso. Ana, Elcana e Penina.

Elcana, o marido, amava mais a Ana do que a Penina, apesar de Ana ser estéril e Penina ter filhos, o que valia a esta uma valorização social. Penina por se sentir respeitada por ser mãe, rebaixava Ana, que muito se entristecia. Elcana tentava consolar a sua amada esposa infértil, mas para Ana não era suficiente o amor do seu homem que não poderia lhe abrir a madre. O seu maior sonho era ser mãe, gerar filhos.

Por motivos anatómicos óbvios, a gestação é atribuída à mulher, pois só ela tem útero, mas gerar não é um processo individual, há mais do que uma pessoa envolvida. Não geramos nada sozinhos. Para a mulher gerar ela precisa de uma semente, mesmo que a tecnologia moderna use uma fertilização em laboratório, alguém terá de dar a semente. O útero é da mulher, mas o prazer é dividido com um homem. Gerar é um sentimento a dois.

As coisas não aparecem do nada, elas não acontecem de um dia para o outro, tudo tem um tempo de gestação.

A natureza assim procede, fazendo da terra o útero da semente. Os relacionamentos deveriam ser assim também, o namoro sendo o útero do casamento. Os dias, as semanas, os meses, também podem ser considerados como um útero para os projetos, e até uma equipa de trabalho pode ser o útero para um empreendimento.

Não se encontra nada que tenha nascido sem ser gerado. O produto final à sua mão, teve de ter alguém que o gerou e gastou tempo para isso. Mesmo que não saibamos a origem das coisas, tudo tem um tempo de gestação.

Gerar é amadurecimento, só brota, só acontece o que está pronto para nascer, senão teremos um prematuro, e se a gestação não der certo, acontecerá um aborto.

Abortamos projetos, casamentos, amizades, fins de semana, viagens, e até vidas. A falta de compromisso e maturidade para com as sementes colocadas nas ações que temos, trará resultados nada satisfatórios em relação a essas sementes. O fruto de uma gestação acontece com relacionamentos; relacionamentos implicarão sentimentos e sentimentos podem ser prazerosos ou dolorosos.

Ana vivia num relacionamento magoado e espinhoso, entre o amor do seu marido e a zombaria da sua rival. O estado emocional de Ana, era tenso, triste e impotente. Ela não podia fazer nada para abrir a sua madre e isso consumia-a.

Para lidar com essa situação insuportável, o seu coração ponderou estratégias para a resolver e se confortar.

As estratégias podem pensadas e executadas, mas em se tratando de emoções, na maioria das vezes, a intuição feminina acontece de forma natural, como o choro e a raiva, para não carregar a dor sozinha. Essas estratégias funcionam como um escape. Quem criou o ser humano colocou dentro dele os mecanismos para viver melhor, apesar das circunstâncias. Ana encontrou um escape.

Ana chorou.

Sim, porque chorar, faz parte de uma estratégia de qualidade de vida.

Chorar não é sinal de fraqueza, chorar é um escape que alivia e consola, já dizia Jesus no sermão da montanha: *"bem-aventurados os que choram porque serão consolados."* [9]

Diante da tristeza há pessoas que choram e outras que não choram. A questão é que, depois das lágrimas, a pessoa que chora está emocionalmente recuperada e sente-se melhor, mas as pessoas que não choram, que não têm um escape do seu estado emocional, não estão tão bem, ou seja: chorar alivia, sim. Isto não quer dizer que traga o resultado desejado, mas emocionalmente a pessoa tem mais recursos para lidar com situações adversas.

O corpo humano é uma máquina fantástica, cuja função primordial é permanecer em funcionamento. Para isso acontecer, cada estímulo, incluindo sensações de emoção intensa, desencadeiam respostas fisiológicas, quer as sintamos ou não.

Quando as emoções de medo e tristeza nos invadem, o nosso sistema nervoso autónomo fica em estado de alerta, para que consigamos resolver o que nos ameaça. O ritmo cardíaco aumenta e esse mesmo mecanismo interfere no funcionamento do sistema digestivo, levando até a desconfortos abdominais. O corpo vai precisar de mais oxigénio, logo a respiração fica acelerada, para lidar com a entrada extra de ar, e assim o sistema nervoso autónomo aumenta a abertura da glote, que nada mais é, do que a entrada da garganta, de modo que o ar vá até aos pulmões sem dificuldade.

É um sistema de respiração que funciona muito bem, apesar do incómodo de engolir a saliva, pois o processo envolve o fechamento da glote, e esse conflito da glote é o que provoca o que chamamos de "nó na garganta".

Foi o que aconteceu com a Ana, quando ela chorou copiosamente, como relata a bíblia, a ponto de o sacerdote achar que ela estava embriagada. [10] O choro não traz a solução, mas com certeza traz o alívio e o consolo.

Ana foi ao templo com o seu marido Elcana e a sua rival Penina. Procurou um lugar privado para derramar o seu coração diante daquele que podia abrir a sua madre. O seu choro trazia consigo um grito de desespero: preciso de solução.

As mulheres, choram assim. Choram mesmo sabendo que não têm a resposta do problema. Choram por escape, gritam por um pedido de socorro. Quem sabe alguém poderá ouvir? Nem que seja para colocar para fora uma dor, que não pode ser verbalizada por palavras.

Abrir a madre é algo sobrenatural. Não é nada que o homem ou a mulher possa fazer; o milagre da conceção é divino. Ana sabia disso, e contestar com seu marido, não resultaria, nem com mais ninguém, então ela chorou diante de Quem podia resolver o seu problema, diante do seu Deus, o Deus que ela conhecia e só Ele podia operar.

Deus sabe como transformar o choro em restauração da anatomia do corpo de uma mulher. Gosto de encarar este episódio assim, pois depois do choro, o milagre aconteceu. Um Samuel apareceu no processo de gestação, um milagre aconteceu, havia lágrimas que precisavam secar, com consolo, acolhimento e resultados.

Mas nem todos compreendem. Eli, apenas viu uma mulher transtornada que chorava. A imagem era tão triste, que ele pensou que ela estava bêbada. Imagino-a aos prantos e acionando todo o mecanismo de defesa do sistema nervoso autónomo, sim porque o choro apesar de emocional acarreta alterações fisiológicas como foi dito acima. Diante de tanto sofrimento e dor, ela respondeu ao sacerdote: não estou bêbada, estou embriagada de dor, porque não tenho o filho do meu amor.

Então a palavra de consolo chegou, o sacerdote respondeu: *"Vai em paz e o Deus de Israel te conceda a petição que lhe fizeste"*, ou seja, teu choro trouxe a tua resposta, tua dor já tem seu alento e acalento.

Quando o choro é verdadeiro há sempre uma razão maior por detrás. Não se chora sem sentido.

Apesar de saber que respostas não chegam por causa de choros, e sim por causa de pedidos respondidos e confiança a quem se pede, Ana chorou até chegar ao desespero de entrega, pois era uma mulher atribulada pela vida familiar e precisava de exteriorizar a sua dor, a sua raiva, o seu desgosto, para aliviar o seu corpo e permitir que a sua anatomia mudasse. Ela tinha de estar livre para que o projeto andasse, a gestação acontecesse e para que o milagre chegasse e Samuel nascesse.

Ana ficou tão agradecida que logo ofereceu o fruto do seu ventre, pois ela

disse: *“Se me deres eu te darei de volta.”* Parece uma loucura, uma insanidade, ela tanto queria o filho e como ela o daria após tê-lo?

Há princípios que devem ser respeitados. Ana tinha princípios. O povo hebreu conhecia o princípio das primícias, os primeiros frutos eram dados a Deus como forma de agradecimento, e o que ela ia fazer com o pequeno Samuel era dar as primícias. O seu primeiro fruto gestacional.

Associado ao prazer de gerar, Ana desejava que o seu fruto fosse útil e abençoasse outros. Isto é compreender que a gestação não é um sentimento individual e egoísta, mas que todos ganham: quem dá a luz e quem está em volta. É também necessário entender que não se vive a vida do fruto. Vivemos a nossa vida e damos o fruto ao mundo e ao propósito para o qual ele nasceu. Isso complementa o prazer de gerar, não geramos para nós.

Segundo a narração bíblica, Ana entregou o seu pequeno Samuel para ser educado no Templo e, para colocá-lo ao serviço de Quem tinha concebido o milagre.

Samuel teve um papel muito importante na história de Israel. Ele foi o profeta que ungiu o primeiro rei de Israel, Saul e o monarca que unificou a nação e de cuja linhagem viria o Messias, o rei Davi. Samuel fez a divisão da época que Israel não tinha rei, para um tempo de monarquia.

Quanta alegria o choro de uma mulher trouxe à nação!

Ela podia ter-se conformado com a situação e não insistir com Deus para ver seu milagre acontecer, mas Ana não se conformou e tirou das entranhas um pranto genuíno, que preparou a sua alma, alterou o seu físico e abriu caminho para a resposta.

Em vez de reclamar da sua situação com a adversária Penina, deixou sua alma gritar por socorro, para O Único que podia ajudar. Quantas vezes falamos somos inconvenientes, reclamamos das nossas dores para todos e não vamos sequer ao lugar certo, como Ana fez?

Sempre que formos a Deus, o dono dos milagres, receberemos o milagre. E a mulher que chorou, agora podia cantar, a alegria foi tanta, que o choro foi trocado pelo canto.

O canto chegou com o pequeno Samuel.

O canto chegou com a alegria de gerar.

O canto chegou como um grito de liberdade, com a realização do sonho.

Ninguém é capaz de falsificar o choro da mudança. Aquilo que nos dói e nos atribula profundamente é único, por isso choramos o choro da gestação. No livro de salmos encontramos um versículo que fundamenta esse choro.

“O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.”
Salmos 30:5

O choro pode ser longo, sofrido, e durar uma noite, mas como diz o salmista, a alegria pela manhã virá. É impossível chegar de manhã sem passar pela noite, e experimentar uma “noite de Ana”.

Quando a gestação acontece, Samuel vai nascer, a manhã vai chegar, a alegria será notória, e quando acontecer, essa alegria brotará e a vergonha findará, o canto chegará com a resposta.

CÂNTICO DE ANA

“O meu coração exulta no SENHOR, o meu poder está exaltado no SENHOR; a minha boca se dilatou sobre os meus inimigos, porquanto me alegro na tua salvação.

Não há santo como é o SENHOR; porque não há outro fora de ti; e rocha nenhuma há como o nosso Deus.

Não multipliqueis palavras de altíssimas altivezas, nem saiam coisas árduas da vossa boca; porque o SENHOR é o Deus da sabedoria, e por ele são as obras pesadas na balança.

O arco dos fortes foi quebrado, e os que tropeçavam foram cingidos de força.

Os que antes eram fartos se alugaram por pão, mas agora cessaram os que eram famintos; até a estéril teve sete filhos, e a que tinha muitos filhos enfraqueceu.

O SENHOR é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela.

O SENHOR empobrece e enriquece; abaixa e também exalta.

Levanta o pobre do pó e, desde o esterco, exalta o necessitado, para fazê-lo assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória;

porque do SENHOR são os alicerces da terra, e assentou sobre eles o mundo.

Os pés dos seus santos guardará, porém, os ímpios ficarão mudos nas trevas; porque o homem não prevalecerá pela força.

Os que contendem com o SENHOR serão quebrantados; desde os céus, trovejará sobre eles; o SENHOR julgará as extremidades da terra, e dará força ao seu rei, e exaltará o poder do seu ungido.”

Por vezes é preciso chorar e quebrantar o coração. Rasgar a alma diante de Deus e diante dele depositar a nossa dependência e receber o seu cuidado.

Para Ana, essa resposta tirou-lhe a vergonha, porque para as mulheres da época, dar à luz era o propósito de vida. Ana chorou como estéril, porque, sem propósito, a sua vida não tinha sentido. Não era culpa sua, mas era a sua vergonha. Ana desejou mais, mais que um marido que a amava, queria um pai que se realizasse com os filhos dela.

Elcana não podia identificar-se a dor da sua esposa, na hora de pranto e de tristeza ele não estava com Ana. Ana estava completamente só, e só ela podia sentir a sua vergonha e não podia dividi-la com ninguém. Observe as palavras do seu marido:

“Então, Elcana, seu marido, lhe disse: Ana, por que choras? E por que não comes? E por que estás de coração triste? Não te sou eu melhor do que dez filhos?” 1 Samuel 1:8

Este cônjuge não conseguiu entender o coração da sua esposa. Achava ele, que o seu amor era suficiente e poderia compensar a falta dos filhos que Ana tão ardentemente ansiava.

Homens e mulheres são diferentes em desejos e vontades, mesmo dentro do casamento. Podemos completar-nos, mas não nos podemos anular, e Ana estava a sentir-se nulificada como mulher, ao ser roubada na maternidade.

Elcana perguntou-lhe se ele não seria melhor que dez filhos. Elcana propunha uma troca impossível, apenas para que ela se conformasse e desistisse, para que ela não se entristecesse mais, afinal ele a amava e cumpria as suas obrigações de marido. Quando a família ia adorar ao Templo, como era o costume da época, ele até lhe dava uma porção dupla de ofertas, porque a amava mais, mas ele não podia entender o desgosto da sua mulher.

Apenas Deus podia, porque Deus entende as nossas necessidades e não as substitui por outras coisas. Não existem "prémios de consolação", existem respostas certas para cada anseio.

É comum ouvir pessoas dizerem: *"pelo menos, tenho isso ou aquilo, preciso me conformar, poderia ser pior."* Ana não se quis resignar, Ana correu para Quem podia. Não podemos conformar-nos com situações que não nos tornam mulheres realizadas. Ana queria realizar-se como mãe, e correu para alcançar o seu desejo, aonde não iria receber apenas um prémio de consolação.

Até o sacerdote achou que ela estava embriagada devido à maneira como orava. Ana estava obstinada e não queria outra coisa, Ana não queria que lhe trocassem o pedido, Ana queria o seu filho.

Às vezes é preciso querer mais, muito mais do que demonstramos querer. Conformamo-nos demasiado rapidamente, quando não obtemos os resultados que pretendemos e justificamo-nos com alguma desculpa.

Ana não estava louca, ela tinha tudo que uma mulher precisava para gerar. O seu corpo tinha um útero e podia acolher a semente de seu marido. Ela não estava a exigir nada que não fosse seu por direito. Mesmo que o marido não entendesse, isso não a travaria de obter seu desejo. E porque Ana não cedeu, Israel ganhou o primeiro profeta que encerrou o tempo dos juízes e iniciou a monarquia.

Por causa da determinação de Ana a história foi marcada com a presença de um dos maiores profetas de sempre. Ana teve mais cinco filhos, mas nenhum deles marcou tanto como o pequeno Samuel. Fruto de determinação, ele foi o resultado da certeza que se procurarmos no lugar certo, podemos encontrar a resposta certa.

Capítulo 6 - A Ousadia de Ester

A verdadeira intercessora tem uma maquilhagem especial
para usar no momento certo. Este capítulo
é para essas mulheres que sabem a hora certa de agir.

Panorama Histórico

Os estudiosos situam a composição deste livro, mais ou menos entre os séculos IV e I A.C.. A maioria dos teólogos prefere uma data no final do século V ou no século IV devido a determinadas características da linguagem utilizada e

à atitude favorável em relação ao rei da Pérsia.

No terceiro ano do seu governo, durante seis meses, o rei Assuero fez uma reunião para exibir o palácio de inverno em Susa aos vassalos das suas 127 províncias. O rei Assuero é também chamado de rei Artaxerxes da Pérsia, o seu domínio começava nas proximidades da Índia e terminava onde, atualmente, se encontra o Sudão, na África. Gostava de passar o tempo com os amigos, de beber vinho e da sua esposa, muito atraente, a qual era descendente de uma das sete famílias de sangue azul da Pérsia. Numa comemoração que já durava há cento e oitenta dias, exibiu

> *"as riquezas da glória do seu reino e o esplendor da sua excelente grandeza Passados esses dias, deu o rei um banquete a todo o povo que se achava na cidadela de Susã, tanto para os maiores como para os menores, por sete dias, no pátio do jardim do palácio real."* [11]

É impossível falar da Rainha Ester sem falar primeiro da Rainha Vasti, porque a nossa história começa com o rei, já embriagado, querer ostentar a sua rainha diante dos seus convidados e ela se recusou. Como Vasti, se recusou a ser uma mulher-objeto, foi banida da presença do rei e uma nova esposa assumiu o seu lugar. Assuero era de reconhecida beleza natural, orgulhoso, amoroso, impetuoso e licencioso. Depois de destituir a rainha Vasti, decidiu coroar uma nova consorte, mas até que tal acontecesse, houve longo um protocolo de seleção.

Ester, ou Hadassa, vivia em Susa, na Pérsia, como exilada judia. Sendo órfã, tinha sido criada pelo seu tio Mordecai, até ser sido descoberta pelo imperante Artaxerxes. A Bíblia relata a fascinante história de Ester, possuidora uma fascinante beleza natural, que teve de se submeter a 12 meses de tratamentos intensivos de beleza, conforme era o costume das mulheres candidatas ao trono real. Nessa época, a estética era importante. Um programa de seis meses de óleo de mirra e seis meses de perfumes e unguentos, e uma dieta alimentar, preparava as aspirantes antes sequer de puderem ser apresentadas ao rei. A involução cutânea é um tratamento que vem dos mais antigos e remotos povos das civilizações até os dias atuais, almejando sempre a fórmula da juventude e do bem-estar. A beleza não é vaidade, é a valorização da autoestima, agrega a autoconfiança, o bem-estar e a saúde do corpo. Com estes requisitos, Ester conquistou o Rei, o trono e uma posição de destaque.

Havia um motivo especial para esta órfã ter assumido o trono. Uma missão a ser cumprida. Beleza sem coração é vazia e não produz nada. O exterior é um complemento do interior, um mero cartão de visitas, mas é a beleza do âmago, que toca vidas e se torna inesquecível.

Ester - Nome de origem persa significa "ESTRELA"

Hadassa - Nome de origem hebraica significa "MURTA"

Reservada, modesta, pacífica, humilde e autocontrolada, Ester destacou-se das demais e cativou Assuero absolutamente.

A verdadeira formosura de uma mulher tem de residir dentro de si, resultante de uma identidade redimida, e Ester tinha essa beleza interior. Ester era linda, porque havia dentro dela um outro tipo de beleza que não se consegue com dietas, óleos e especiarias. Havia uma vida inteira de integridade e construção de caráter que se revelasse à altura da História e da vida.

A beleza exterior serviu para encantar a visão do Rei, mas a beleza interior foi o que verdadeiramente conquistou o coração do Rei. Virgem, bonita e preparada com o que de melhor havia da estética na época, era uma mulher deslumbrante, por dentro e por fora, por isso vou chamá-la da rainha da beleza escondida.

Depois de ungida rainha e já morando no palácio, sucede algo que interrompe abruptamente este cenário idílico. Em todas as cortes, medram os ambiciosos e os vilões. Um genocida hitleriano se levanta com um subterfúgio para aniquilar os judeus.

O autor desse pérfido plano era Hamã, primeiro-ministro e descendente de velhos inimigos dos hebreus. Não foram usados campos de concentração, câmaras de gás, ou anos de tortura. Bastou a vilania das sugestões de um homem egocêntrico que almejava ser adulado acima de todos, e não sabia respeitar a individualidade de outros povos. Usando de um cargo de confiança, conseguiu um decreto para acabar com os judeus. Mal sabia este homem perverso, que a Rainha era judia.

Algumas vezes faltam "Esteres" para mudar situações. Em determinados momentos da vida, temos de agir como esta mulher. Para mudar destinos precisamos de mulheres corajosas, as quais, quando colocadas em lugares estratégicos, saberão agir no momento certo. Há que ter sabedoria para saber "como" e "quando".

Será que alguma vez, na nossa própria vida, não nos foi pedido uma postura como Ester?

O nosso pouco caso com outros, o corre-corre do dia a dia, a compreensível preocupação com a nossa própria vida, impede-nos de ver que precisamos ser mais do que apenas belas mulheres. Assim como Ester, precisamos aprender a

hora certa de agir e de interceder.

Interceder a favor de outros é tarefa que se aprende. Chamamos a isto de empatia, a capacidade de se colocar no lugar do outro. Quando as mulheres desenvolvem essa empatia, usufruem da habilidade de sentir o que está a acontecer, uma espécie de sexto sentido, como foi falado no capítulo de Débora. A sensibilidade de agir, sem serem notadas, são características do género feminino, embora isso possa por vezes exigir sacrifício pessoal.

Interceder é a arte de nos colocarmos a favor do outro, orando, pedindo, ajudando, como se fossemos aquela pessoa.

Quando a rainha soube, pelo seu tio, do decreto de morte para o seu povo, sentiu um calafrio de medo, mas depois ponderou as palavras do seu tio: *"Será que para isso não foste elevada a ser rainha?"* e concluiu que, se tinha sido coroada, certamente não seria obra do acaso.

Não foi para usufruir de tratamentos de beleza, um roupeiro de luxo e de uma posição confortável que a pequena órfã tinha chegado a primeira dama. Havia uma tarefa crucial para ser cumprida.

Nascemos para um propósito e, se não o cumprimos, a vida perde o encanto e o sentido. Em vez de nos questionarmos diante das circunstâncias que vivemos e das situações que nos incomodam, talvez fosse melhor nos perguntarmos se não foi para chegar a esse momento que existimos. Saber a razão por que estamos em determinados lugares, faz toda a diferença nas nossas vidas, quer creiamos ou não. Nascemos no lugar certo, na família certa, no país certo, mesmo que às vezes nos pareça o contrário. Seja qual for a nossa realidade, temos a responsabilidade de produzir mudanças, ainda que corramos riscos. É nesta hora que se vê quem é realmente bonita por dentro.

O dilema de Ester foi interno, individual e difícil, a beleza interior é tratada de maneira pessoal, ninguém pode fazer um "make-over" por nós. Para que ela apareça, é lavrada no íntimo e individualmente. Eu diria que é um misto de certeza e de sofrimento, o que "é preciso fazer", tem de ser feito. Há que trabalhar as emoções, os sentimentos, os medos, as incertezas, enfim, tudo, para cumprir o verdadeiro propósito para o qual nascemos.

Ester agiu rapidamente, pois o seu povo ia ser morto. Pediu ao seu tio que todos os judeus jejuassem por ela durante três dias, após o que ela iniciaria o seu plano de ação. Decidida afirmou: *"Vou em frente, se for para morrer morrerei, mas não deixarei de fazer o que tem de ser feito."* Foi preciso coragem para ser rainha.

Parece meramente uma história, mas aprendemos muito com a Rainha Ester.

Como seres relacionais, devemos entender qual a nossa parte no relacionamento interpessoal. Vivemos para ajudarmos e para sermos ajudados. Estarmos presentes em momentos de livramento. Poderia dizer que devemos estar PRESENTES no agora. Reclamamos tanto de passado e sonhamos muito com o futuro, mas é o AGORA que faz parte da nossa ação do momento. Precisamos aprender a desfrutar e a viver o AGORA.

Colocar-se no lugar do outro é uma espécie de intercessão, e quando está no nosso alcance intervir a favor de alguém, da nossa posição hierárquica, dos nossos recursos financeiros, ou de qualquer outro tipo de favor, a disposição deve fazer parte do nosso "Kit de ajuda".

Num mundo onde as pessoas só pensam em si próprias, e o que podem ganhar com os seus feitos, ações, ou intervenções, as pessoas dificilmente querem interceder a favor de alguém. Todavia, quando sabemos qual a parte que nos cabe, onde estamos e com quem nos cruzamos, é relevante intervir. Precisamos de sabedoria para entender os momentos certos, e ter a habilidade de detetar situações aparentemente insolúveis, para sermos privilegiados a agir sempre a favor do outro.

É por isso que somos diferentes dos homens. Eles também têm um pouco desta perceção, mas é uma caraterística inerentemente feminina. Não somos melhores, somos apenas diferentes, e graças a Deus pelas diferenças!

Deveríamos usar mais o nosso lado feminino e parar de querer uma igualdade que jamais existirá, pois somos diferentes e complementares. Aqui vemos Ester usando os seus atributos femininos para alcançar o coração do rei e trazer uma solução para o seu povo. Ela soube colocar-se no lugar do seu povo e soube interceder.

Quando Ester obteve permissão para entrar na presença do Rei, não revelou imediatamente o que queria. Ela sabia que o esposo gostava de festas, e para lhe agradar o coração, ofereceu-lhe um banquete.

Atração e sedução são características feminina e as mulheres sabem muito bem como usá-las. Quando precisarmos interceder, não importa qual o motivo, devemos fazê-lo de forma que a missão seja cumprida com êxito. Ester não podia falhar. Ela sabia que a vida de seu povo estava nas suas mãos. Se não fosse bem sucedida, tanto o povo como ela seriam executados. O seu plano tinha de ser eficaz. Ester usou os seus atributos femininos para agradar ao rei, pois conhecia-o e sabia como proceder.

Quando falamos de sensualidade ou de sedução feminina, infelizmente as pessoas tendem a usar essas palavras para momentos de luxúria e prazeres

puramente criados por mentes que encaram a sedução como ferramentas ilícitas. Tal é consequência da queda do Homem, com a entrada do pecado no mundo. Não foi o diabo que criou este atributo feminino, mas foi o próprio Deus, como parte do relacionamento saudável entre marido e mulher.

Há casamentos que se perdem porque esposas omitem o prazer da sedução na relação matrimonial e permitem que os maridos sejam atraídos para fora do leito conjugal.

Ester foi escolhida a dedo para ser rainha e sabia muito bem como agradar ao seu rei. Ester usou bem o seu momento intercessor.

Pode muito bem ter sido isso que condenou Hamã à forca. Quando Ester revelou que a ideia da exterminação em massa, tinha saído da mente doentia de Hamã, o Rei afastou-se transtornado para o pátio. Quando voltou, viu o seu Primeiro-Ministro, de joelhos, implorando clemência à rainha, e pensando que Hamã estava a seduzir a rainha e poderia querer violá-la, ordenou furiosamente que fosse enforcado de imediato.

Tal era a influência da rainha Ester.

Se as mulheres soubessem o poder que têm nas suas mãos, no seu corpo, no seu propósito de vida e se soubessem usar o que Deus lhes deu, na sua feminilidade, melhores resultados poderiam alcançar em situações complexas

A bíblia fala de outras mulheres que usaram o seu poder de sedução para atrair homens. Infelizmente, nem todas não marcaram a história de forma positiva como Ester. Algumas trouxeram problemas que precisaram de intervenção divina. Estou a falar de Madame Potifar, Dalila, Bete-seba, e tantas outras.

Ester era linda, bem tratada, e sabia que isso lhe valeria diante do rei. Foi impossível ao rei resistir aos seus encantos. Na hora certa a tímida Ester, foi uma grande mulher.

Ainda assim, aniquilado o Hitler da época, era necessário impedir os efeitos do decreto-real que não podia ser revogado. O plano completo de Ester desenrolou-se: pediu ao rei uma solução definitiva: outra lei que anulasse a anterior. Uma lei que legitimasse luta e morte para sobrevivência. *“Se alguém quiser matar-te, podes matar em legítima defesa.”*

Com este decreto, o rei sobrepôs a lei em vigor, e bravamente os judeus tiveram a oportunidade de lutar em defesa própria e evitaram um holocausto no século V antes de Cristo.

Até aos dias de hoje, os judeus celebram este livramento, com a festa do Purim.

Todos os finais felizes acabam em comemoração porque há que reivindicar os nossos direitos, e neste final da história de Ester temos uma lição incrível: não deixar que os outros nos roubem o direito de viver.

No livro de Ester entendemos que a nossa posição nem sempre tem de ser de “o bonzinho”. É preciso aprender a ter posicionamentos definidos diante das situações.

Posicionamentos trazem resultados. Quando sabemos quem somos e para quê viemos, ninguém pode mudar a verdade da nossa existência, nem quem tenha o poder na mão. Ester intercedeu pelo seu povo, mas o seu povo teve de lutar sozinho pela sua própria vida.

Interceder é para corajosos, porque falar a favor dos outros implica coragem para fazê-lo. É expor-se por outra pessoa ou assunto. Ester colocou-se entre um povo jurado de morte e um império hostil, mas conseguiu impedir uma lei assassina.

Intercedemos quando queremos ver situações mudadas. Quando a mesmice incomoda, quando a justiça não é feita, quando a dor do outro se torna a nossa dor.

É preciso coragem no quotidiano de uma sociedade urbana, para se sobrepor às suas exigências diárias e se colocar no lugar de outros que sofrem necessidades.

Se essas pessoas não são vistas por nós, não as sentimos. Se não sentimos, não nos incomoda e não nos dói. Se não nos incomoda nem nos dói, não intercedemos. Vivemos a nossa vida como se ninguém precisasse de nós.

Ester já era rainha. Na sua posição talvez nem quisesse ser incomodada, mas a dor dos outros falou mais alto. Para fazermos a diferença, temos de levar as cargas dos outros. Há várias maneiras de interceder.

Em qualquer lugar há sempre algo a fazer em favor de outrem. Por exemplo, quando não omitimos o nosso voto na sociedade que estamos inseridos, e votamos com consciência, vendo quais são as intenções do candidato, engrossarmos a fila de suporte a quem pode ajudar pessoas e aliviar a sua dor. Quando vemos crianças nas ruas, podemos ajudar uma instituição que trabalhe com menores, dando tempo, préstimos, interesse e oração, colocando-se no lugar de uma dessas crianças.

Se não pararmos, e sairmos de dentro se nós mesmos, e do nosso dia a dia, não vamos sentir a dor e a necessidade dos outros e não vamos interceder.

Repense sobre a vida da rainha Ester e faça um paralelo individual. Gostaria de lhe lembrar que no lugar estratégico onde está, pode fazer a diferença e, no

momento certo, mostrar sua beleza interior, como verdadeira intercessora, alterando conjunturas e até leis, e fazendo o Purim na vida de muita gente.

Capítulo 7 – A Paixão da Sulamita

Na Sulamita, encontramos as mulheres apaixonadas.

Panorama Histórico

A opinião tradicional entre judeus é a de que Salomão, filho de Davi, foi o autor do Cântico dos Cânticos, o poema de amor, e que foi escrito por volta do

ano 400 A.C., e que se constitui de uma coletânea de hinos nupciais.

Cânticos dos Cânticos é um livro curto com apenas oito capítulos. Apesar da sua brevidade, apresenta uma estrutura complexa a qual pode, por vezes, confundir o leitor. Diferentes personagens têm voz, neste poema lírico. Em muitas traduções da Bíblia, esses emissores alternam a sua fala de modo inesperado, sem indicação ao leitor, dificultando, assim a sua leitura.

Os três participantes principais do poema são: o "noivo", o Rei Salomão. A "noiva", mulher mencionada como Sulamita, e as "filhas de Jerusalém". Tais mulheres devem ter sido escravas da realeza que serviam como criadas da noiva do rei Salomão. No poema, servem como coro para ecoar os sentimentos da Sulamita, enfatizando o seu amor e afeição pelo noivo.

Além dos personagens principais, são mencionados os "irmãos da Sulamita", que devem ter sido os seus meio irmãos. O poema indica que ela trabalhava, por ordem dos irmãos, como guarda de vinhas.

Essa canção de amor divide-se praticamente em duas seções principais, com mais ou menos o mesmo tamanho. O *Início do Amor* (Cap. 1-4) e seu *Amadurecimento* (cap. 5-8). Por ser um poema escrito numa linguagem considerada sensual, a sua validade como texto bíblico já foi questionada ao longo dos tempos. O poema fala do amor entre o noivo e a sua noiva.

Alguns teólogos interpretam o texto como alegórico, dizendo que o amor exaltado é o amor entre Deus e Israel, ou para os cristãos, entre Cristo e a Igreja. Há os que afirmam que a história é uma alegoria, e que os protagonistas representariam o amor de Deus pelo seu povo.

Assim como Jesus utilizou parábolas para transmitir os ensinamentos, o Rei Salomão teria feito algo parecido com o seu Cântico.

O livro de Cantares é a melhor de todas as canções, um trabalho literário de arte, uma obra–prima teológica.

No século II, um dos maiores rabinos, Akida Bem Joseph, afirmou: *"No mundo inteiro, não há nada que se iguale ao dia em que o Cântico dos Cânticos foi entregue a Israel."* O livro de Cantares, em si é como a sua fruta favorita, a romã, em cores vivas e repleto de sementes. Bastante diferente de qualquer outro livro bíblico.

Cantares contém descrições da mulher Sulamita juntamente com uma exibição completa dos produtos de seu jardim. Isso pode ser entendido como um paralelo poético do amor conjugal e como as bênçãos ao povo da aliança na sua terra.

Que mulher não gostaria de ser a musa de Salomão?

Salomão era um homem bonito, mas também mulherengo, contudo a Sulamita conseguiu a proeza e a ousadia de amarrar o coração deste garanhão.

Foi ela, a Sulamita, que ganhou este lindo poema de amor.

Porem, só pode descrever este relacionamento quem viveu intensamente este amor, o protagonista Salomão. O amor de um homem e de uma mulher.

Na história de Salomão encontramos uma peculiaridade, pois o cobiçado solteirão, acabou por se casar com setecentas mulheres e ainda tinha trezentas concubinas! Chegou ao ponto dessas mulheres pagãs lhe perverterem o coração, e o seu interior não ser mais perfeito para com o SENHOR seu Deus, como tinha sido o de Davi, seu pai.

Satisfazer todas essas mulheres, era irrealizável. Impossível mesmo, porque as mulheres são insaciáveis, amam e querem desesperadamente ser amadas. Até as mais tímidas não aceitam ser substituídas, ou ficarem em lista de espera, como deveria ser o caso das mulheres de Salomão.

A anónima, mas célebre Sulamita, não era nenhuma das suas 1000 mulheres, e apenas desejava avidamente pelo seu amado.

Ela é descrita aos olhos de Salomão, como *"a bela Sulamita"*. Uma mulher negra, como diz o poema, o que talvez a diferenciasse das demais:

> *"Não olheis para o eu estar morena, porque o sol me queimou."* [12]

Salomão sabia apreciar as mulheres, o que leva a crer que houvesse um processo de escolha. Ela não era uma qualquer, conseguida por uma transação ou acordo político, ela foi a escolhida de Salomão, *"a mais formosa entre as mulheres"*. Dentre todas as que Salomão teve, ela era a escolhida e aos olhos do rei, a perfeita.

A linguagem que Salomão usou e a época do poema, faz-nos pensar no tipo de liberdade ele tinha para expressar os seus sentimentos.

Este é um dos motivos que fazem da Sulamita uma mulher especial, diferenciada, comparada a outras figuras bíblicas. Nas outras mulheres da Bíblia, encontramos guerreiras, mães, intercessoras, amigas, profetas, criadoras, beldades desejadas pelos seus maridos, e com o objetivo de usarem as suas vidas com o intento de mudar, alterar, cumprir, influenciar e trabalhar a

favor de outros, por um propósito.

Aqui temos uma mulher diferente.

Uma mulher que procura o prazer, para dar e recebê-lo. Na Sulamita encontramos uma mulher que pensa em si. Ela não está a servir a ninguém, porque agradar ao seu amado, está a deleitar-se a si mesma, ao seu prazer. Ela delicia o seu amado, ao mesmo tempo que é amada.

Deus importa-se com os sentimentos íntimos de prazer puro das mulheres, no matrimónio. Foi Ele quem criou nelas o desejo. Tantas mulheres mal-amadas vivem dias amargurados sem poderem experimentar a alegria de um amor prazeroso. O amor conjugal não é algo solitário, é preciso cumplicidade e reciprocidade. Às vezes pode haver a necessidade de despertar a Sulamita que existe dentro de nós, e agir como ela: a noiva não descansou, mas procurou até encontrar o seu amado. Este comportamento deve ser dirigido com afinco, nem que para isso seja necessário despertar o Salomão adormecido do seu marido. E para quem não tem, desejar um Salomão.

Há mulheres que precisam descobrir esse amor, deixar de ser mal-amadas, e passar a viver intensamente um amor que as cubra, proteja e desperte nelas o verdadeiro sentido de se ser uma mulher, apaixonada e desejável.

Como psicóloga tenho "viajado" por esse mundo feminino e atendido mulheres que fizeram a opção de ficar sozinhas. Acredito, todavia, que essa opção é maioritariamente devido a condicionamentos emocionais acontecidos na vida pregressa. Uma infância mal resolvida com a figura paterna, ou uma mãe "poderosa" demais, algum acontecimento durante os primeiros anos de vida que inibiram a vida sexual da pessoa, enfim, cada caso tem de ser visto de forma pessoal e individual. Apesar de muitas mulheres preferirem ficar sozinhas, essa preferência é devida ao que passaram e, se inibem uma descendência biológica, deixam contudo grandes legados, pois são sempre mulheres pró ativas que não deixam de contribuir para o meio onde estão inseridas. Seria interessante num livro, discorrer sobre as mulheres que vivem sozinhas e que são boas companhias para si próprias.

Mas voltando à Sulamita, aqui temos uma mulher que dá vasão às suas emoções, desejos e sentimentos. Não se conforma e busca ansiosamente o seu amor. Amar dá trabalho e requer tempo. Muitas mulheres casadas e atarefadas, acabam perdendo as suas prioridades e deixam-se levar pelo dia a dia da vida, os afazeres da casa, os filhos, as pressões diárias, esquecidas de si próprias, do seu prazer, das suas vontades, e dos seus desejos.

Vamos imaginar que somos uma espécie de quebra cabeças. As peças não

podem ser trocadas para serem colocadas em cada determinado espaço. Até podem parecer semelhantes, mas se não forem a peça certa, o quebra-cabeça não se completa.

Existem vazios em nós que precisam ser preenchidos com a solução certa, com a resposta certa. Não adianta preencher uma necessidade sexual com um prato de comida, muito menos uma necessidade de desabafo com um presente, precisamos da peça certa, no encaixe certo. Só seremos saciados, se encontrarmos a peça única que preenche exatamente um vazio específico.

A necessidade de se ser amada, tem de ser correspondida pelo amado e para procurar o amado é preciso querer.

As palavras da Sulamita foram:

> *"se encontrardes o meu amado, que lhe direis? Que desfaleço de amor. Ou eu tenho o meu amado ou eu morro. Desfaleço de amor".* [13]

Ela tornou-se incansável na sua busca e usou todo o seu poder de sedução para encontrar o seu amado, e quando o encontrou não o largou. Foi sábia. Primeiro procurou-o desesperadamente e depois manteve-o perto de si. Será que não é este o segredo das relações duradoras?

O poder de sedução é uma característica feminina que muitas vezes não "se usa em casa". Aprender a manter o cônjuge não é uma tarefa fácil. O desgaste de uma relação é o final de muitos casamentos. Depois de tantos anos juntos, não entendemos porque já não existe mais amor; infelizmente muitos só descobrem isso quando não há mais nada a fazer, muitas vezes nem se sabe o que fazer.

A sábia Sulamita conhecia o segredo de um relacionamento duradouro; não o deixar ir. Manter o relacionamento ardente e desejável por ela e pelo seu amado. Talvez essa não seja a tarefa mais fácil num casamento, porque a mesmice do quotidiano acomoda-nos, perdemos a criatividade e a inovação do primeiro amor, do desconhecido e do novo.

No decorrer do poema vemos que o amado conhece todo o corpo da sua amada e a compara com todas as coisas aprazíveis que ele conhece e que o satisfazem. Para nós hoje, talvez os adjetivos fossem outros, mas este lindo poema de amor de Salomão dedicado à sua amada, eleva o sentimento de nos maravilharmos e elogiarmos quem nos faz felizes.

Ela tinha certeza que pertencia ao seu amado. Ele conhecia-a e desejava-a. A Sulamita era o objeto de prazer do rei, e ela sabendo disso, detinha-o para que ele, por sua vez, elogiasse a sua beleza.

Cuidado! A aparência física faz parte de manter a relação. As pessoas

engordam depois que se casam, ficam desleixadas e indesejáveis e podem abrir precedentes à infidelidade conjugal. Igualmente, os elogios e carinhos verbais alimentam o desejo. Se o homem se satisfaz com o que vê; a mulher é elevada ou abatida com o que ouve; faz parte das diferentes naturezas de cada um.

Siga os exemplos de Salomão e da Sulamita: celebre as qualidades do seu cônjuge e use de uma boa aparência para manter a relação matrimonial ativa, deleitosa e sensual. A intimidade pratica-se na cumplicidade dos pequenos detalhes, comprazeres e olhares, e não apenas no quarto.

CANTARES 7:1 a 10

> "Que formosos são os teus passos dados de sandálias, ó filha do príncipe! Os meneios dos teus quadris são como colares trabalhados por mãos de artista.
>
> O teu umbigo é taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre é monte de trigo, cercado de lírios.
>
> Os teus dois seios, como duas crias, gémeas de uma gazela.
>
> O teu pescoço, como torre de marfim; os teus olhos são as piscinas de Hesbom, junto à porta de Bate-Rabim; o teu nariz, como a torre do Líbano, que olha para Damasco.
>
> A tua cabeça é como o monte Carmelo, a tua cabeleira, como a púrpura; um rei está preso nas tuas tranças. Quão formosa e quão aprazível és, ó amor em delícias!
>
> Esse teu porte é semelhante à palmeira, e os teus seios, a seus cachos. Dizia eu: subirei à palmeira, pegarei em seus ramos.
>
> Sejam os teus seios como os cachos da vide, e o aroma da tua respiração, como o das maçãs. Os teus beijos são como o bom vinho, vinho que se escoa suavemente para o meu amado, deslizando entre seus lábios e dentes.
>
> Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim."

Ser a pessoa desejada dá trabalho, é investimento diário de atenção e cuidado, contudo terá a recompensa da exclusividade desse amado.

A Sulamita e o Rei nutriam uma alegria mútua, prazer em estarem juntos. Cumplicidade. O relacionamento entre duas pessoas tem de ser cultivado diariamente, para que não esmoreça, nem arrefeça.

Este poema é repetitivo nas juras de amor tanto da parte da Sulamita como da parte de Salomão. Diríamos que é quase cansativo ouvi-los, mas eles encontraram uma maneira de torná-lo duradouro.

Encontre a sua maneira de fazê-lo, porque não há receitas ou fórmulas únicas, depende dos envolvidos e dos ingredientes que se usarem. Isso só pode ser feito com as duas pessoas em questão.

Deus acredita no amor conjugal.

Finalizando este lindo, sensual e apaixonante poema, vemos que não se trata de um êxtase, mas algo que dure eternamente. Este é o valor que Salomão dá a este relacionamento: não é uma paixão arrebatadora e momentânea, mas um sentimento duradouro e inabalável.

> *"Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte*

como a morte, e duro como a sepultura, o ciúme; as suas brasas são brasas de fogo, são veementes labaredas. As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor seria de todo desprezado." [14]

O amor não existe por si só. Tem de ser alimentado, cuidado e protegido, porque é frágil, magoa-se e morre. O Apóstolo Paulo escreve em I Coríntios 13 o mais sublime e clássico dos poemas sobre amor que conhecemos. Segundo o autor, o amor é uma determinação, não é apenas sentimento. Eu determino amar independente do que irei passar, mas deve ser recíproco. Ninguém ama sozinho ou idealiza um amor platónico sem ser correspondido, isso não existe. Para que exista amor e se cultive deve haver empenho de duas partes.

I CORÍNTIOS 13

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.

Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.

E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino;

quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque, agora vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então conhecerei como também sou conhecido.

Agora, pois permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três;

porém o maior destes é o amor."

Deus deu o seu filho amado para morrer pela humanidade, porque Deus nos amou apaixonadamente. Só Deus pode amar incondicionalmente, mesmo sem ser correspondido. E ainda que o amor de Deus é para com todos os homens, mulheres e crianças, só usufrui desse amor quem O recebe. Quem não o reconhece nem aceita esse sacrifício de amor, nunca disfrutará dele.

Há tantas promessas escritas na bíblia destinadas à humanidade, então porque tanta gente vive fora desse amor divino, se Deus é amor?

Porque o amor não é unilateral. Depende de o objeto amado corresponder a esse amor. A parte de Deus é imutável, Ele continua sendo o Deus de amor, mas a parte do ser humano é decidir se aceita ou se rejeita esse amor. Cada escolha tem diferentes consequências.

Onde está Deus que não vê a violência que passamos? As crianças africanas

que morrem a cada dia de maneira tão desumana? As injustiças que nos chegam aos ouvidos diariamente e que nos revoltam?

Entenda que esta nunca foi, nem nunca será a vontade desse Deus de amor, mas o Homem tem desenhado outro destino, ao rejeitar o amor de Deus.

Este poema de Salomão só existiu porque ele encontrou a mulher Sulamita. Para um homem que teve tantas mulheres, poderia ser qualquer uma outra mulher, mas o seu objeto de amor, a sua favorita entre milhares, foi a Sulamita, e ela correspondeu como uma adolescente apaixonada e sôfrega por esse amor.

O objeto do amor de Deus é a sua criação, a humanidade, mas infelizmente ser humano não anseia à procura do seu amado para usufruir dos seus benefícios de amor. Então sofre as consequências disso. Quem aceita e corresponde ao amor de Deus, tem uma vida intensa de descobertas entre mal e bem, deceções e realizações, sofrimentos também, mas a certeza da vitória sempre, porque Ele sempre nos conduz em triunfo e, com Ele seremos mais do que vencedores, e acima de tudo, muito amados.

Viver em comunhão com Deus é viver uma linda história de amor.

O amor de Deus protege, livra, cura, prospera, acarinha, envolve e resolve, porque essa é a essência de Deus. Fazer uma aliança relacional com ele, é viver uma vida feliz. Sempre lembrando que felicidade não é ausência de problemas, mas certeza de uma vida segura como a Sulamita tinha. *"Eu sou do meu amado e ele é meu."* [15]

O que começou com um desejo carnal, termina com algo eterno e espiritual. Nos últimos versículos do livro descobrimos que o que começou por fora ficou gravado no coração, na alma. *"Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura, o ciúme; as suas brasas são brasas de fogo, são veementes labaredas."* [16]

O selo foi colocado no coração, e esse amor tornou-se forte e indestrutível. *"As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado".* [17]

Que cada mulher consiga viver uma linda história de amor, e usufruir de intimidade com o seu amado, com direito, a uma confiança mútua e satisfação plena na intimidade de duas pessoas, no libido e no desejo, como a Sulamita encontrou no seu Salomão.

Capítulo 8 - A Entrega de Maria

Maria entendeu a sua chamada.
A chamada é individual e pessoal.

Panorama Histórico

O que sabemos, com exatidão, a respeito de Maria é que ela era uma mulher virgem, nascida em Nazaré da Galileia, provavelmente descendente de uma família sacerdotal e desposada com um justo homem chamado José, da

linhagem de Davi.

O casamento judaico era efetuado em duas etapas, a primeira chamada *Erusin* ou *kiddushin,* quando os noivos se comprometiam diante de testemunhas, porém não começavam ainda a viver juntos. Se houvesse relações sexuais comprovadas durante esse período, os noivos eram censurados. Caso a noiva tivesse algum relacionamento sexual com outro homem, seria acusada de adultério e consequentemente apedrejada, conforme a lei judaica.

Após cerca de um ano de compromisso os noivos casavam-se numa cerimónia conhecida como *Nisuin* e finalmente, passavam a residir juntos, a fim de constituir família. Às vezes a mulher podia ser repudiada por ser estéril ou mesmo muito feia. Maria engravidou durante o período de compromisso e, para que não fosse apedrejada, José planeou abandoná-la secretamente. Deus interveio nesses planos e avisou-o em sonhos de que Maria era inocente e que tinha concebido o Salvador do povo, pelo Espírito Santo[18]. Então José continuou a viver com ela.

Falar de Maria é falar do nascimento de Cristo e isso nos transporta a Belém, cidade onde Jesus nasceu. Há dois mil anos atrás, a terra natal do rei Davi, era uma pequena cidadezinha situada na orla do deserto da Judeia, a doze quilómetros da capital Jerusalém. Geograficamente apropriada para a criação de ovelhas, era um deserto cheio de vida. Os arredores de Belém de Efrata eram muito férteis, adequados ao plantio de cereais. Foi provavelmente esta a razão do significativo nome de Belém, *Casa do Pão*.

Estamos no primeiro século da era cristã. Falamos de uma mulher que ainda hoje é admirada, honrada e até idolatrada por uns e questionada por outros. Maria, a mãe biológica de Jesus, aquela que concebeu sem ter conhecido homem.

A questão não pode ser questionada, nem discutida, ou se crê no sobrenatural ou não se crê, pois tal acontecimento é inexplicável.

Conceber naturalmente sem se ter conhecido homem, nunca houve, nem haverá outra situação igual. Crendo ou não no sobrenatural, a história da humanidade é marcada pela obediência desta mulher e hoje dividimos as eras por esse evento.

O anjo apareceu e disse:

"Conceberás e darás a luz a um filho e porás o nome de Jesus."

Apesar de atónita, não vemos em momento algum uma sequer palavra de questionamento da parte de Maria. Apenas:

"Eis aqui a serva do Senhor, cumpra-se em mim segundo a tua palavra." [19]

É certo que os judeus aguardavam o Messias. Como ele viria, ninguém sabia, logo crer que Maria estava grávida do Messias prometido, podia ser ou não verdade.

Maria veio do anonimato, de maneira singela, díspar e humilde. Na sua genealogia até gentios havia. Deus escolheu as pessoas *certas* para serem os antepassados de Jesus. Quando se crê no sobrenatural, não existem acasos, pois quem dirige a história é Deus e as pessoas envolvidas são apenas protagonistas dessa narrativa. A jovem virgem foi escolhida e não nos cabe a nós questionarmos os critérios de seleção.

A escolha foi divina e com *enxertos* de gentios no meio de judeus. Temos Raabe a prostituta que salvou toda a sua família, por acreditar num Deus que nunca vira. Temos Rute a moabita, que abandonou parentela e falsos deuses. Encontramos Salomão filho de Bate-Seba, a que fora a mulher de Urias e a razão para Davi pecar. Gente comum, como Maria, foram escolhidos *a dedo* para fazerem parte desta genealogia.

É nítido observar o desejo de Deus de *juntar* todas as pessoas para salvação. Mulheres esquecidas e insignificantes foram apreciadas por Jesus. Vejamos.

Mulheres como a mulher do fluxo de sangue, de quem nem sabemos o nome, mas que foi valorizada pelo mestre. Ela tocou em Jesus. Jesus poderia ter deixado passar despercebida a situação, mas Ele fez questão de parar uma multidão que o apertava e perguntar quem o tinha tocado. Algo extraordinário tinha acontecido. Alguém tinha sido sarado milagrosamente.

Se Jesus não parasse, a mulher continuaria anonimamente curada, mas o amor de Jesus por ela foi tão grande, que quebrou o seu isolamento social e valorizou-a, exaltando a sua fé e a sua cura.

Outra mulher invisível era a samaritana, proscrita e nem considerada judia. Teremos um capítulo inteiro para falar dela, mas sou grata pelo olhar atento de Jesus, que dignifica a *mulher*, como gente, como um ser humano e com muito valor.

É pensando nessas mulheres incógnitas e comuns, que voltamos a Maria e compreendemos como a sua vivência judia, a tinha preparado para encarar a responsabilidade de ser mãe de Cristo. Ela conhecia as promessas e as

profecias.

Na festa de casamento em *Caná da Galileia*, quando o vinho acabou, Maria sabia que o *fazedor* de milagres estava lá. Ele era o seu filho tão amado, ele tinha crescido no seu ventre. Apesar de Jesus lhe dizer que ainda não era a sua hora de agir, ele não resistiu ao pedido da sua mãe.

Gosto de pensar na responsabilidade da figura materna. A mãe de Jesus foi a pessoa que o apresentou ao mundo. Ela foi também quem apresentou o ministério do seu filho, nas bodas de Canaã. As instruções de Maria homens aos empregados que serviam na festa quando o vinho acabou, revelam-nos claramente que ela sabia exatamente quem Jesus era e o que Ele veio fazer à Terra. Aprendemos muito com Maria. Sem fazer alarde, firme, segura e discreta, ela cumpriu perfeitamente o seu papel de mãe, na hora certa.

Maria sabia que quando fossem precisas soluções, o seu filho era esse Jesus que teria as respostas. Ele podia fazer os milagres. Em *Caná da Galileia*, Maria sabia que numa festa, os convidados não poderiam partir sem estarem saciados. Sem vinho não havia alegria. Jesus percebeu a necessidade da alegria e fez o milagre.

Será que Jesus não entende a nossa necessidade hoje? Maria sabia qual a solução naquele momento, para que a alegria voltasse, os anfitriões não ficassem aflitos e a festa não acabasse. Ela dirigiu-se a Jesus que transformou a água em vinho.

Quando vamos até Jesus, sempre encontramos solução para o nosso problema. Talvez não nos dirigimos a Ele, porque não O conhecemos, mas Maria conhecia Jesus e sabia que Ele podia fazer o sobrenatural.

Quando o anjo anunciou a Maria que ela seria mãe do Messias, Maria cantou. A letra desse cântico discorre a gratidão da escolha e a humildade com que ela aceitou ser a mãe do salvador do mundo. Ela bendisse ao Senhor Deus, pois sabia que a história do seu povo e da humanidade iria mudar para sempre. As profecias há muito esperadas estavam prestes a serem cumpridas. Maria, como judia, também estava à espera desse redentor. Não sei como ela se sentiu naquele momento, mas deve ter sido incrível, sobrenatural e extasiante, saber que a história estava literalmente a ser escrita, através da sua vida.

CÂNTICO DE MARIA

"Minha alma proclama a grandeza do Senhor, meu espírito se alegra em Deus meu salvador, porque olhou para a humilhação da sua serva.

Doravante todas as gerações me felicitarão, porque o Todo Poderoso realizou grandes obras em meu favor:

Seu nome é santo, e sua misericórdia chega aos que o temem, de geração em geração.
Ele realizará proezas com o seu braço: dispersa os soberbos de coração, derruba do trono os poderosos e eleva os humildes; aos famintos enche de bens, e despede os ricos de mãos vazias.
Socorre Israel, seu servo, lembrando-se da sua misericórdia,
Conforme prometera aos nossos pais em favor de Abraão e da sua descendência para sempre."

Quando ela diz que todas as gerações a felicitarão, percebo que ela sabia que estava a mudar a história. Que sensação incrível deve ter sido esta de saber que as coisas seriam diferentes por causa da sua obediência.

"Pois eis que, desde agora, todas as gerações me chamarão bem-aventurada." Lucas 1:48

Muitos chamam Maria de "santa", "mãe de Deus" ou "virgem santíssima", mas ela estava apenas cumprindo o propósito para o qual tinha nascido. Ela aceitou a honra de ser parte da história.

Entender para quê nascemos é a chave para a nossa realização. A realização está no propósito. Por vezes não sabemos para quê nascemos e vivemos *crises de identidade.* Maria estava convicta de quem era.

É preciso amadurecer as emoções e entender o que Deus quer. Se Maria tivesse tido um conflito interior, com certeza Deus teria escolhido outra pessoa. O que vem de Deus nunca traz confusão. A profecia do nascimento de Jesus, no livro de Isaías diz-nos que Ele é chamado de *príncipe da paz*. Como poderia a mãe do príncipe da paz ter uma crise de identidade na gravidez? Não combina com a essência.

A nossa infantilidade não nos deixa compreender o que nos acontece. É impossível uma criança entender coisas que só adultos percebem. A chamada de Deus é sempre pessoal. Maria emprestou o seu corpo para Jesus nascer, mas a sua própria vida mudou completamente.

Essa é uma característica linda de Deus. Ele *utiliza pessoas*, mas acrescenta-lhes um valor tão grande, que a pessoa se sente altamente qualificada. A vida de Maria mudou com o seu noivo, com a sua família, com vizinhos e parentes e certamente mudou consigo própria.

Sempre que permitimos que Jesus entre no nosso âmago, a nossa vida muda e os nossos relacionamentos também. Assim foi com Maria e pode ser connosco. Este é o primeiro milagre que Jesus faz dentro de nós: transforma as nossas vidas, modifica os nossos relacionamentos, e nos valoriza como indivíduos. Jesus é o nosso *divisor de águas*, o nosso marco. A.C. e D.C., antes de Cristo e depois de Cristo.

Assim foi com Maria, com a humanidade e é com cada um de nós.

A NOSSA HISTÓRIA MUDA

Todos somos chamados como Maria foi. Temos a missão de gerar: geramos filhos, geramos projetos, geramos empreendimentos, geramos mudanças no "nosso" mundo que alteraram o mundo de quem está ao nosso redor, enfim, geramos o bem ou o mal, contudo tudo depende de como entendemos e aceitamos a nossa chamada.

Desejamos que a nossa vida mude, queremos resultados para as questões do quotidiano, mas muitas vezes não somos o melhor *útero* para gerar os nossos "bebés", que eu vou chamar de sementes. Sim, porque o sentido da nossa existência tem sempre a ver com a razão para que viemos ao mundo. Não se circunscreve apenas ao nosso cosmos, mas está inserido num plano grandioso, muito maior do que pensamos, e porque o desconhecemos, muitas vezes nos questionamos, reclamamos, importamo-nos apenas com o imediato, sem saber que Quem nos chamou, está connosco, para que as "questões" da vida, sejam elas boas ou más façam sentido.

José sentiu-se legitimamente traído por Maria e não queria mais casar-se com ela, afinal a sua noiva estava grávida e não era dele, mas porque o anjo lhe explicou o sucedido, José entendeu o sobrenatural de Deus. Cada chamada individual é sobrenatural, porque só é possível atendê-la com os ouvidos do coração. O propósito divino a que somos chamados é interno e não externo, reconhecemo-lo mas não o conseguimos explicar.

Na verdade, nem temos que dar explicações. Se uma chamada é sobrenatural, permita que quem o chamou se encarregue de fazer o que tive de ser feito. Obedeça apenas, e se sentirá realizada tal como Maria. Lembre-se sempre que aquele a quem Deus chama, Ele também honra e qualifica.

A chamada é individual e requer intimidade com Deus, porque Ele é um Deus pessoal que fala individualmente com cada um de nós.

Com Maria aprendemos também que guardar segredos pode ser uma coisa boa. Há mistérios que não devem ser contados a todas as pessoas. Guardar segredos com silêncio, é uma chave para vitórias. As mulheres não têm nenhuma dificuldade em falar e, por vezes, isso acarreta problemas desnecessários. Silenciar-se e zelar pelos acontecimentos no coração, facilita o entendimento do propósito para o qual fomos chamados.

Entender Maria é coisa de *gente grande.* É preciso maturidade para entender a sua eleição. Maria estava pronta, por isso foi chamada na hora certa. As profecias tinham de se cumprir, Jesus nasceria em Belém, haveria um recenseamento para que Jesus nascesse lá e uma manjedoura. Nada foi obra do acaso. Foi um plano meticulosamente articulado por Deus, ao longo de séculos,

e as coisas aconteceram exatamente no momento certo.

Não tenho dúvida que Deus tem um plano perfeitamente articulado para a vida de cada mulher. Ninguém é obra do acaso. O segredo está em saber ouvir e saber responder à chamada, tal como Maria.

Que a vida de jovem virgem, marque as nossas vidas para entendermos o nosso chamamento. pois ele só é entendido com uma identidade já pronta. Saber quem somos, faz toda a diferença.

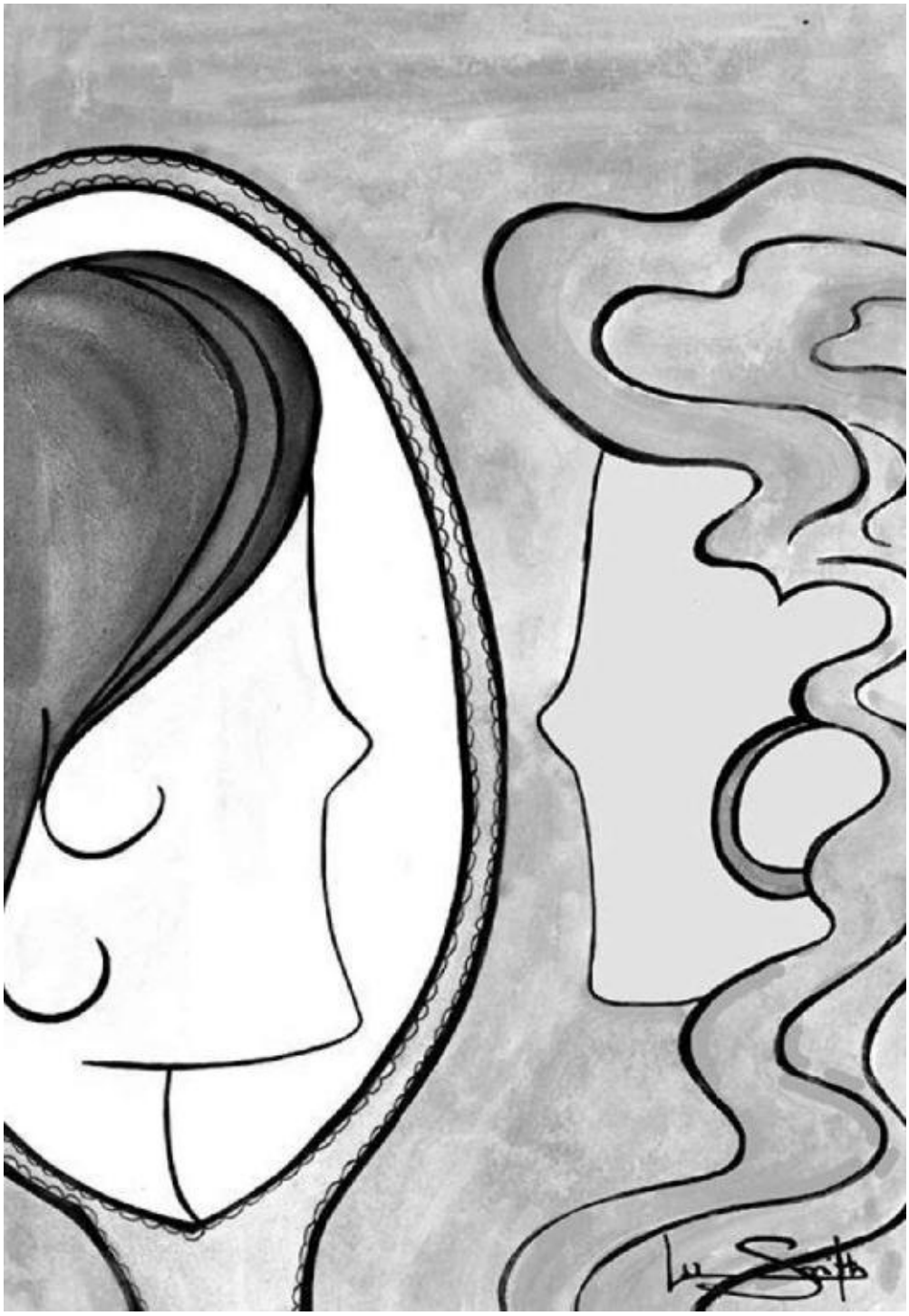
Descobrir-se a identidade é saber para o que a pessoa nasceu. Descobrir-se identidade é saber o propósito e o destino de vida. Infelizmente muita gente nasce, vive e morre sem nunca entender a sua verdadeira identidade. Maria sabia quem era, por isso entendeu a parte que lhe competia no plano divino. Aceitou o que o anjo disse, sem questionar. O sentido de realização da vida não está em contestar aquilo que nos acontece. Os nossos relacionamentos e as nossas questões interiores podem até não ser resolvidas, mas o que fazemos com o que nos acontece, é o que nos qualifica para entender a nossa chamada.

A reputação da “virgem” para Maria, não foi um obstáculo para cumprir a sua chamada. Apesar de jovem, ela sabia qual era a sua verdadeira identidade, e qual era o seu propósito e destino.

Saberemos nós?

Capítulo 9 - O Cérebro por Inteiro

Duas mulheres que representam as duas partes do nosso cérebro.
O lado esquerdo com o trabalho e a razão.
O lado direito com as emoções e a reflexão.
Duas partes que nos fazem inteiras. Marta e Maria.



Panorama Histórico

No primeiro século o Império Romano dominava. A influência da cultura romana, da grega e da judaica dominavam o mundo e em qualquer das três era explícito a posição inferior das mulheres. Flávio Josefo, famoso historiador

judeu do primeiro século, declarou*: A mulher em tudo é inferior ao homem.* A esfera da mulher era considerada como exclusivamente doméstica. O seu papel em qualquer atividade pública fora do lar era inaceitável. Em Jerusalém, todas as mulheres saiam de casa, veladas (usando véu).

As escolas judaicas só aceitavam meninos. Apenas eles aprendiam a ler e escrever. Elas aprendiam as artes domésticas e não eram consideradas capazes de aprender muito mais do que isso. Nos tribunais o testemunho das mulheres não tinha valor. A inferioridade das mulheres estendia-se também às sinagogas onde o homem vinha para aprender, a mulher para ouvir.

As mulheres ficavam separadas dos homens e só entravam até ao pátio das mulheres. A sua presença não contava como "*quórum"* de dez, o número necessário para realizar o culto na sinagoga; portanto as mulheres sozinhas nunca podiam realizar um culto.

É evidente que neste século o lugar da mulher não era igual ao do homem. As mulheres eram subordinadas e inferiores aos homens na religião, na sociedade e também dentro do lar e da família. Seguindo essa lógica, as mulheres eram definidas pelo aspeto biológico, como mães procriadoras; do ponto de vista sociológico, como eram dependentes, primeiro do pai e depois do marido; e sob o prisma psicológico, incapazes de dedicar-se a temas tidos sérios ou importantes, exclusivos dos homens.

Encontrei um comentário de referência sobre as mulheres como um comentário com uma justificativa para o posicionamento masculino na realidade da mulher judia no primeiro século. Entre as inúmeras Bênçãos Matinais, Brachot Hashachar, uma delas é pronunciada apenas pelos homens e gera polémica e interpretações equivocadas. Como as demais *brachot,* ela possui a mesma estrutura: *"Bendito seja D'us, Rei do Universo, que …", "…SheLo Assani ishá"… "que não me fez mulher".*

Tal declaração parece-me indigna para as mulheres e constrangedora para os homens. No entanto, indignações à parte, qualquer um familiarizado com a alta estima na qual a mulher judia é tida na *Torá* e com o lugar que ela ocupa na vida judaica, não podemos julgar ingenuamente que esta bênção reflita algo negativo sobre a feminilidade judaica. Os mandamentos possuem um sentido relativo a diferenças entre homem e mulher, até para promover os papéis de ambos como cooperantes entre si.

Maria de Betânia, irmã de Marta, quando o irmão Lázaro faleceu, lançou-se aos pés de Jesus, dizendo: *"Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido"*. Ela conhecia Jesus e sabia que tinha liberdade suficiente, para estar à

vontade com Ele.

A maneira como Jesus lidou com as mulheres foi sem precedentes no judaísmo. Jesus curou mulheres, deixou que elas o tocassem e o seguissem, falou com elas e a respeito delas sem restrições nem segundos sentidos. Relacionou-se com elas como pessoas e não como um género diferenciado. Ouviu suas ideias, aceitou-as, sem qualquer discriminação, o seu convívio com as mulheres foi surpreende e revolucionária.

Quem escolheu a melhor parte?

Jesus disse que foi Maria, mas a outra parte quem faria?

Este é um dos episódios mais fascinantes do tempo em que Jesus passou aqui na terra. Ele analisou o comportamento de duas irmãs diante de uma situação aparentemente clara, que nos ensina aprendizagens precisas para a vida e um paralelo com a função natural do cérebro humano. Duas partes, no lado direito estava a Maria e no lado esquerdo estava Marta.

Jesus era amigo destes três irmãos: Lázaro, Marta e Maria. Eles viviam em Betânia, um povoado próximo de Jerusalém, e Jesus costumava visitá-los e ficava alojado lá, nas suas viagens. Jesus estava à vontade, pois conhecia a dinâmica da família, e sabia como eles procediam. Numa dessas visitas, Maria sentou-se ao lado de Jesus e pôs-se a escutá-lo, enquanto Marta continuava ocupada e atarefada com o trabalho doméstico, para ter tudo pronto para as refeições e dormida do Mestre e dos discípulos. A certa altura, Marta reclamou sobre o comportamento de sua irmã, a qual não aparentava importar-se com a sua carga, então Marta quase que exigiu que Jesus obrigasse Maria a ajudá-la com os afazeres, ao que Ele lhe respondeu com clareza: *"Acalme-se, você está agitada com tanta coisa, mas uma coisa só é necessária. Maria escolheu uma boa parte e não vou tirar isso dela."*

Pensando na realidade social daquele tempo, à mulher cabia o cuidado doméstico Na sociedade judaica da época de Cristo, escutar a palavra e a oração eram privilégios masculinos. Com a sua atitude insólita, Jesus trouxe um novo paradigma para a mulher.

1. Jesus valorizou a mulher

Jesus deu à mulher uma posição de igualdade, até então inexistente, e a partir deste diálogo, adveio uma *espécie de permissão* dada à mulher para realizar uma tarefa somente destinada ao homem. Estamos diante de um *marco* de profunda transformação social. Novos valores e novos paradigmas religiosos para as orações e meditações da época. Quando Jesus viu uma mulher com interesse em ouvi-lo e aprender dele, aproveitou a oportunidade para inaugurar uma *nova maneira* de agregar valor ao universo feminino.

2. Jesus declarou algo incompleto

O TODO, é composto por duas partes. Ele não disse que a uma parte não precisava de lá estar, antes que faltava a outra parte. Marta não estava a ser sábia, aproveitando a ocasião de acrescentar conhecimento e quietude à sua vida, ou seja, a outra parte.

A limpeza da casa, os afazeres domésticos, os cuidados com filhos, já faziam parte dos encargos diários, ou seja, eram uma parte da ocupação das mulheres. Naquela oportunidade única, agregava-se outra parte, o que é o mesmo que dizer que podemos escolher a melhor parte, ou seja, neste caso, sentar-se aos pés do mestre e ouvi-lo. Entendemos desta forma a necessidade vital que Jesus traz à outra parte.

As preocupações do quotidiano não nos permitem frequentemente, de pararmos para ouvirmos, refletirmos, meditarmos e aprendermos com Jesus. Ser mulher, implica amiúde, fazer várias coisas *ao mesmo tempo.* A perceção cerebral feminina permite que consigamos executar atividades simultâneas, como por exemplo: *cozinhar, atender o telefone e ainda mandar os filhos para a escola*. Executamos múltiplas tarefas durante o dia inteiro, servimos aos outros, desgastamo-nos fisicamente e dificilmente encontramos tempo para nos acalmarmos, meditarmos e *olharmos* para dentro de nós, e viajar numa espécie de autoconhecimento. Porque direções só se encontram na quietude, na meditação e no foco. Embora o trabalho físico não seja uma distração, a questão aqui colocada é, parar a ação e voltar-se para a reflexão.

Isto é uma lição de organização e planeamento ensinada por Jesus. Se organizarmos e planearmos bem o dia, haverá tempo para tudo. Pois a única coisa que foi dada a todas as pessoas, sejam elas ricas ou pobres, de etnias diferenciadas e escolaridades diferentes, homens ou mulheres, é o tempo. O tempo é igual para todos

Se tivéssemos o privilégio de ter Jesus connosco quereríamos estar com ele, largaríamos qualquer prioridade para nos sentarmos aos seus pés a ouvi-Lo e a

aprender com Ele. Se soubéssemos a hora que Ele viria, certamente deixaríamos tudo arrumado e planeado para, nesse momento, nos sentarmos e ouvirmos dele.

Trabalho de casa é importante, faz parte e deve ser encaixado na rotina diária, porém não deve ser um fardo a ponto de perdermos o melhor do dia.

Jesus sabia das *funções e ocupações* domésticas da mulher naquela época. Ele não estava sugerindo a Marta para *desfrutar da presença dele numa casa desarrumada.* Ele estava sugerindo que havia uma melhor forma de viver vida, e o melhor é ter sempre as duas situações equilibradas, a melhor parte e a outra parte.

A casa arrumada e o tempo de refrigério.

O trabalho árduo e o tempo de introspeção e reflexão.

O lado direto e o lado esquerdo do cérebro.

Salomão fala desses dois lados no livro de Eclesiastes de maneira muito interessante:

> *"O coração do sábio o inclina para a direita, mas o coração do tolo o inclina para a esquerda".* [20]

O lado direito pode ser aqui representado pela Maria e o lado esquerdo pela Marta. Onde se encontra direção é do lado direito, com a Maria, com a reflexão, com o descansar em Deus, com o ouvir Jesus falar.

Constatamos nesta passagem bíblica que o visitante ilustre queria a atenção das irmãs. Os afazeres domésticos de Marta, obviamente que deveriam ser executados, mas não naquela hora. Jesus conhecia aquela família e tinha liberdade para aconselhar as irmãs. Por conseguinte, Marta também tinha intimidade suficiente com o Mestre para falar da maneira como falou, pedindo que Maria a fosse ajudar.

Quem então escolheu a **melhor** parte e quem escolheu a **outra** parte? Vale aqui falar um pouco da OUTRA parte.

A *clássica* passagem sobre a mulher virtuosa é uma linda poesia descrita nos Provérbios de Salomão. A constituição mental e cerebral de Marta, era a da mulher de Provérbios 31, ou seja, Marta como mulher judia estava *formatada* dessa forma.

PROVÉRBIOS 31

"Mulher virtuosa quem a achará?
O seu valor muito excede o de finas joias.
O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho.
Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida.
Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos.
É como o navio mercante: de longe traz o seu pão.

É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas.
Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho.
Cinge os lombos de força e fortalece os braços.
Ela percebe que o seu ganho é bom;
A sua lâmpada não se apaga de noite.
Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca.
Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado.
No tocante à sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos de lã escarlate.
Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura.
Seu marido é estimado entre os juízes, quando se assenta com os anciãos da terra.
Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores.
A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações.
Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua.
Atende ao bom andamento da sua casa e não come o pão da preguiça.
Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa; seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas.
Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada."

Que poema lindo, não é?

É sublime, mas sempre que o leio admiro-me ao ver quantas atividades uma mulher *virtuosa* pode fazer. Encontramos uma mulher confiável e que traz segurança. O coração do seu marido confia nela. Esta é **uma parte,** ou seja, tarefas domésticas, trabalho braçal, esforço físico, para que seu marido e sua casa estejam em ordem.

- ☐ Busca lã e linho (trabalha)
- ☐ De longe traz o pão (sai para ir buscar)
- ☐ À noite se levanta (depois de trabalhar ainda não dorme enquanto não tem as coisas sob controle)
- ☐ Delega tarefa às suas servas
- ☐ Examina uma propriedade (faz negócios fora de casa)
- ☐ Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado (faz obras sociais)
- ☐ Supervisiona a aparência da sua casa (decora)
- ☐ Supre a casa toda (organiza)
- ☐ É conselheira
- ☐ Lidera a sua casa.

Como as mulheres são diferentes dos homens! Fazer muitas coisas ao mesmo tempo, trabalhar fora e dentro de casa e ainda se responsabilizar pelos filhos e o bem-estar do marido, faz das mulheres, guerreiras, em qualquer lugar do mundo. Elas *dão conta do recado*, por isso a poesia de provérbios é extremamente adequada.

Todavia, Jesus afirmou que isto não é tudo.

Ainda podemos ter mais e melhor. Ainda podemos aceder à **melhor** parte. O lado direito do cérebro. Se houver organização, encontraremos tempo para nos assentarmos aos pés de Jesus e aprendermos com ele.

No livro de provérbios encontramos uma mulher trabalhadora e no evangelho de Lucas, Jesus muda o paradigma. A mulher também precisa de ter momentos de aquietação e reflexão, porque isto traz equilíbrio. Assim como é preciso trabalhar, também é vital nos conhecermos e lidar com nossos questionamentos, ansiedades e anelos.

Aqui temos um convite a nos deleitarmos aos pés de Jesus para adquirirmos o equilíbrio fundamental, a seres que possuem espírito e alma, os quais devem ser alimentados e cuidados. Só trabalhar não é saudável para ninguém, certamente era isto o que Jesus queria dizer:

"Marta, estás muito stressada. É preciso parar e foi por isso Maria escolheu a melhor parte."

Antes de terminar este capítulo, julgo oportuno explicar a diferença das funções do lado esquerdo e do lado direito do cérebro, pois ajudar-nos-á a entender melhor, as posturas de Marta e de Maria. Deus criou-nos com um cérebro que possui dois hemisférios, dois lados distintos, com funções específicas. O hemisfério esquerdo do cérebro trabalha principalmente com as funções analíticas, enquanto o hemisfério direito processa as funções intuitivas e as visões. Isto quer dizer que, quando é desenvolvido o lado esquerdo do cérebro, as tendências são sempre as matemáticas, gráficos, fórmulas e disciplinas exatas. São pessoas com *os pés no chão*, com convicções seguras, e no caso de Marta, com trabalho fisico. Em contrapartida, o lado direito do cérebro *viaja* na imaginação, como a proposta de Jesus para Maria.

É um cérebro talhado em detalhes, sonhos, emoções mais afloradas, reflexões profundas e artísticas, o que comumente diz-se de crianças e adultos que se concentram noutras *vibrações* e devaneios, vivem no *mundo da lua, no mundo da imaginação*. Embora usemos ambos os lados do cérebro, a maioria de nós tende a confiar um pouco mais num lado do que no outro. Desenvolver o seu lado direito é dar asas à imaginação.

Pensemos na prática do dia a dia. Quem nunca presenciou uma pessoa, sentar-se no final do dia, em frente a uma televisão e dormir? O corpo não tem mais controle, por causa da exaustão.

Jesus sabia que precisávamos urgentemente da *melhor parte* e era isso que Ele queria nos proporcionar. Usar o lado direito do cérebro, e se permitir ser como Maria, sentada a ouvir.

Se começarmos a fazer isso, a buscar a melhor parte, as doenças e moléstias da saúde mental, tão vivenciadas, como a *depressão*, *stress* e tantas *síndromes de pânico* e ansiedades, podem ser geridas, assim como as emoções e os sentimentos. A cura está em nos aquietarmos. A cura está em escolhermos o lado direito do cérebro. a cura está em sermos Marias. *"Maria escolheu a melhor parte e ninguém vai tirá-la. Porque não se senta e nos acompanha?*" Essa foi a proposta de Jesus.

A outra parte, Marta já sabia fazer, mas Jesus queria ensinar-lhe a *melhor parte*. A perceção feminina está sempre pronta para resolver coisas, independente do temperamento. As mulheres têm uma maneira peculiar de resolver questões constantemente, contudo, precisam aprender a ouvir mais antes de agir. Talvez falem demais, por isso ouvem menos. Exaltam-se demais e refletem pouco. Não conseguem calar o consciente para ouvir o inconsciente, o qual tem a sua história pregressa e pode ajudar a construir o presente e melhorar o futuro. Jesus foi um excelente psicólogo e entendia muito bem de saúde mental. Quando acatarmos as suas sugestões seremos as mulheres desfrutadoras de um melhor equilíbrio mental.

Esta é uma lição valiosa que aprendemos com Jesus.

A *outra parte* precisa da *melhor parte* para ficar completa.

Porque o todo é feito pelas duas. O cérebro inteiro precisa de estar em funcionamento.

O que escolher então?

A melhor parte ou a outra parte?

É sábio equilibrar as duas partes.

Capítulo 10 – A Adoração da Samaritana

A sede de mudança nos leva a ser tocadas por Jesus,
e descobrir a verdadeira essência da adoração

Panorama Histórico

Os Samaritanos são um pequeno grupo étnico religioso aparentado dos judeus, que habitam nas cidades de Holon e Nablus, situadas em Israel e na Cisjordânia respetivamente. Designam-se a si próprios como *Shamerim* que

significa “os observantes da lei” contudo, desde alguns anos, têm vindo a usar igualmente o termo “israelita-samaritanos”.

A religião dos Samaritanos baseia-se no Pentateuco, tal como o Judaísmo. Todavia, ao contrário deste, o samaritanismo rejeita a importância religiosa de Jerusalém. Os samaritanos não possuem rabinos e não aceitam o Talmude dos judeus ortodoxos, uma vez que se consideram descendentes dos antigos habitantes do antigo reino de Israel, com capital em Samaria.

Os judeus ortodoxos consideram-nos por sua vez descendentes de populações estrangeiras, que adotaram uma versão adulterada da religião hebraica; como tal, recusam-se a reconhecê-los como judeus ou até mesmo como descendentes dos antigos israelitas. O Estado de Israel reconhece-os como judeus. Hoje há cerca de 700 samaritanos. O seu idioma de uso comum é o hebraico moderno e o árabe palestino, enquanto para atos litúrgicos utilizam o hebraico samaritano.

Após a divisão do reino de Salomão, com a morte deste, o reino de Israel, a norte, e o reino de Judá, a sul, definiram-se um com relação ao outro. Embora fizessem parte da mesma comunidade encontravam-se em disputa no domínio territorial, político e religioso.

Num contexto em que a religião e a política não estão separadas, o controle da religião é um aspeto importante do poder. Assim, cada reino fixou os seus próprios lugares de culto. O do reino de Judá foi instalado em Jerusalém, enquanto que os do reino de Israel situavam-se em diversos pontos, encontrando-se os mais importantes nas extremidades norte e sul do reino, em Betel e em Dan.

O surgimento do Cristianismo sucedeu numa época de conflito entre judeus e samaritanos. Jesus, por exemplo, usou esta diferença sócio religiosa para enfatizar o amor ao próximo na história do Bom Samaritano.

Esta é uma verdadeira história de como agregar valor à vida.

Jesus estava de passagem e parou para descansar junto a um antigo poço, próximo da cidade samaritana de Sicar. Enquanto os discípulos foram comprar comida à cidade, uma mulher solitária veio tirar água ao poço. O nome dela,

não se sabe. Apenas que era samaritana, porque nascera em Samaria.

Este diálogo, entre Jesus e a samaritana, é deveras rico e traz consigo profundas verdades. De um lado temos Jesus, um homem e um judeu, que nem sequer deveria estar ali. Do outro lado, temos a mulher samaritana, que se espanta por ser abordada por aquele estranho. O comportamento de Jesus foi totalmente incomum para um homem judeu. Judeus não se davam com os samaritanos.

Ao que parece, até os dias de hoje samaritanos e judeus ainda mantêm essas diferenças político-religiosas.

Não é por acaso que Jesus é chamado de mestre, e aqui observamos métodos didáticos para ensinar verdades eternas. Cristo veio fazer diferença, colocar um marco na história e mudar os tratos e os direitos das pessoas.

O seu lema de vida era o amor divino. Ele não apenas falou desse amor, mas mostrou-o em todas as oportunidades que teve. Aqui temos uma demonstração que transcende os limites dos judeus porque Ele veio para mudar vidas e não um povo específico; Ele sabia ao que veio.

Jesus veio para mudar os limites inseridos culturalmente nas pessoas. Mesmo que haja discriminação entre povos, Jesus veio nos trazer um olhar diferenciado de Deus. Nesta paragem em Samaria, percebemos que Jesus quebrou paradigmas ao ensinar uma mulher samaritana, ele um mestre judeu. Ele abordou-a intencionalmente, a despeito dos samaritanos não se relacionarem com judeus. O status quo religioso jamais esperaria uma postura de Jesus em que essa conversa acontecesse. Mas Jesus não veio apregoar uma religião…

Como Ele estava cansado, com fome e sedento, apelou para as necessidades básicas e emocionais de sobrevivência. Não havia aparente perspetiva de converter uma estrangeira pecadora, a qual jamais tinha sido abordada por um religioso, e que pareceu um tanto consternada quando Jesus lhe pediu água para beber.

Mas o Mestre encontrou uma oportunidade para dar uma lição de como uma pessoa pode encontrar a essência da vida íntima com Deus e com o seu verdadeiro eu.

Ele usou um pedido de água do poço, como metáfora para a água viva que só Ele podia oferecer, e que não estava no poço. Tal água despertou a atenção da ouvinte. Quando questionado sobre tal água viva que ela desconhecia, Jesus atendeu o seu pedido gerando sede na samaritana. Ele expôs a sua própria dor para que ela entrasse dentro de si e, desejasse sedenta, uma mudança de vida.

A samaritana era uma mulher cansada da mesmice do quotidiano, e estava ansiosa por uma novidade de vida, mesmo sem entender como tal poderia acontecer. Levava uma vida que não a satisfazia, depois de cinco casamentos falhados, agora vivia com alguém que não era dela. Ela precisava de mudança.

Conta a história bíblica que ela foi buscar água ao meio dia, "a hora sexta", o pior horário para se ir ao poço numa estrada poeirenta e voltar com uma bilha pesada. O sol estava ao rubro, logo o esforço era maior, mas o poço certamente estava vazio, não havia lá ninguém a essa hora. Será que não era de propósito? Pelo menos ninguém a via.

As donzelas e as mulheres de bem iam pela fresquinha, bem cedo.

Ela não era uma mulher de vida recomendável. Não tinha de dar satisfações da sua vida a ninguém, mas tinha de se esconder, tinha vergonha da sua condição, afinal tinha tido cinco maridos e o relacionamento atual era comprometedor.

Ela podia simplesmente não se ter aproximado ou não responder e fugir. Afinal aquele diálogo era invulgar e se agisse assim, ninguém a criticaria, Ele era Judeu e era homem.

Jesus foi ousado ao perguntar, mas maior ousadia teve a samaritana ao responder. Ela replicou questionando-O, talvez para se proteger com os seus costumes e com o que conhecia. Disse-lhe a mulher samaritana:

"Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?" [21]

Esta era a sua realidade social, judeus não falavam com samaritanos.

Só quando nos permitimos sair de nós mesmos, dos nossos costumes, da nossa cultura e dos nossos idealismos, é que podemos experimentar novas ideias, novas expetativas, novos olhares. Caso contrário, tudo se mantêm na mesma. Não se pode preencher um recipiente quando este já tem coisas lá dentro. Para colocar as novas propostas, Jesus teve de confrontar o velho conteúdo.

A samaritana tinha desejo de mudança, e com a curiosidade aguçada, na continuação do diálogo prossegue as suas indagações:

"Senhor, tu não tens com que tirar água e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva?"

Já que existia uma água viva ela queria-a, porque a água que ela bebera até então era uma água morta e infértil. Ela fez várias tentativas, mudando vez apos vez de parceiro e de vida.

Talvez a sua cabeça pensasse, *"e agora?"*. Teremos de pedir ajuda para tirar água do poço, porque eu quero essa água viva.

Desejar a mudança foi o começo dela; acabar com a mesmice tem de

começar por nós. Já vi gente dizer: *"mas isso não acontece comigo"*, será que no seu coração há realmente uma sede de mudança ou conformismo?

Só bebemos água quando temos sede, só nos desarmamos quando precisamos de ajuda, só baixamos a guarda, quando queremos respostas diferentes, porque as nossas já não chegam.

Então Jesus aprofunda a conversa, sai do discurso cognitivo e da razão, e passa para o coração e para as emoções da samaritana. Pergunta-lhe pela vida conjugal e invade as experiências sentimentais da samaritana, agregando a sua dor e vergonha íntima, com a proposta de renovação.

Golpe baixo?

Pode ser. Mas certeiro e acolhedor. Assertivo e direto. Não havia tempo para rodeios, quando a alma dela sangrava de dor, e gritava por socorro. Jesus abriu a ferida, limpou-a e curou-a.

Aqui temos uma experiência de mudança vivida da samaritana porque Jesus foi ao encontro dela, debaixo de sol quente para dar-lhe água viva e uma nova vivência.

Jesus sabe onde nos encontrar para mudar a nossa vida, se assim o desejamos. Ele aproveitou a oportunidade para abordar o que lhe era mais profundo e dorido, para lhe mostrar que Ele tinha o poder da mudança.

Só ela sabia o que lhe tirava o sono. Só ela sabia o que a envergonhava. Só ela sabia o que nela precisava de mudança. Só ela sabia onde doía.

Então quando Jesus mostrou-lhe a sua própria vida, permitiu-lhe olhar para dentro de si, ela nem se defendeu, nem se aborreceu, porque quando precisamos de cura só a encontramos dentro de nós mesmos. A melhor lição de autoconhecimento foi ensinada aqui pelo próprio mestre. O autoconhecimento produz mudança para melhor.

A samaritana foi exposta, diante de um desconhecido, que lhe mostrou a sua dor e fragilidade diárias, e admirou-se como Ele sabia o que a matava por dentro. Ela reconheceu em Jesus mais que um judeu, mas um profeta, e libertou-se da sua cultura e dos seus costumes a ponto de crer quando Ele se revelou quem realmente era.

A única maneira de conseguirmos mudança é sobrenaturalmente. Só quem conhece o sobrenatural pode trazer essa mudança para nós. Ao perceber que Jesus era profeta, ela começou a perguntar sobre adoração. Esqueceu-se da condição de mal-amada e quis saber sobre adoração.

É interessante que ela podia falar sobre a sua própria vida, afinal o diálogo aberto pelo próprio Jesus poderia ter essa continuidade. Podia aproveitar para

desabafar e justificar a sua história, mas não, ela quis saber sobre o desejo mais íntimo do coração, adoração.

Vale a pena lembrar que, quando Jesus toca os corações, os problemas perdem o sentido e procuramos a essência para a qual nascemos. Homens e mulheres nasceram para adorar, e é por isso que sempre estamos à procura de alguma coisa para rendermos nossa adoração.

Em criança, temos heróis, quando somos adolescentes temos ídolos, quando crescemos procuramos algo ou alguém para prestar culto. Há em nós, uma necessidade intrínseca de adorar. Enquanto não satisfazemos essa necessidade não nos sentimos realizados, a nossa sede não é saciada. Nascemos para sermos adoradores, essa é nossa verdadeira essência.

Esta mulher estava cansada da mesmice, a sua vida sofrida não lhe tinha trazido qualquer realização como gente, e quando Jesus acolhe a sua dor emocional, a compreende e não a condena, ela sente necessidade de adorar, de saciar a essência da vida humana, que é a Adoração.

Depois irrompe contando a todos, fazendo aquilo que qualquer um de nós faz quando estamos satisfeitos, quando estamos completos: queremos que todos compartilhem do nosso momento de alegria e vitória.

A samaritana saiu a correr para contar na cidade o que lhe havia acontecido! Ela acabara de ter um encontro divino que mudou a sua vida, tinha bebido água viva que a curara, a sua vergonha acabara, e ela finalmente tinha uma vida nova e podia adorar.

Quando estamos felizes não conseguimos ficar calados, temos de compartilhar. Quando somos curados de uma doença, recomendamos a outros o hospital, o médico ou o atendimento. Se comermos num lugar agradável, sugerimo-lo aos outros. Se gostarmos da viagem de férias, convidamos outros para uma próxima vez. Se o vivenciamos, podemos passar a informação correta.

Ela contou a todos avidamente a respeito de Jesus, o que resultou numa revolução religiosa no meio dos samaritanos.

Quando contamos vivências dos outros, apenas somos bons comunicadores, mas quando contamos as nossas próprias experiências, vivenciadas emocionalmente, convencemos as pessoas a buscarem a fonte a qual nos saciou.

Quando os nossos discursos não produzem mudança, é porque as nossas vidas não foram impactadas emocionalmente. Aquilo que vivemos e sentimos, isso marca-nos.

Quando somos tocados tão profundamente por alguém, como a samaritana foi, a mudança acontece internamente e as pessoas são convencidas não pelo discurso, mas pela nova vida que evidenciamos.

Tal como a samaritana, que possamos permitir-nos ser tocadas por Jesus, para termos a nossa sede saciada, a alegria de viver renovada, uma nova existência será iniciada e a verdadeira adoração será restaurada.

Então podemos contagiar outras pessoas para que mudem, encontrem as respostas que precisam e se sintam realizadas.

Na samaritana encontramos uma vida que faz sentido e dá sentido, apesar da história pregressa.

Capítulo 11 - A Liberdade de Madalena

Quem teve um encontro com Jesus, nunca mais é a mesma pessoa.
Maria Madalena representa essas mulheres.

Panorama Histórico

Madalena teria nascido em Magda, na Galileia, uma localidade na costa ocidental do lago de Tiberíades, por isso era chamada de Maria Madalena, ou seja, Maria de Magdala.

Segundo o Novo Testamento, Jesus de Nazaré expulsou sete demónios desta mulher, argumento suficiente para ela crer Nele como o Messias. Maria Madalena esteve presente na crucificação, juntamente com Maria, mãe de Jesus, e outras mulheres. Do Calvário, voltou a Jerusalém de organizar, com outros crentes, unguentos, a fim de preparar o corpo de Jesus como era costume funerário, quando o dia de Sábado tivesse passado.

Durante o dia de sábado ela ficou na cidade - e no dia seguinte, de manhã muito cedo *"quando ainda estava escuro"*, indo ao sepulcro, achou-o vazio, e lá encontrou um anjo que lhe deu a notícia de que Jesus Nazareno tinha ressuscitado e que deveria informar isso aos apóstolos.

Maria Madalena foi a primeira testemunha ocular da ressurreição de Cristo e foi imediatamente anunciar aos apóstolos do sucedido.

Nada mais se sabe sobre ela.

Não há qualquer fundamento bíblico para considerá-la como a prostituta arrependida que pediu perdão pelos seus pecados a Jesus Cristo.

Quem foi esta mulher?

Sete demónios saíram dela. É o que nos conta a história.

Por onde será que Maria Madalena teria andado?

Uma mulher possuída devia ter a vida muito oprimida.

A possessão demoníaca prende a sua vítima. Estamos a falar de alguém, sob tortura de seres espirituais malignos, e a primeira coisa que aconteceu no seu encontro com Jesus foi a sua imediata libertação. Este é o resultado de quem se encontra com Jesus, a luz e as trevas não conseguem andar juntos.

Quando falamos de demónios, estamos a falar do reino das trevas, uma dimensão onde impera toda a malignidade. Jesus afirmou categoricamente que nada a tinha a ver com esse reino tenebroso. Ele afirmou que tinha vindo à terra, para desfazer completamente as obras do diabo [22]. Por isso, quando Maria Madalena, que vivia subjugada por aqueles sete demónios, teve total liberdade quando se encontrou com Jesus.

Não sabemos que tipos de demónios saíram dela, nem há quanto tempo eles lá estavam ou o que faziam com ela, mas seguramente aquela mulher provou

um livramento jamais sentido na sua vida.

Liberdade não tem preço.

Ser livre de qualquer tipo de opressão é uma verdadeira *carta de alforria.* Só quem foi escravo de alguma coisa pode avaliar o preço da liberdade

É comum ouvirmos depoimentos de pessoas oprimidas por demónios e sabemos que elas não querem viver esse tipo de vida. Na maioria das vezes, fazem pactos, e dão autorização a que entidades maléficas entrem nas suas vidas e as tornem suas *presas*, porque a verdade é que demónios não entram na vida das pessoas, sem uma autorização legal destas.

A bíblia afirma que: "*a maldição sem causa não encontra pouso."* Isto significa que haverá sempre uma causa para que os demónios invadam uma pessoa.

Falar de Maria Madalena é falar do reino espiritual, um universo invisível, tão real como o nosso. Para entendermos o reino sobrenatural, devemos estar cientes tanto de Deus, Jesus, o Espírito Santo e os anjos celestiais, como entender que existem anjos caídos, odiosos que farão de tudo para destruir o ser humano. Sem entrar em profundidade neste assunto, quero dizer que esta é uma realidade de muitas "Madalenas" e que a bíblia chama ao diabo de *"inimigo das nossas almas"*. O papel do inimigo é causar horrendo desconforto, perturbar a pessoa e fazer exatamente o contrário, do que um amigo faria. Todavia, esse inimigo só consegue que seus objetivos sejam alcançados se a pessoa lhe der permissão. A escolha é da própria pessoa. Nenhum ser ou uma entidade chega e consegue entrar e escravizar a alma de alguém sem autorização.

Por vezes temos dado mais importância ao inimigo do que a que ele pode realmente ter nas nossas vidas. A primeira coisa que precisamos saber é se ele teve a permissão para entrar. Paulo disse com muita clareza aos efésios: *"não deis lugar ao diabo"*[23]. São as próprias pessoas que lhes dão permissão para agir, e ele não pode entrar sem essa autorização. Há várias maneiras do diabo conseguir essa "password" de entrada. Vou numerar apenas algumas, porque existem muitas mais e estamos somente a esclarecer este contexto para clarificação, e, quem sabe, despertar a uma pesquisa melhor sobre o assunto.

- ☐ Por legalidades geracionais (dada por pais ou avós e a pessoa pode não ter consciência disso. O velho testamento informa-nos de que recebemos algum tipo de autorização até a terceira e quarta geração [24] que nos antecede).
- ☐ Por pactos feitos pelos responsáveis hierárquicos da família, por

palavras, e por comidas ingeridas, e aqui rol de itens que não vou mencionar neste livro.

- ☐ Legalidades sexuais com parceiros ou situações de violação e abusos (que a vítima foi sujeita, mesmo sem o seu consentimento).
- ☐ Por desconhecimento e envolvimento emocional com literatura, brincadeiras e jogos ou práticas de ocultismo.

Uma pessoa endemoninhada não tem controle sobre a sua vida. Por vezes nem sabe o que está a fazer. Envergonha-se a si mesma, é inconveniente, fere-se a si ou a outros, e não consegue se libertar sozinha, pois uma vez entregue a legalidade, as entidades que se apossam dessa pessoa não quererão sair. Será preciso uma intervenção do *reino da Luz* para que a libertação aconteça. Estes assuntos não são de ordem natural, são de ordem espiritual, então não se tratam com terapias, medicação ou encarceramento. Não é também qualquer pessoa pode fazer a libertação, apenas pessoas que entendem o reino de Deus, aceitaram Jesus e estão sujeitas as Seus decretos, podem, com a autoridade investida no NOME DE JESUS, proceder a esse processo de libertação. O próprio Jesus, afirmou: *"em meu nome expulsarão demónios…"* [25]

Não existe *meio termo*, ou seja, um reino onde damos legalidade ao sobrenatural diabólico e permanecemos com perfeito controle sobre nós mesmos. Ninguém jamais o conseguiu. Jesus foi bem claro quando explicou que ninguém pode servir a dois senhores, haverá de odiar a um e amar outro.

Maria Madalena devia ter passado por momentos sobremaneira constrangedores, não tendo controle sobre a sua própria vida. Talvez ela se lembrasse de alguns dos seus comportamentos bizarros inexplicáveis, ou então tivesse falhas de memória e transes e vivesse proscrita, como um animal. Nada mudaria até que, alguém com autoridade, expulsasse os intrusos na sua alma.

Mas o dia chegou.

O dia mais marcante na vida de Maria Madalena foi certamente quando ela encontrou Jesus, a maior autoridade sobre os demónios e ela ficou livre. Imagino a sua imensa felicidade, o quão o seu coração ficou grato e extasiante, por se ver sã. A ponto de, depois de liberta, ela se ofereceu para ajudar o ministério do mestre. A sua gratidão pela liberdade imerecida impeliu-a a segui-Lo para o resto da sua vida.

Gratidão é um sentimento que deve ser aprendido e cultivado. Corações agradecidos serão sempre corações abençoadores.

Maria Madalena foi alguém muito importante na equipa de Jesus. Uma mulher com um passado duvidoso, foi escolhida e estava lá para ser a

portadora das boas notícias. Todos os *líderes* têm sempre um *staff* que trabalha nos bastidores, nos detalhes importantes, para que a figura principal brilhe. Remunerado ou não esse *staff* é fundamental para que os resultados apareçam. São pessoas de confiança. Indivíduos que são responsáveis e cuidam por vezes de *verdadeiros tesouros* que não são deles. Pessoas anónimas, mas confiáveis.

Os *"cavaleiros solitários"*, estão obsoletos, já caíram em desuso, porque precisamos uns dos outros. É necessário uma equipa de apoio.

Um *staff*.

Em qualquer organização, existem aqueles que não aparecem, mas que são indispensáveis.

Para que Jesus pudesse pregar o evangelho, Ele precisou de uma equipa incansável e de confiança, que lhe desse o apoio que Ele precisava. As mulheres que serviram o ministério de Jesus eram pessoas de confiança do mestre, essas mulheres tiveram um encontro com Jesus, foram curadas e libertas e estavam prontas para dar esse apoio no anonimato. Este episódio ocupa apenas algumas linhas, mas Lucas, o discípulo de Jesus, contou-o, porque era importante.

Há sempre as pessoas que ninguém vê, mas se o seu trabalho não for executado todos sentirão a falta dele. Muitas vezes não são reconhecidas, mas como viveríamos sem elas?

Aqui está Maria Madalena, uma mulher livre para servir. Acompanhou Cristo durante o tempo dele aqui na terra, em proximidade com o Mestre. Apesar da pouca informação que temos dessas mulheres, sabemos que elas acompanhavam o ministério de Jesus, servindo e fazendo as tarefas que faziam parte das suas atividades diárias. Quando Jesus foi condenado à crucificação, encontramos novamente as mulheres sofrendo ao longe, vendo o seu Mestre sendo levado para a morte.

Como é bom ter uma *equipa.* Nas horas de abatimento, saber que não estamos sós. Sempre que ouvimos falar de Maria Madalena, ela estava junto às outras mulheres. Este era um costume dos judeus, as mulheres não andavam sozinhas, parecia mal, mulheres andavam com mulheres.

Juntas serviram a Jesus enquanto ele pregava, e na crucificação, juntas observavam, ao longe o calvário. Certamente choravam e esperavam para ver como podiam continuar servindo o Mestre. Elas conheciam-no não porque viam os seus milagres, mas porque as suas vidas tinham sido transformadas. Sabiam que não podiam mudar o correr da história, mas estavam observando para agir na hora necessária. Sábias mulheres.

No sepultamento de Jesus, Maria Madalena foi uma das mulheres que

observou o lugar onde o corpo foi colocado. Elas sempre se preocupavam com Jesus: "*ficaram observando para depois cuidar do corpo do mestre*." Esse *era costume da época*, e essas mulheres foram gratas e leais. Na crucificação as mulheres estavam lá a trabalhar para dar ao corpo de Jesus as honras fúnebres que lhe eram devidos e necessários. O seu *staff* estava pronto, e com elas, Maria Madalena.

O trabalho de pessoas incógnitas passa muitas vezes despercebido. Elas cuidam da missão até ao fim.

Essas mulheres poderiam voltar para suas casas e não se importar mais com Jesus. Ele já lá não estava para ver os seus feitos, mas o compromisso delas era uma dívida de amor, que nem o túmulo ofuscaria. Jamais Maria Madalena poderia pagar a liberdade conquistada através dele.

Juntamente com as mulheres continuava servindo, porque amava o seu libertador. O trabalho delas não tinha cessado, apesar de saberem que ele realmente estava morto.

Cedinho, no primeiro dia da semana, Madalena foi ao túmulo para embalsamar o corpo de Jesus. Encontrou a pedra removida e sobressaltou-se porque não esperava encontrar o que viu, porque um anjo estava à espera dela para lhe dar um recado maravilhoso. Madalena não se conteve e correu para avisar Pedro e João, os discípulos de Jesus.

Não sei se Jesus escolheu ou não a quem iria aparecer primeiro, mas o registo conta-nos que Maria Madalena foi primeira a saber da ressurreição de Cristo.

Quem não gosta de saber as notícias primeiro?

Quando acontece alguma coisa, ouvimos sempre um: "*hã? o que foi? quem ouviu primeiro? essa fonte é verdadeira? você tem certeza disso? é isso mesmo que estou ouvindo? não acredito, é sério mesmo?*"

Jesus tinha de aparecer a alguém de confiança e, por isso, escolheu Maria Madalena. Apesar de ser uma notícia inacreditável e tão sobrenatural, a porta voz não poderia ter sido alguém melhor do que esta mulher que tanto amava a Jesus.

É, fazemos assim quando temos notícias importantes para contar, pedimos que uma pessoa de confiança seja o nosso porta-voz. Que privilegio de Madalena de transmitir estas boas novas!

Será que somos suficientemente confiáveis para sermos portadores de boas notícias? O que nos faz sermos pessoas de confiança?

Depois de Madalena se ter cruzado com Jesus, e ter recebido nova alegria de

viver era o motivo da sua fidelidade ao mestre, ela devolvia essa liberdade, com amor e eterna devoção. Este encontro mudou radicalmente sua maneira de ser. Sim, uma mulher aprisionada por sete demónios, tornou-se uma mulher liberta e digna de confiança para anunciar que Jesus estava vivo.

Um encontro com Jesus fez toda diferença.

Fez diferença para Maria Madalena e com certeza fará diferença para todas as mulheres que permitem ter um encontro com Jesus.

Talvez não tenhamos sete demónios que precisem ser expulsos, mas temos áreas da nossa vida que certamente precisarão de mudanças e, só Jesus as pode realizar porque Ele é a autoridade para isso.

No registo do novo testamento, encontramos todas as pessoas, que se encontraram com Jesus e que foram mudadas de alguma maneira nas suas vidas. Elas deixaram o testemunho escrito de onde vieram, como eram suas vidas e como ficaram depois. Em três anos e meio Jesus tocou milhares de pessoas, mas Ele continua até hoje a tocar muitos milhões mais.

Todos nós precisamos de libertação, pois a nossa história, a nossa genealogia carrega consigo, no seu DNA marcas de pecado e iniquidade. Esta foi a afirmação do Rei Davi quando disse:

> *"em pecado me concebeu minha mãe e em iniquidade fui formado."* [26]

Há uma expressão brasileira com a qual me identifico, pois o sentido dela completa a minha história: *"ninguém é filho de chocadeira"*

Por causa de não sermos fruto do acaso, todos nós carregamos uma história familiar. Necessitamos de Jesus e do seu sangue para termos a verdadeira liberdade. Quando aceitamos Jesus e o seu sacrifício na cruz do calvário, tomamos a consciência que Ele levou na cruz todos os nossos pecados e as nossas iniquidades (iniquidades referem-se à linha geracional). Então temos a certeza de que o inimigo das nossas almas já não tem legalidade de oprimir, pela essa certeza e consciência adquirida através do sacrifício de Jesus.

Esta é uma dívida, que é paga com gratidão.

Que a história de Maria Madalena nos faça refletir e viver a verdadeira liberdade e, assim como ela, nos possamos tornar mulheres livres para servir.

Capítulo 12 - O Empreendedorismo de Lídia

Lídia tipifica mulheres empreendedoras que ocupam cargos de liderança, seja em ambientes corporativos, ou por conta própria.

Panorama Histórico

A principal cidade da Macedónia, era Filipos, onde Lídia morava.

Nasceu em Tiatira, uma cidade que ficava na região chamada Lídia, na parte ocidental da Ásia Menor, por esta razão, alguns historiadores acreditam que

Lídia não seria o seu nome próprio, mas simplesmente um apelido que os filipenses lhe teriam dado, ou seja, era chamada "a Lídia", tal qual a mulher com quem Jesus Cristo falou em Sicar ficou conhecida como "a mulher samaritana", por viver em Samaria.

Tiatira era conhecida pela sua indústria de tingimento e é provável que Lídia tivesse aprendido ali a sua profissão. A existência de fabricantes de corantes tanto em Tiatira como em Filipos é comprovada pelas descobertas arqueológicas. Provavelmente Lídia mudou-se por causa do trabalho, para cuidar do seu próprio negócio, ou até como representante de uma firma de tintureiros tiatirenos. Mais tarde, já em Filipos, Lídia vendia púrpura, o corante, o vestuário e tecidos tingidos.

Esse corante, a púrpura, era extraído de várias fontes. O mais caro era de certos tipos de moluscos marinhos. Segundo Marcial, poeta romano do Século I, um manto da mais fina púrpura de Tiro, chegava a custar 10.000 sestércios, ou 2.500 denários, o equivalente ao salário de 2.500 dias de um trabalhador. É óbvio que essas roupas eram artigos de luxo ao alcance de poucos.

Lídia devia ter recursos financeiros, pois teve condições de receber o apóstolo Paulo e os seus companheiros, Lucas, Silas, Timóteo e outros. Ela foi descrita como "adoradora de Deus", o que indica que poderia ter sido uma gentia convertida ao judaísmo.

Tinha uma boa fonte de rendimento, que fazia dela dona de posses e recursos financeiros, mas esse não foi o maior registo da sua história, porém sim o tempo que reservava para as atividades religiosas ao sábado, enfrentando ainda crescentes sentimentos de antissemitismo.

A vida em Filipos não era fácil para os judeus nem para os prosélitos do judaísmo, visto que, pouco antes da visita de Paulo, o Imperador Cláudio havia banido os judeus de Roma. Havia poucos judeus e nenhuma sinagoga em Filipos, por isso, ao sábado, as mulheres devotas reuniam-se junto a um rio fora da cidade.

A lei romana proibia a prática do judaísmo nos "limites sagrados" de Filipos. Portanto, depois de passar alguns dias lá, os missionários encontraram, no sábado, o tal lugar junto a um rio, fora da cidade, onde *"pensaram haver um lugar de oração"* (Atos 16:12, 13), mas só encontraram mulheres, sendo Lídia uma delas.

Quando o apóstolo Paulo lhes pregou, Lídia escutou com peculiar atenção acerca de Jesus. Depois de ser batizada, junto com os da sua casa, mostrou a sua hospitalidade ao suplicar a Paulo e aos seus companheiros que ficassem no

seu lar.

O escritor do Livro de Atos, companheiro de viagem de Paulo, acrescenta: *"Ela simplesmente nos fez ir."* (Atos 16:11-15).

A Bíblia não especifica quem eram os membros da família de Lídia, que podia ser solteira ou viúva, já que não se fala do marido.

Mais tarde, depois de Paulo e Silas terem sido soltos da prisão, eles regressaram novamente à casa de Lídia. Encorajaram os irmãos ali e então partiram de Filipos [27]. O que nos leva a crer que os crentes na recém-formada congregação filipense usassem a casa de Lídia como local de culto.

Mulheres com o perfil de Lídia, são as que mais encontramos quando falamos de empreendimento. Trabalham fora de casa, são empreendedoras, podem ter cargos políticos ou corporativos, mas na época de Lídia, no primeiro século, as mulheres ficavam em casa e se atinham a trabalhos domésticos ou sem relevância na economia local. Lídia não era judia, portanto não tinha o perfil de uma mulher judia da época.

Apesar de entender que as mulheres judias também pudessem ter a essência de Lídia, elas não tinham essa mentalidade. Vemos nesta mulher, alguém que fez a diferença no novo testamento, alguém que poderia ser uma mulher dos nossos dias atuas. Mulheres multifacetadas e determinadas.

Converso com mulheres em múltiplos lugares do mundo, porque viajo muito, e admiro-me sempre com o sentimento *de sobrevivência* que elas carregam consigo. Não importa a condição social, cor ou grau de instrução, todas elas trabalham, lutam, amam, cuidam, brigam, choram e riem, sempre com a preocupação em suprir, cuidar e prover as necessidades.

Vivendo ou sobrevivendo, elas desembaraçam-se para alcançar os seus objetivos. Como se tivessem sido talhadas para *ajudar* o género masculino, um instinto que talvez tenha vindo de Eva, colocada na criação como adjutora. *"... não é bom que o homem viva só..."* foi a designação que trouxe a mulher à existência."

Apesar de admirarmos essas características femininas de trabalho e disponibilidade, talvez não haja mérito nenhum nisso, provavelmente quiçá a

mulher esteja apenas a cumprir um papel que lhe foi designado.

É verdade que as mulheres se queixam em fazer tanto, porque acumulam diversas funções, dentro e fora de casa, mas talvez isso aconteça porque não conseguem gerir as obrigações que devam ou não fazer, pela sua natureza feminina, o que lhes agrega mais encargos.

Não precisam ser de Tiatira, as mulheres podem ser do Brasil, de Portugal, do Japão, de Moçambique, dos Estados Unidos, da China ou de uma tribo desconhecida em qualquer lugar do planeta, mas as mulheres trabalham. Não apenas por uma questão de sobrevivência, mas por uma questão de ser mulher, para cuidar dos filhos, para suprir as necessidades financeiras da casa, para se realizar, para se completar, enfim, as mulheres trabalham.

As mulheres labutam muito, dentro e ou fora de casa, talvez porque carregam consigo o instinto materno que cuida, pela dedicação amorosa ao marido e pelo serviço adicional no trabalho secular ou na competitividade no mundo empresarial.

A mulher não existe para trabalhar somente, só que o lado laborioso sempre aparece. Porque será? O que fizeram as mulheres nas linhas geracionais anteriores para que elas trabalhem tanto por repetição do modelo feminino anterior? Avós, mães, tias e todo um universo feminino que nos rodeia, ou será que são as habilidades femininas e o cérebro diferenciado dos homens que nos fazem assim?

A grande incompatibilidade entre o homem e a mulher, é esperar atitudes iguais, quando ambos são absolutamente diferentes**.** Se entendessemos isso, os problemas de igualdade seriam resolvidos.

O que Lídia fazia, no seu trabalho secular, não é a questão que evidenciamos aqui, o que nos interessa é o seu coração. Lídia tinha um coração diferente.

O que nos faz melhores ou piores não são as nossas atividades, mas o nosso coração, porque é do coração que procedem as saídas da vida. Nós somos por fora o reflexo daquilo que temos dentro.

Lídia possuía particularidades diferentes das mulheres da cultura judaica de então, era vendedora, comerciante, não se sabe do seu estado civil, porém, percebemos que Lídia não precisava dar satisfações a ninguém. Ela era dona do seu nariz.

Como não era judia, a sua maneira de ver o mundo era diferente das hebreias, ela era de Tiatira, na Ásia, e lá pensavam de outra forma. Ela foi inovadora, para o seu tempo.

O seu perfil diferenciado também nos informa que Lídia era uma mulher

temente a Deus, possivelmente convertida ao judaísmo. Era considerada prosélita, porque havia abraçado uma religião diferente da sua, não adepta da religiosidade pagã comum nas cidades romanas, que prestavam culto ao imperador; culto a deuses e deusas gregas e deuses romanos e cultivam a religião de mistérios.

Nessa época, os judeus tinham alguns costumes religiosos que diferenciavam as mulheres dos homens. As mulheres judaicas se reunirem em oração fora da cidade, isso porque quando não havia dez pessoas representando famílias diferentes, não era possível organizar uma sinagoga, assim sendo, as orações eram feitas ao ar livre.

Foi assim que o apóstolo Paulo encontrou Lídia.

Como missionário, Paulo não utilizava uma única estratégia para pregar o evangelho Ele contextualizava a sua missão, pregava nas sinagogas, discursava nos areópagos, nas praças, e até mesmo levava a mensagem às mulheres. Ele foi para a cidade de Filipos porque teve uma visão, um varão lhe apareceu, dizendo:

"Passa à Macedónia e ajuda-nos." [28]

Deste modo, Paulo, Silas, Lucas e Timóteo fizeram a sua segunda viagem missionária, e encontram com Lídia. Ela ouviu falar das boas novas de Jesus Cristo e, convencida pelo Espírito Santo, abriu o seu coração e aceitou a mensagem. Foi batizada nas águas, juntamente com todos da sua casa, servos e familiares. Então Lídia proporcionou ao apóstolo Paulo o privilégio de ficar em sua casa, porque era uma mulher hospitaleira.

Em Filipos foi organizada a primeira igreja cristã da Europa, a quem o apóstolo Paulo escreve, mais tarde a sua epístola, e esse feito aconteceu devido ao coração de Lídia.

Ela era uma mulher hospitaleira e ser acolhedora é um dom, porque nem todas as pessoas gostam de receber outras em sua casa. Uma coisa é servir um almoço ou um jantar, mas ter alguém a dormir em sua casa e servi-la, não é para todos.

Foi isso que Lídia fez com o apóstolo Paulo e sua equipa.

O seu coração impulsionava-a a fazer essas ações a favor do evangelho. É verdade que ela podia suportar financeiramente essas pessoas em casa, mas fê-lo por amor a Deus e ao evangelho.

Nos dias do Novo Testamento, circulavam as moedas romanas, gregas e judaicas, cunhadas em ouro, prata, bronze ou latão, destacavam-se a tetradracma grega e o denário romano. Lídia a empresária asiática possuía

bens, e certamente muitas moedas como essas para compra e venda de mercadorias, então podia custear e auxiliar na edificação de uma igreja. Como era uma mulher abastada, devido à sua profissão, ajudou com o que tinha e podia, porque o seu coração era um coração doador. Um coração grato e generoso, e ela usou o que tinha para financiar a obra de Deus.

Devemos dar o que temos.

No caso de Lídia, ela tinha dinheiro e deu dinheiro.

Existem pessoas que têm tanto amor que, com apenas um abraço, elas suprem necessidades emocionais de outros, então têm de dar esse abraço. Quando se abraça alguém, é liberta uma hormona chamada ocitocina e consegue-se proporcionar amor e agregar qualidade de vida à outra pessoa.

Há pessoas que tem talentos de organização que podem dar consultoria e ajudam a tantos outros. Elas são excelentes nisso. Mas há outras como Lídia, que possuem recursos financeiros e põe-nos a bom uso para se realizarem.

Só se dá aquilo que se tem, mas quem sabe o que possui para poder dar, repartir e compartilhar, é a própria pessoa.

Não é preciso justificar quando não temos. Deus sabe encontrar-nos nos nossos dons e talentos, quando precisa deles, tal Ele soube onde encontrar Lídia, quando precisou de um *suporte* para Paulo.

Que Deus encontre as *Lídias* de hoje, para que o evangelho continue a ser financiado, administrado, pregado e doado. Que existam mulheres com um coração doador, com um coração hospitaleiro, que sabem receber pessoas, que as amam e que semeiem sementes do fruto do seu trabalho.

Esta é uma característica feminina.

As mulheres têm a capacidade de ver onde há necessidades, não é preciso dizer-lhes o que falta, pois de imediato se empenham para o suprir de alguma forma.

Quem coloca os seus talentos para desenvolver um trabalho, recebe sempre a melhor recompensa do fruto desse trabalho. E quem aprende a dar, dá porque tem alegria. Ninguém dá contrariado.

"Deus ama ao que dá com alegria". [29]

Lídia fazia isso com tal espontaneidade e alegria de servir que na carta de filipenses vemos a resposta a esse ato de generosidade da igreja de Filipos que nasceu na casa de Lídia:

> *"O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus."* [30]

O Deus de Paulo supriria todas as necessidades deles, porque eles não

tiveram problemas em doar na vida de Paulo.

Quero terminar este livro com uma frase de uma pequena mulher, uma adolescente alemã, de origem judaica, vítima do holocausto, a qual, escondida e ciente do fim dos seus dias disse:

"NINGUÉM NUNCA FICOU POBRE POR DOAR E AJUDAR."
(Anne Frank)

Dedicatória

Dedico este livro a todas as
MULHERES

Agradecimentos

Agradeço às mulheres que fazem parte da minha vida
A minha mãe: Umia Smith (Mimi) (in memoria)
A minha irmã: Maria Amélia (Milú)
A minha quase irmã Andréia
A minha sobrinha Luciana (que fez as ilustrações)
E a minha querida filha Rafaela

Prefácio

Antes de encontrar Jesus, eu tinha um desejo enorme de satisfazer o meu interior, e eu procurei Deus em várias fontes: superstição, ocultismo, espiritismo e muitas outras coisas. Mas foi quando deixei de procurar nesses lugares que Ele veio ter comigo, porque Ele sabia que eu queria encontrá-lo, só não sabia como fazê-lo, por isso, de certa forma, identifico-me muito com a mulher Samaritana.

Gosto muito dela porque, como ela, eu estava a procura de preencher o meu coração. A mulher Samaritana não estava à procura de uma cura ou algo material ou financeiro. Ela estava a precisar de uma resposta ao seu coração. Havia uma grande desordem na sua vida, uma *trapalhada* emocional, mas ao mesmo tempo existia um anseio, uma busca, um querer, por isso Jesus lhe deu a resposta a essa procura, e assim como ela, era essa busca interna que eu tinha.

Tal como a mulher Samaritana, eu tinha um vazio dentro de mim, enquanto eu busquei no misticismo, talvez ela tivesse mudado tantas vezes de marido por causa desse vazio, pois nada conseguia preenchê-lo. Nenhum marido lhe "encheu as medidas", e não estou a falar de questões físicas, estou a falar do coração, interiormente. Ela precisava de uma resposta para o seu coração. Ela precisava de um propósito, e o propósito está na resposta que Deus dá à vida de cada mulher.

E esse encontro não dependeu só de Jesus, dependeu do grande desejo que a Samaritana tinha em saber qual era o verdadeiro lugar para ela ir adorar, e como é que a verdadeira adoração podia acontecer.

Coloco uma questão aqui: como é que uma pessoa com a vida *"destrambelhada",* tinha espaço na mente para pensar que havia alguma coisa mais para além daquilo que ela vivia? Ela queria um Deus diferente daquele que lhe falavam. Foi exatamente esse posicionamento dela, que fez com que Jesus se aproximasse.

Existe uma sede dentro de nós que precisa tocar a fonte de água viva. Essa sede nos coloca num pé de igualdade com todas as mulheres, pois estamos secas sem Deus. Essa sequidão pode ser qualquer coisa, uma dor que ninguém conhece, uma dificuldade, uma rejeição, uma falta, um abandono, enfim

qualquer coisa.

As pessoas só conseguem ver o que está do lado de fora, e não conseguem ver o íntimo, aquele lugar onde Deus quer tocar e habitar, é lá que reside a grande sede da nossa vida. É lá onde ela se encontra, no profundo do nosso âmago e só Deus sabe o que se passa.

Tal como Jesus encontrou aquela mulher, Ele encontrou-me a mim. O meu desejo é que todas as mulheres sejam encontradas por Jesus no mais íntimo do seu ser e bebam da água viva.

E também desejo que a essência escondida em cada uma destas mulheres, descritas neste livro, como o riso, a dança, a fidelidade, a paixão, o choro, a liberdade, a maternidade, e muito mais, contido no interior de cada mulher, sob o olhar da Leonette Smith toque, motive e ative o seu coração.

Maria José Gomes

Março de 2020

Alverca – Portugal

Bibliografia

Aftanas, L. I., & Golocheikine, S. A. Human anterior and frontal midline theta and lower alpha reflect emotionally (2001).

Beaumont, J. G. Methods for studying cerebral hemispheric function. In A. W. Young (Ed.). Functions of the right cerebral hemisphere. (1983). London: Academic Press

Bíblia Sagrada (foram usadas várias versões, em português atualizadas e contemporâneas)

C. R. Douglas. Tratado de Fisiologia Aplicado à Saúde. 5ª edição; Guanabara Koogan.

Damásio. A. O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano (1994). Editora: Temas e Debates

DEUTSCH, S. Música e Dança de Salão: Interferência da Audição e da Dança nos estados de Ânimo. São Paulo: USP. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. (1997). Instituto de Psicologia, USP, São Paulo

Ferrell, A.M. Iniquidade. (2009). Editora Propósito Eterno. Rio de Janeiro

Gazzaniga, M.S., Ivry, R., & Mangun, G.R.: Cognitive Neuroscience: The Biology of the Mind. (2008). W.W. Norton. 3rd Edition

Goleman, D. J. Inteligência Emocional (Português) (1997). Editora: Temas e Debates

História antiga dos hebreus Sites de pesquisa na internet

Josefo, F. História dos Hebreus. (2018). CPAD, Rio de Janeiro

Lambert, E. A terapia do Riso. a cura pela alegria Edição: (1999). Editora

Pensamento ISBN: 9788531511257

Mark e Patti Virkler. Quatro Chaves Para Ouvir a Voz de Deus. Ebook ISBN 978-0-7684-9121-0

Neto AA, Saavedra LH. Diga NÃO para o Bullying. (2004). ABRAPI. Rio de Janeiro

Perego, Giacomo. Atlas Bíblico Interdisciplinar. (2001) Editora Paulus. São Paulo.

Portner, M. A genialidade na palma da mão. Habilis Press Editora (978-85-60967-17-9)

Tomasello, M. (1999). The cultural origins of human cognition. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Tomitch, L. Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares. (2004). Artmed. Porto Alegre

Wikipédia enciclopédia livre (para consulta)

Contactos

Olá

Que bom que chegou ao final da leitura das 12 mulheres.

Espero que este conteúdo tenha feito sentido para si, e se fez sentido ou se identificou com alguma das 12 mulheres, compartilhe comigo. Gostaria de ouvir a sua opinião e ter a sua interação pessoal, até mesmo, contando-me a sua história.

Escreva-me um email, ou encontre-me nas redes sociais que eu responderei com muito gosto.

leonettepsicologa@gmail.com

Nas 12 mulheres identifiquei atributos escondidos em cada uma das mulheres, e em inúmeras situações no nosso cotidiano podemos usar esses atributos.

Podemos rir assim como Sara para destravar bloqueios internos diante das impossibilidades, dançar como Miriam e usar as propriedades da dança para tranquilizar, acalmar e ter qualidade de vida. Ser mãe como Débora e influenciar as próximas gerações. Talvez seja uma estrangeira como eu, e em um mundo onde os estrangeiros e clandestinos circulam, aprender a reintegrar-se como a estrangeira Rute, usar o choro de Ana para gerar as impossibilidades na vida. aprender com Ester o valor e a beleza da intercessão e mudar a vida de um povo, despertar a paixão e o amor nos segredos da Sulamita, aprender no silêncio de Maria o destino, a chamada e o propósito.

Descobrir em Marta e Maria que há vida com qualidade, além da produtividade física usando a outra parte do cérebro e desbravando novos patamares, para encontrar a verdadeira essência e saciar a fonte interna com água viva, no discurso da Samaritana.

Desfrutar da liberdade depois de amarras vividas com possessões demoníacas na vida de Madalena, e por fim talvez seja uma mulher contemporânea, e se identifique com empreendedorismo de Lídia a vendedora de púrpura.

Agora, quero propor-lhe um desafio

Se em alguma destas mulheres conseguiu reconhecer alguma amiga sua

que precisa de ajuda, ofereça um livro das 12 mulheres e dê o meu contacto.

Juntas podemos nos ajudar e fazer a nossa vida valer a pena.

Aguardo a vosso contacto.

Com carinho
Leonette Smith
(psicóloga)

leonettepsicologa@gmail.com

psicologaleonettesmith

iDream

A iDream é uma editora de autor.
Existe para realizar sonhos de autores.
E inspirar sonhos de leitores…

Se tem o sonho de publicar um livro, fale connosco.
Os nossos livros estão disponíveis online através do site.
publicacoes.info@gmail.com
www.idream.info

---

[1] *"Não vivam como vivem as pessoas deste mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma completa mudança da mente de vocês."* Romanos 12:2 (NTLH)

[2] Génesis 19:37

[3] *Bullying* é um termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo, bully ou "valentão", ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo, ou grupo de indivíduos, incapazes de se defender.

[4] Uma curiosidade à parte, é irónico haver fome em um lugar que se chama CASA DO PÃO, pois este é o significado de Belém.

[5] *Chemosh (Quemos ou Camos),* era a principal deidade moabita, cuja ira se aplacava com sacrifícios

humanos, como outras religiões cananeias da época.

[6] Rute 1:17

[7] *A Lei da Remissão*: Levítico 25:23-28; Rute 4:7-12

[8] Mateus 1:5

[9] Mateus 5:4

[10] 1 Samuel 1

[11] Ester 1:4-5

[12] Cânticos 1:6

[13] Cânticos 5:8

[14] Cânticos 8:5-14

[15] Cânticos 6:3

[16] Cânticos 8:6

[17] Cantares 8:7

[18] Mateus 1:18-25

[19] Lucas 1:31, 38

[20] Eclesiastes 10:2

[21] João 4:9

[22] João 10:10; 1 João 3:8

[23] Efésios 4:27

[24] Êxodo 20:5

[25] Marcos 16:17

[26] Salmo 51:5

[27] Atos 16:36-40

[28] Atos 16:9

[29] 2 Coríntios 9:7

[30] Filipenses 4:19